

**SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**EDUARDO CARLOS GONÇALVES FIGUEIREDO**

**PERCEPÇÃO DE COMPETÊNCIA PESSOAL DE TENISTAS**

Dissertação de Mestrado apresentada como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação Física, no Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná.



**CURITIBA  
2010**

**Eduardo Carlos Gonçalves Figueiredo**

**PERCEPÇÃO DE COMPETÊNCIA  
PESSOAL DE TENISTAS**

Dissertação de Mestrado apresentada como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação Física, no Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Joice Mara Facco Stefanello

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu pai Jasson (em memória) que me levou para iniciar a jogar tênis; à minha mãe pela sabedoria da educação; à minha mulher Andréa e aos meus filhos Felipe e Henrique, que me apoiaram com orgulho e souberam esperar com paciência a conclusão do mestrado em detrimento da vida familiar. Muito devo também à minha orientadora Joice, pela disposição com que sempre me orientou.

Muito obrigado de coração.

## AGRADECIMENTOS

*Gostaria de agradecer a todos aqueles que fizeram parte deste período da minha vida, que acompanharam os momentos de alegria e dificuldades e que contribuíram me incentivando a seguir estudando.*

*Ao Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná e ao Programa de Mestrado em Educação Física pelo acolhimento recebido e a disponibilização da estrutura oferecida nestes dois anos de mestrado.*

*Ao professor Ricardo Weigert Coelho pelo apoio no processo de seleção e incentivo ao estudo.*

*À minha orientadora, que sempre esteve presente em todos os momentos em que precisei. Pela sabedoria com que me orientou e transmitiu conhecimentos que muito me enriqueceram, pela compreensão das dificuldades que tive e pela confiança que teve em mim.*

*Aos Professores Doutores Maurício Bara Filho, Ricardo Weigert Coelho, André Luiz Félix Rodacki, Christi Noriko Sonoo (UEM), que se disponibilizaram a compor a banca de qualificação e também aos Professores Doutores André Luiz Félix Rodacki e Christi Noriko Sonoo (UEM), que compuseram a banca examinadora final.*

*Aos docentes do Programa, Professores Doutores. Ricardo Weigert Coelho, Rodrigo Siqueira Reis, Joice Mara Facco Stefanello, Fernando Louzada, André Luiz Félix Rodacki.*

*À Confederação Brasileira de Tênis, pela autorização cedida para a realização das coletas e ao Departamento de Capacitação da CBT, pelo apoio recebido.*

*À Federação Paranaense de Tênis, pela facilidade de acesso aos torneios e atletas.*

*À Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom Jesus, através de sua unidade Academia Viva Esporte, pelo apoio e flexibilidade total de horário de trabalho, sem o qual não seria possível a conclusão deste curso.*

*Aos colegas funcionários, treinadores de tênis e diretores da Academia Viva Esporte que sempre me apoiaram e souberam, com harmonia, entender e organizar minhas ausências e oscilações emocionais.*

*Aos meus alunos, que me inspiravam todos os dias com seus comportamentos e atitudes e, a cada artigo lido, uma nova maneira de vê-los.*

*Aos treinadores dos alunos, que participaram das coletas e que ajudaram a convencê-los a participar, e aos pais dos atletas que sempre foram muito atenciosos.*

*Aos colegas alunos do mestrado, que sempre proporcionaram um ambiente descontraído e solidário neste período.*

*À Professora Ms. Luciana da Silva Timossi, pelos ensinamentos estatísticos e a fantástica prontidão em ajudar.*

*À Professora Ms. Schelyne Ribas da Silva, pelos esclarecimentos valiosos sobre a aplicação da Escala de Percepção de Competência.*

*Ao Daniel Dias, secretário do Programa de Pós-Graduação, que foi fundamental na orientação para a apresentação do projeto perante o Comitê de Ética.*

*À minha família, que esteve sempre ao meu lado, sacrificando inúmeros finais de semana e que me apoiaram e incentivaram desde o início do mestrado até a sua conclusão.*

*A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram de alguma forma para a realização deste estudo.*

**Muito Obrigado.**

## RESUMO

O presente estudo, caracterizado como um delineamento descritivo correlacional, teve como objetivo verificar o grau de associação entre a Percepção de Competência Pessoal de tenistas da Categoria 12 Anos Masculino, as posições por eles ocupadas no *Ranking* Brasileiro, a Experiência Geral e o Aproveitamento Esportivo dos atletas. A amostra selecionada de forma voluntária não probabilística foi constituída por 29 atletas de tênis da Categoria 12 Anos Masculino, participantes do *Ranking* Brasileiro. Para a coleta de dados utilizou-se um Questionário de Anamnese, o *Ranking* Brasileiro, a Ficha Técnica da Confederação Brasileira de Tênis e a Escala de Percepção de Competência (EPC). Para a análise dos dados foi utilizado o teste de regressão linear simples, adotando-se como intervalo de confiança  $p \leq 0.05$ . Os resultados revelaram uma correlação positiva entre o *Ranking* e a PC Atlética, embora não tenham permitido determinar a relação entre a Percepção de Competência Pessoal dos tenistas com as posições por eles ocupadas no *Ranking* Brasileiro. Altas correlações foram encontradas entre o *Ranking* e o Aproveitamento Esportivo ( $p < 0,01$  e  $r = 0,88$ ) e entre o *Ranking* e a Experiência Geral ( $p < 0,01$  e  $r = 0,82$ ). Com o presente estudo, pôde-se concluir que os tenistas da Categoria 12M, independentemente das posições ocupadas no *Ranking* Brasileiro, apresentam uma alta PC Atlética e que a relação entre o ranking, o aproveitamento esportivo e a experiência geral dos atletas parece estar associada às regras estabelecidas pela CBT, que atribui pontos proporcionais às rodadas alcançadas pelos atletas, além de premiar com pontos os jogadores que participam de torneios oficiais mesmo perdendo na primeira rodada.

Palavras-Chave: Percepção de Competência; Tênis; Crianças

## ABSTRACT

The purpose of this correlational descriptive design research was to investigate the association of perceived competence of male tennis players; aged under 12 years old with their Brazilian's ranking positions, their general experience and their success sport rate. The study's sample was composed of 29 boys under 12 years old from national Brazilian Ranking. Were used as instruments the Perceived Competence Scale (Harter, 1985, adapted to Portuguese by Fiorese, 1993), the Brazilian Ranking, the player's technical sheet of Brazilian Tennis Confederation (CBT) and a questionnaire made by author. All the variables were tested with normality test Kolmogorov-Smirnov and the variable general experience was also tested through bivariate normality test with all the others variables. Multiple regression and Linear regression was conduct with all variables and the adopted interval confidence was  $p \leq 0,05$ . The results showed that athletic perceive competence and Ranking was significant but weak ( $p=0,44$  and  $r=0,38$ ) therefore the  $H_1$  could be partially accept. It was not possible to confirm that the players on the best positions of the Brazilian Ranking has better perceived competence than the players on the lower positions of the Brazilian ranking. The results showed also that tennis players under 12 has high perceived competence ( $3,17 \pm 0,44$ ). The high correlations between Ranking, success sport rate ( $p < 0,01$  e  $r = 0,88$ ), and their General Experience ( $p < 0,01$  e  $r = 0,84$ ), allowed to accept that these results are due the rules of Brazilian ranking imposed by CBT that give points not only for player who wins but also for the ones who loses in the first round of the officials tournaments.

Key-words: Perceived Competence; Tennis; Children

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - TEORIA DA INTERAÇÃO ENTRE COMPETÊNCIA E MOTIVAÇÃO	28
FIGURA 2 - TERMOS COMUMENTE USADOS PARA DESCREVER A PERCEÇÃO DO INDIVÍDUO SOBRE SEU PRÓPRIO EU	32
FIGURA 3 - ANÁLISE HIERÁRQUICA DO DESENVOLVIMENTO DO AUTOCONCEITO	33
FIGURA 4 - EXEMPLO DE RANKING DA CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE TÊNIS	34
FIGURA 5 - NORMALIDADE PARA PERCEÇÃO DE COMPETÊNCIA ATLÉTICA	47
FIGURA 6 - NORMALIDADE PARA A EXPERIÊNCIA GERAL	48
FIGURA 7 - NORMALIDADE BIVARIADA ENTRE A EXPERIÊNCIA GERAL E PERCEÇÃO DE COMPETÊNCIA ATLÉTICA	49
FIGURA 8 - REGRESSÃO LINEAR SIMPLES ENTRE O RANKING BRASILEIRO E A MÉDIA GERAL DA PCP	52
FIGURA 9 - REGRESSÃO LINEAR SIMPLES ENTRE O APROVEITAMENTO ESPORTIVO E A MÉDIA GERAL DA PCP	53
FIGURA 10 - REGRESSÃO LINEAR SIMPLES ENTRE A EXPERIÊNCIA GERAL E A MÉDIA GERAL DA PCP	54
FIGURA 11 - REGRESSÃO LINEAR SIMPLES ENTRE RANKING BRASILEIRO E PC ATLÉTICA	55
FIGURA 12 - REGRESSÃO LINEAR SIMPLES ENTRE RANKING BRASILEIRO E EG	56
FIGURA 13 - REGRESSÃO LINEAR SIMPLES ENTRE RANKING BRASILEIRO AE	56
FIGURA 14 - REGRESSÃO LINEAR SIMPLES ENTRE PC ESCOLAR E PC ATLÉTICA	58
FIGURA 15 - REGRESSÃO LINEAR SIMPLES ENTRE PC AFETIVA E PC ATLÉTICA	59
FIGURA 16 - REGRESSÃO LINEAR SIMPLES ENTRE APARÊNCIA FÍSICA E PC AFETIVA	59
FIGURA 17 - REGRESSÃO LINEAR SIMPLES ENTRE APARÊNCIA FÍSICA E PC COMPORTAMENTAL	61



FIGURA 18 - REGRESSÃO LINEAR SIMPLES ENTRE APARÊNCIA FÍSICA E AUTOCONCEITO GERAL.....	61
FIGURA 19 - REGRESSÃO LINEAR SIMPLES ENTRE PC ATLÉTICA E EG.....	62
FIGURA 20 - REGRESSÃO LINEAR SIMPLES ENTRE PC AFETIVA E AE.....	63
FIGURA 21 - REGRESSÃO LINEAR SIMPLES ENTRE PC ATLÉTICA E AE.....	64

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – PONTUAÇÃO DOS GRUPOS EM SUAS RESPECTIVAS RODADAS.....	35
QUADRO 2 – RANKING COMO VARIÁVEL DEPENDENTE.....	45
QUADRO 3 – DOMÍNIOS DA PERCEPÇÃO DE COMPETÊNCIA PESSOAL COMO VARIÁVEIS DEPENDENTES .....	45

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - DADOS OBTIDOS DO QUESTIONÁRIO DE ANAMNESE.....	39
TABELA 2 - DADOS OBTIDOS PELA FICHA TÉCNICA DA CBT.....	39
TABELA 3 - ESCALA DE PERCEPÇÃO DE COMPETÊNCIA DOS TENISTAS.....	49
TABELA 4 - REGRESSÃO LINEAR MÚLTIPLA PARA <i>RANKING</i> E PCP.....	51
TABELA 5 - REGRESSÃO LINEAR MÚLTIPLA PARA AE E PCP.....	52
TABELA 6 - REGRESSÃO LINEAR MÚLTIPLA PARA EG E PCP.....	53
TABELA 7 - REGRESSÃO LINEAR PARA <i>RANKING</i> .....	55
TABELA 8 - REGRESSÃO LINEAR PARA PERCEPÇÃO DE COMPETÊNCIA ESCOLAR.....	57
TABELA 9 - REGRESSÃO LINEAR PARA PERCEPÇÃO DE COMPETÊNCIA AFETIVA.....	58
TABELA 10 - REGRESSÃO LINEAR PARA PERCEPÇÃO DE COMPETÊNCIA ATLÉTICA.....	59
TABELA 11 - REGRESSÃO LINEAR PARA PERCEPÇÃO DE COMPETÊNCIA APARÊNCIA FÍSICA.....	60
TABELA 12 - REGRESSÃO LINEAR PARA PERCEPÇÃO DE COMPETÊNCIA COMPORTAMENTAL.....	62
TABELA 13 - REGRESSÃO LINEAR PARA PERCEPÇÃO DE COMPETÊNCIA AUTOCONCEITO GERAL.....	62
TABELA 14 - REGRESSÃO LINEAR PARA APROVEITAMENTO ESPORTIVO E PCP.....	63

## LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE 1. AUTORIZAÇÃO DO CLUBE.....	88
APÊNDICE 2. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO TCLE.....	90
APÊNDICE 3. AUTORIZAÇÃO DA CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE TÊNIS CBT.....	93
APÊNDICE 4. QUESTIONÁRIO DE ANAMNESE.....	95
APÊNDICE 5. NORMALIDADE UNIVARIADA.....	96
APÊNDICE 6. NORMALIDADE BIVARIADA.....	98

## LISTA DE ANEXOS

ANEXO 1. REGULAMENTO DO RANKING DA CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE TÊNIS.....	102
ANEXO 2. ESCALA DE PERCEPÇÃO DE COMPETÊNCIA.....	108
ANEXO 3. EXEMPLO DE FICHA TÉCNICA 2009 – CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE TÊNIS.....	114
ANEXO 4. EXEMPLO DE RANKING DA CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE TÊNIS.....	115

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

- PC - Percepção de Competência
- PCP - Percepção de Competência Pessoal
- CBT - Confederação Brasileira de Tênis
- ITF - *International Tennis Federation*
- RB - *Ranking* Brasileiro
- AE - Aproveitamento Esportivo
- EG - Experiência Geral
- 12M - Categoria até 12 anos Masculino
- IMC - Índice de Massa Corporal
- FPT - Federação Paranaense de Tênis
- PCS - *Perceived Competence Scale*
- EPC - Escala de Percepção de Competência
- KS - Kolmogorov-Smirnov
- DP - Desvio-padrão
- M - Média
- H - Hipótese

# SUMÁRIO

DEDICATÓRIA.....	03
AGRADECIMENTOS.....	04
RESUMO.....	06
ABSTRACT.....	07
LISTA DE FIGURAS.....	08
LISTA DE QUADROS.....	10
LISTA DE TABELAS.....	11
LISTA DE APÊNDICES.....	12
LISTA DE ANEXOS.....	13
LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS.....	14
SUMÁRIO.....	15
<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>18</b>
1.2 OBJETIVOS.....	20
1.2.1 Objetivo Geral.....	20
1.2.2 Objetivos Específicos.....	21
1.3 HIPÓTESES.....	21
<b>2 REVISÃO DE LITERATURA.....</b>	<b>22</b>
2.1 TÊNIS DE CAMPO.....	22
2.1.1 Origem do Tênis de Campo a partir de <i>Jeu de Paume</i> .....	22
2.1.2 O <i>Lawn Tennis</i> .....	23
2.1.3 Especificidades do Tênis.....	24
2.2 A PRÁTICA ESPORTIVA PARA CRIANÇAS E JOVENS.....	25
2.3 PERCEPÇÃO DE COMPETÊNCIA PESSOAL.....	27
2.3.1 Percepção de Competência Pessoal e Motivação.....	28
2.3.2 Percepção de Competência Pessoal, Autoconceito, Aparência Física e Autoestima.....	31
2.4 <i>RANKING</i> .....	34
2.4.1 <i>Ranking</i> e Sucesso Esportivo.....	36
<b>3. METODOLOGIA.....</b>	<b>38</b>
3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO.....	38
3.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA.....	38
3.3 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS.....	40
3.3.1 Avaliação da Percepção de Competência Pessoal.....	40

3.3.2 Avaliação do Aproveitamento Esportivo .....	41
3.3.3 Avaliação da Experiência Geral do Atleta .....	42
3.3.4 Avaliação do <i>Ranking</i> .....	43
3.3.5 Medidas de Pesos e Altura.....	43
3.4 VARIÁVEIS DO ESTUDO E PROCEDIMENTOS ESTATÍSTICOS .....	43
3.5 LIMITAÇÕES DO ESTUDO .....	46
<b>4 RESULTADOS</b> .....	<b>47</b>
4.1 TESTES DE NORMAIDADE .....	47
4.1.1 Normalidade univariada e bivariada .....	47
4.2 ESCALA DE PERCEPÇÃO DE COMPETÊNCIA.....	49
4.3 REGRESSÃO LINEAR.....	51
4.3.1 Regressão Linear múltipla entre o <i>Ranking</i> e os domínios da PCP .....	51
4.3.2 Regressão Linear múltipla entre o Aproveitamento Esportivo e os domínios da PCP .....	52
4.3.3 Regressão Linear múltipla entre a Experiência Geral e os domínios da PCP .....	53
4.3.4 Regressão Linear simples entre o <i>Ranking</i> , os domínios da PCP, a Experiência Geral e o Aproveitamento Esportivo.....	54
4.3.5 Regressão Linear simples entre os domínios da Percepção de Competência Pessoal.....	56
4.3.5.1 Regressão Linear entre a PC Escolar e os demais domínios da PCP .....	57
4.3.5.2 Regressão Linear entre a PC Afetiva e demais domínios da PCP.....	58
4.3.5.3 Regressão Linear entre a PC Atlético e os demais domínios da PCP.....	59
4.3.5.4 Regressão Linear entre a PC Aparência Física, a PC Comportamental e a PC Autoconceito Geral.....	60
4.3.5.5 Regressão Linear entre a PC Comportamental e a PC Autoconceito Geral.....	61
4.3.5.6 Regressão Linear entre os domínios da PCP e a Experiência Geral.....	61
4.3.5.7 Regressão Linear entre os domínios da PCP e o Aproveitamento Esportivo.....	62
<b>5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b> .....	<b>65</b>
5.1 PCP E <i>RANKING</i> BRASILEIRO .....	65
5.2 <i>RANKING</i> BRASILEIRO E APROVEITAMENTO ESPORTIVO.....	70
5.3 <i>RANKING</i> BRASILEIRO E EXPERIÊNCIA GERAL.....	70



5.4 RELAÇÕES ENTRE OS DOMÍNIOS DA PCP .....	71
5.5 PCP E EXPERIÊNCIA GERAL .....	74
5.6 PCP E APROVEITAMENTO ESPORTIVO .....	75
<b>6 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES .....</b>	<b>77</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>79</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>87</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>101</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Muitas crianças buscam divertimento na prática esportiva, enquanto outras procuram o esporte para fazer algo em que julgam ser boas, melhorar suas habilidades, fazer exercícios, ficar em forma, fazer amigos e competir. Contudo, observa-se que o maior número de crianças que participam de esportes organizados encontra-se entre 10 e 13 anos de idade, declinando consistentemente por volta dos 18 anos. A partir dessa idade, a taxa de abandono atinge em média 35% a cada ano, ou seja, três a quatro, entre dez, abandonarão o esporte no ano seguinte (EWING; SEEFELDT, 1989).

Algumas das razões mais comuns para esse abandono são as mudanças de interesse da criança, a baixa proficiência na modalidade, o pouco divertimento, a participação em outro esporte, a pressão excessiva, o fato de não gostarem do treinador, o treino ser muito duro, as derrotas sucessivas e a supervalorização da vitória (GOULD *et al.*, 1982). Entre 11 e 13 anos de idade, o abandono mais frequente ocorre, principalmente, por falta de experiências de sucesso (WEINBERG; GOULD, 2008).

As experiências de sucesso relacionam-se fortemente com uma percepção de competência positiva (BALAGUER; *et al.*, 1999), especialmente quando os atletas se sentem importantes e valorizados no contexto do treino e da competição (BALAGUER; *et al.*, 1999; VILWOCK; VALENTINI, 2007). A criança que faz uma avaliação de sua competência em determinado domínio adota um julgamento próprio que a leva a uma orientação motivacional (intrínseca ou extrínseca), que influencia sua escolha e permanência nas atividades (HARTER, 1992). Assim, a percepção de competência positiva, leva as crianças a envolverem-se na atividade por prazer e diversão e a demonstrarem vontade de iniciar e permanecer no esporte, além de aumentar as chances de conseguir um bom desempenho (WOODS; *et al.*, 2007).

O controle, a estabilidade emocional e as atribuições aos resultados de forma controlada são, portanto, aspectos normalmente revelados por atletas que obtêm sucesso e que apresentam uma percepção de competência positiva sobre suas atuações. Ao contrário de atletas com percepção de competência negativa, que percebem suas performances como sendo de menos sucesso (Mc AULEY, 1985). Desse modo, a falta de diversão decorrente da pouca habilidade esportiva contribui

significativamente para o pouco envolvimento de crianças e adolescentes em programas esportivos (WOODS *et al.*, 2007), especialmente, porque as crianças com baixa percepção de competência focalizam objetivos de resultados e vivenciam experiências consideradas estressantes (BALAGUER; *et al.*, 1999; WEINBERG; GOULD, 2008). Assim, é bastante comum que crianças com baixa percepção de competência de suas capacidades e desempenho não participem ou abandonem precocemente a prática esportiva (WEISS; CHAUMETON, 1992; WEISS; FERRER-CAJA, 2002).

Os principais motivos para a prática esportiva de crianças com baixa percepção de competência pessoal relacionam-se ao conceito externo de aparência física e reconhecimento social (SEIDAH; BOUFFARD, 2007). Nos torneios da Confederação Brasileira de Tênis (CBT) da categoria até 12 anos masculino (12M), por exemplo, percebe-se que os jogadores mais bem colocados no *Ranking* possuem características antropométricas avantajadas que influenciam o seu comportamento em quadra, demonstrando-se mais ofensivos e intimidando os adversários, que, muitas vezes, não conseguem passar das primeiras rodadas da competição<sup>1</sup>. Entretanto, uma preocupação excessiva com a aparência física (um elevado grau de insatisfação com a sua aparência) pode levar a criança a desenvolver baixos níveis de autoestima e de percepção de competência pessoal, especialmente nos domínios sociais (SEIDAH; BOUFFARD, 2007).

Partindo desse pressuposto, uma tarefa crucial para treinadores e líderes no esporte infanto-juvenil é descobrir meios de melhorar a percepção de competência pessoal dos atletas, ensinando-os a avaliarem a si mesmos a partir dos seus próprios padrões de desempenho e não com base em resultados de vitória ou derrota. O desenvolvimento de uma percepção de competência positiva, além de promover a motivação intrínseca e a autoconfiança, pode contribuir para a formação de um autoconceito e de uma autoestima mais realistas, fundamentais para uma melhor formação esportiva e para a manutenção de crianças e jovens em programas de esporte competitivo (RYAN; *et al.*, 1997; TENENBAUM; *et al.*, 2005; WEISS; PETLICHKOFF, 1989). Percebe-se que os indivíduos com alta autoestima tendem a responder melhor perante o insucesso do que suas contrapartes e por isso ganham uma vantagem no desempenho esportivo. Além disso, os atletas que têm alta

---

<sup>1</sup> Os torneios oferecidos pela CBT são realizados em formato de eliminatória simples, ou seja, o jogador que perder a partida está eliminado do torneio e não volta a jogar.

autoestima tendem a apresentar um sentimento de felicidade significativamente maior (CASSIDY; CONROY, 2004).

Diante dos argumentos apresentados e da escassez de estudos que avaliam a relação entre a percepção de competência pessoal (VILWOCK; VALENTINI, 2007; GAO, 2008), o sucesso esportivo (LI; *et al*, 2005) e a autoimagem (KAKESHITA; ALMEIDA, 2006), a presente investigação pretende avaliar o grau de associação entre a percepção de competência pessoal de atletas de tênis da Categoria até 12 anos Masculino, a posição por eles ocupada no *ranking* brasileiro, o aproveitamento esportivo e a experiência geral dos atletas.

Por ser um esporte que não permite que o atleta divida a responsabilidade de insucessos, o impacto de uma derrota e a cobrança por resultados são fatores que podem diminuir a percepção de competência de tenistas, podendo levá-los ao abandono precoce da prática esportiva (WEISS; CHAUMETON, 1992; WEISS; FERRER-CAJA, 2002). Assim, a compreensão dos mecanismos relacionados à percepção de competência pessoal e suas implicações sobre a carreira do esportista devem ser uma preocupação constante para todos os envolvidos no processo esportivo. Nesse sentido, o presente estudo visa contribuir para orientar o desenvolvimento e a aplicação de estratégias de treinamento que levem em consideração o desenvolvimento de uma percepção de competência positiva dos atletas desde a iniciação esportiva, a fim de estimular a manutenção de crianças e jovens em programas de esporte competitivo.

## 1.2 OBJETIVOS

### 1.2.1 Objetivo Geral

Avaliar o grau de associação entre a Percepção de Competência Pessoal (PCP) de atletas de tênis da Categoria até 12 anos Masculino (12M), a posição por eles ocupada no *Ranking* Brasileiro (RB), o Aproveitamento Esportivo (AE) e a Experiência Geral (EG) do atleta.

### 1.2.2 Objetivos Específicos

Determinar o grau de associação entre a PCP e a posição ocupada no *Ranking* Brasileiro pelos atletas de tênis da Categoria 12M.

Determinar o grau de associação entre a posição ocupada no *Ranking* Brasileiro e o Aproveitamento Esportivo (AE) de atletas de tênis da Categoria 12M.

Determinar o grau de associação entre a posição ocupada no *Ranking* Brasileiro e a Experiência Geral (EG) de atletas de tênis da Categoria 12M.

Determinar o grau de associação entre os domínios da PCP de atletas de tênis da Categoria 12M.

Determinar o grau de associação entre a PCP e a Experiência Geral (EG) de atletas de tênis da Categoria 12M.

Determinar o grau de associação entre a PCP o AE de atletas de tênis da Categoria 12M.

### 1.3 HIPÓTESES

H<sub>1</sub>: Os atletas da categoria 12M que ocupam as melhores posições no *Ranking* Brasileiro apresentam melhor PCP (Escolar; Afetiva; Atlética; Aparência Física; Comportamental e Autoconceito Geral).

H<sub>2</sub>: Os atletas da categoria 12M que ocupam as melhores posições no *Ranking* Brasileiro apresentam melhor Aproveitamento Esportivo.

H<sub>3</sub>: Os atletas da categoria 12M que ocupam as melhores posições no *Ranking* Brasileiro apresentam maior Experiência Esportiva Geral.

H<sub>4</sub>: Todos os domínios da PCP (Escolar; Afetiva; Atlética; Aparência Física; Comportamental e Autoconceito Geral) apresentam uma forte correlação positiva.

H<sub>5</sub>: Os atletas de tênis da categoria 12M que apresentam melhor PCP (Escolar; Afetiva; Atlética; Aparência Física; Comportamental e autoconceito Geral) possuem maior Experiência Esportiva Geral.

H<sub>6</sub>: Os atletas de tênis da categoria 12M que apresentam melhor PCP (Escolar; Afetiva; Atlética; Aparência Física; Comportamental e autoconceito Geral) possuem melhor Aproveitamento Esportivo.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 TÊNIS DE CAMPO

#### 2.1.1 A origem do Tênis a partir de *Jeu de Paume*

Há muitas teorias para o surgimento do tênis, mas há um consenso de que a França estabeleceu as bases reais do jogo com o surgimento do "*jeu de paume*" (jogo da palma), no final do século XII e início do XIII ([www.cbtenis.com.br](http://www.cbtenis.com.br); acesso em 03 de março de 2010).

No tênis primitivo as raquetes não eram empregadas. Os jogadores usavam as mãos nuas e depois optaram por usar luvas. No século XIV, já havia jogadores que usavam um utensílio de madeira em forma de pá, conhecido como "*battoir*" e que mais tarde recebeu um cabo e também as cordas trançadas. Era o nascimento da raquete, uma invenção italiana. Com o tempo, o tênis deixou de ser jogado com a bola contra o muro, passando a ser praticado em um retângulo dividido ao meio por uma corda. Surgiu, assim, o "*longue-paume*", que permitia a participação de até seis jogadores de cada lado. Mais tarde apareceu o "*court-paume*", jogo similar, disputado em recinto fechado, mas de técnica mais complexa e exigindo uma superfície menor para sua prática ([www.cbtenis.com.br](http://www.cbtenis.com.br); acesso em 03 de março de 2010).

Muitos reis da França tinham no "*jeu de paume*" sua principal diversão, chegando a ponto de o rei Luís XI decretar que a bola de tênis teria uma fabricação específica: com um couro especialmente escolhido, contendo chumaço de lã comprimida, proibindo o enchimento com areia, giz, cal, cinza, terra ou qualquer espécie de musgo. Para se ter uma idéia do crescimento do esporte na França, o rei Luís XII (1498 a 1515) pediu a um francês de nome Guy Forbert para codificar as primeiras regras e regulamentos e fez construir em Órleans, cidade onde tinha o seu palácio, nada menos que 40 quadras ([www.wikipedia.org](http://www.wikipedia.org), acesso em 03 de março de 2010; [www.cbtenis.com.br](http://www.cbtenis.com.br); acesso em 03 de março de 2010).

### 2.1.2 O *Lawn Tennis*

O Major Walter Clopton Wingfield é apontado como o criador do tênis por alguns autores ingleses, mas em 1858, na cidade de Birmingham, ou mais propriamente no distrito de Edgbaston, o português João Batista Pereira jogou uma partida de *lawn tennis* - ou algo similar ao jogo, sobre a grama com o Major T. H. Gemm, acontecimento esse que deu origem à evolução da nova modalidade de esporte - o *Lawn Tennis* (GILLMEISTER, 2008).

Na "História do Tênis", de Lance Tingay, ressalta-se que o *Lawn Tennis*, tal como o críquet, o futebol e o golfe, não tem propriamente inventor, é uma questão mais de evolução do que invenção. A Enciclopédia Espanhola tem uma gravura, mostrando a Rainha Vitória dando o "saque inicial" de uma partida de tênis no Parque de Wimbledon, em uma cerimônia presenciada por milhares de pessoas, banda de música, altos dignatários, chefes de exércitos e o mais curioso de tudo: a data de 1860, muito antes da "invenção" do Major Wingfield em 1873 e da inauguração do Torneio de Wimbledon, dezessete anos mais tarde, em 1877 (GILLMEISTER, 2008).

O que Wingfield fez foi patentear em 1874 um "kit" de madeira, tendo um manuscrito com o regulamento e detalhes do jogo, quatro raquetes, a rede e as bolas. Ele vendia essa caixa por cinco guinéus. Para aceitar as idéias de Wingfield foi convocada uma reunião pública em Londres, que em 25 de maio de 1875, aprovaram o novo código do *Lawn Tennis*, inclusive a tão discutida pontuação em fração de 15 pontos ([www.wikipedia.org](http://www.wikipedia.org), acesso 03 de março de 2010; [www.cbtenis.com.br](http://www.cbtenis.com.br); acesso em 03 de março de 2010).

Hoje, como esporte consagrado, o Tênis, pelas regras oficiais, é caracterizado por uma atividade esportiva, jogado em uma quadra retangular (23,77 m x 8,23 m para a simples e 23,77 m x 10,97 m) separada no meio por uma rede com altura de 0,94 m no centro e 1,06 nas laterais. O jogo estabelece que dois jogadores devam golpear uma bola de tênis de um lado para o outro com uma raquete. Basicamente, conquistam-se pontos quando o adversário golpeia uma bola para fora da quadra, deixa a bola pular duas vezes em seu lado ou golpeia a bola na rede, os detalhes das regras estão disponíveis no site da Confederação Brasileira de Tênis ([www.itftennis.com](http://www.itftennis.com); acesso em 03 de março de 2010; [www.wikipedia.org](http://www.wikipedia.org); acesso em 03 de março de 2010; [www.cbtenis.com.br](http://www.cbtenis.com.br); acesso em 03 de março de 2010).

### 2.1.3 Especificidades do Tênis

Estão apresentadas neste tópico algumas características específicas do tênis, assim pode-se ter uma melhor idéia de como o jogo é realizado. O tempo de execução do movimento até o ponto de batida com a bola é de aproximadamente 0,5 a 0,9s, porém, este tempo diverge entre os diferentes golpes. O tempo de contato da bola com o encordoamento da raquete fica entre 0,005s e 0,003s, o comprimento do contato alonga-se no máximo 12 centímetros. A velocidade da raquete durante a batida oscila entre 0 e 150 km/h. A velocidade da bola nos golpes de fundo alcança até 110 km/h e no saque acima de 200 km/h. A rotação da bola, alcançando um máximo de 150 rotações por segundo, é considerada altíssima (DTB, 1995).

A carga de trabalho num jogo de tênis é intervalada e comporta-se da seguinte forma (DTB, 1995).

- A relação média do tempo efetivo de jogo (duração da troca de bola) e o tempo total da partida variam, dependendo da superfície da quadra em 1: 2 até 1: 5.
- Uma troca de bola no saibro dura em média 8 segundos, na grama e pisos rápidos é bem mais rápido, às vezes só 2 ou 3s e a pausa em seguida dura cerca de 20s.
- A média da distância total percorrida num jogo melhor de 3 sets é de 1500m, o que mostra uma exigência média de resistência. O que predomina durante a troca de bola é o trabalho anaeróbico alático.
- A maior distância em um pique em linha reta durante o jogo não passa de 14m, e a média fica em torno de 4m,
- A média da frequência cardíaca (FC) no decorrer de uma partida de campeonato em jogadores de vários níveis e idades fica em média de 140 á 150 batimentos por minuto (bpm) sendo que no sexo feminino, a média é 5 a 10 batimentos por minuto maior.
- O valor médio da intensidade da carga de trabalho em tênis, considerando a FC, pressão sangüínea, lactato sangüíneo e o tempo de jogo real, fica entre 45 e 60% da capacidade máxima do sistema circulatório.



- A média de altura dos primeiros quinze jogadores do ranking da ATP entre os homens é na atualidade 187,5 cm, entre as 15 do ranking feminino é de 172,5 cm.

## 2.2 A PRÁTICA ESPORTIVA PARA CRIANÇAS E JOVENS

Milhões de crianças praticam algum esporte fora da escola, em programas esportivos de clubes ou academias. No entanto, a participação em programas esportivos não é automaticamente benéfica para os jovens atletas, afinal as práticas esportivas competitivas, por terem sua expressão na diferença e na vantagem de um sobre outro participante, estão longe de ser igualitárias, sendo praticadas sempre contra alguém ou contra algo, evidenciando a existência de uma supremacia e, obrigatoriamente, de vencedores e vencidos (SOBRAL, 1994).

O desenvolvimento do caráter e do espírito esportivo não ocorre por meio de mera participação. Esses benefícios são acompanhados de uma supervisão adulta competente que entende as crianças e sabem estruturar programas que forneçam experiências de aprendizagem positiva (MARTENS, 1978).

Assim, mais do que voluntários bem intencionados, os treinadores deverão estar preparados para assumir um significativo papel de liderança no treino e saber como obter os benefícios desta prática esportiva para o desenvolvimento físico, psicológico e social dos jovens atletas e como esses aspectos podem favorecer a sua atuação e seu rendimento atlético. Contudo, muitos treinadores, sobretudo por falta de formação ou de informação, privilegiam os requerimentos técnicos e físicos exigidos pelo seu desporto e sobre como ensiná-lo, raramente incluindo elementos que os ajudem a entender as pessoas com as quais estão lidando. O que esquecem, por vezes, é que os jovens atletas se encontram num período de vida em que são facilmente influenciáveis, estando sujeitos tanto aos traumas associados ao seu crescimento como também às mudanças de interesses e exigências às quais são submetidos (STEFANELLO, 2002).

Embora seja difícil qualquer prognóstico sobre a forma como o organismo irá reagir aos estímulos de treino e à pressão competitiva no contexto de uma modalidade particular, não se pode ignorar que apesar da criança entrar num processo de grandes transformações morfológicas, funcionais e psíquicas que a predispõem a enfrentar e reagir positivamente a estímulos de esforços mais

intensos, o seu organismo e sua estrutura afetivo-emocional tornam-se mais suscetíveis a desequilíbrios graves e de consequências perduráveis (STEFANELLO, 2002).

É, portanto, indispensável compreender que a participação de crianças e jovens em esportes competitivos traz vantagens e desvantagens. As vantagens da prática esportiva favorecem o desenvolvimento da motivação, determinação, concentração, vontade e autodeterminação, além disso, são amplamente conhecidos os benefícios da prática esportiva para a saúde. No âmbito social pode-se citar o desenvolvimento do coleguismo, prazer, sinceridade, responsabilidade e autonomia (SAMULSKI, 2002; KAMINSKI; RUOFF, 1979; CSMF, 2000). Dois benefícios são definidos como importantes para jovens atletas que provem de experiências com o esporte, primeiro, a apreciação pelo *fair play*, como as atitudes positivas pertinentes ao bom esportista e, segundo, a interação positiva com os colegas e treinadores (FRY; NEWTON, 2003).

As desvantagens, por sua vez, referem-se às dificuldades de organização das atividades diárias, falta de tempo para outras atividades, dificuldades na vida escolar, recreativa e social. Também são frequentes os problemas como estresse, lesões, frustração e a desmotivação (CSMF, 2000), além de que, a dedicação exagerada ao esporte pode afetar o desenvolvimento da personalidade das crianças nos aspectos da autovalorização exagerada, o medo do fracasso, a instabilidade emocional e o isolamento social (SAMULSKI, 2002; KAMINSKI; RUOFF, 1979).

Outro aspecto negativo da participação de crianças em esportes se relaciona com o *burnout* (esgotamento físico e emocional seguido de abandono). Apesar de Gould *et al.* (1991) terem constatado que a maioria de lutadores, entre 13 e 14 anos, não experimentou nível excessivo de estresse, 9% das crianças apresentaram índice excessivo de estresse, o que representa somente nos EUA, cerca de 4,5 milhões de crianças. O *burnout* parece ocorrer quando as crianças perdem o interesse como resultado da especialização precoce e por praticá-lo por muitas horas, sob intensa pressão, durante vários anos. Crianças com 4 anos começam a praticar esportes como a ginástica e o tênis, as vezes alcançando níveis internacionais, se a carreira termina cedo ou cai o desempenho prematuramente, deve-se suspeitar de *burnout*. Outra característica apresentada por atletas que sofreram *burnout* era a restrição de decidir seu próprio destino, seus pais e técnicos

tomavam as decisões de sua vida esportiva com pouca ou nenhuma participação dele (SAMULSKI, 2002; WEINBERG; GOULD, 2008).

Algumas observações para o treinamento esportivo devem ser consideradas. Deve-se priorizar o desenvolvimento integral das crianças (motor, cognitivo, motivacional, emocional e social), deve ter equilíbrio entre a formação escolar, esportiva e o tempo livre, desenvolver objetivos de autonomia e autorresponsabilidade e evitar o treinamento especializado precoce (CSMF, 2000; SAMULSKI, 2002).

### 2.3 PERCEPÇÃO DE COMPETÊNCIA PESSOAL

A teoria da determinação pessoal de Deci e Ryan (1985), que aponta para a motivação pessoal associada ao funcionamento e desenvolvimento da personalidade dentro do contexto social, ajuda a entender a importância da competência pessoal no desenvolvimento psicológico das crianças. Essa teoria sugere que todas as pessoas têm três necessidades psicológicas: a autonomia, o envolvimento e a competência. A autonomia é a necessidade de liberdade, integração e vontade. A necessidade de envolvimento se refere à reciprocidade do indivíduo estar conectado aos outros. A competência, como uma necessidade da teoria da autodeterminação, apóia a realização dos objetivos individuais e promove o senso de satisfação, especialmente, pelo fato de o indivíduo participar de uma atividade na qual se sente efetivo. Essas três necessidades são consideradas os nutrientes psicológicos essenciais para o desenvolvimento mental, a integridade e o bem estar e exercem um papel essencial no desenvolvimento psicológico das crianças. Se alguma delas for ignorada ou se for apresentada de forma insuficiente, haverá consequência negativa nos resultados desse desenvolvimento. (DECI; RYAN, 1985; WOODS; *et al*, 2007).

A partir dessa teoria, percebe-se que as experiências de êxito nas atividades esportivas e o apoio adequado dos pais e treinadores, irão contribuir para uma Percepção de Competência Pessoal positiva, que contribui de forma determinante na motivação e permanência das crianças na prática esportiva (GALLAHUE, OZMUN, 2005).

### 2.3.1 Percepção de Competência Pessoal e Motivação

O estudo da percepção de competência pessoal representa a tentativa de descrever a percepção do indivíduo acerca da efetividade da sua adaptação ao meio ambiente. Esta percepção é influenciada pelos processos físicos como o cansaço e pelos processos psicológicos como a motivação, os sentimentos e as expectativas pessoais (GABLER, 1986 apud SAMULSKI, 2002). Assim, torna-se especialmente importante compreender a impressão registrada pelo indivíduo acerca de seus resultados comportamentais em contextos particulares e entender o processo pelo qual determinada conduta comportamental afeta e motiva a ação de um indivíduo numa determinada faixa etária (NASCIMENTO, 1998).

A percepção de competência pessoal é uma das variáveis mais importantes para a motivação, assim como, a qualidade das experiências do indivíduo é determinante no desenvolvimento da competência (HARTER, 1978)

A teoria da motivação para a competência (Figura 1) sustenta que as pessoas são altamente motivadas quando se sentem valorizadas e competentes para realizar determinada tarefa (WEISS; CHAUMETON, 1992).

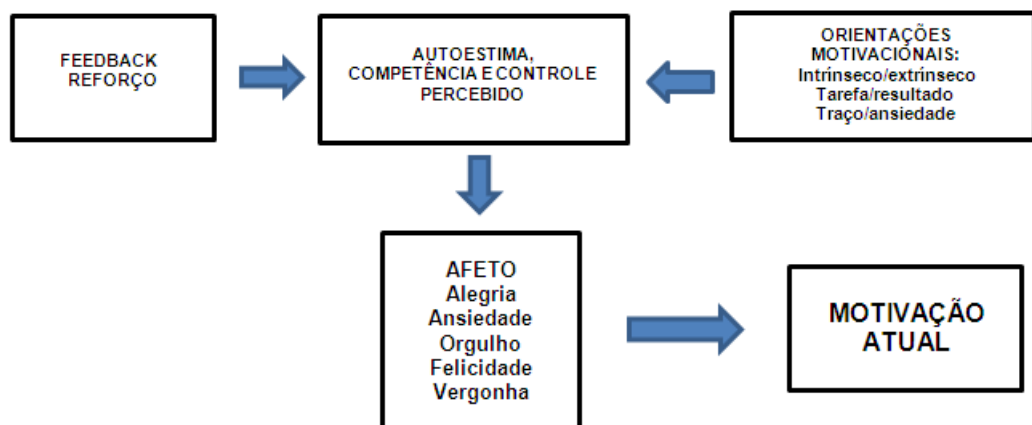


FIGURA 1 - TEORIA DA INTERAÇÃO ENTRE COMPETÊNCIA E MOTIVAÇÃO (PROPOSTA POR WEISS; CHAUMETON 1992 IN: WEINBERG; GOULD, 2008, P.85).

A competência facilita a confiança e esta promove uma visão positiva do “eu”, levando ao orgulho e à alegria. O fracasso em demonstrar competência, por sua vez, leva à vergonha e a incerteza (HARTER, 1978).

Baseado em um sistema multidimensional, Harter (1978) sugere que a criança distingue sua competência em domínios distintos (cognitivos, sociais e

físicos). Estes domínios diferenciam-se desde cedo na infância (HARTER; CONNELL, 1984; VALENTINI, 2002), mas é a partir dos quatro anos de idade que as crianças começam a expressar suas percepções de competência pessoal (HARTER, 1978, 1982).

A criança que faz uma avaliação de sua competência em determinado domínio adota um julgamento próprio que a leva a uma orientação motivacional (intrínseca ou extrínseca), que, por sua vez, influencia na sua escolha e permanência nas atividades (HARTER, 1992). Assim, a motivação para a competência é estruturada sobre quatro fatores que parecem influenciar os níveis de percepção de competência das crianças: (1) as experiências passadas; (2) os desafios associados com o resultado das tarefas; (3) o suporte e a interação social e; (4) a motivação intrínseca (HARTER, 1978).

O primeiro fator (experiências passadas) está relacionado com a percepção de competência negativa ou positiva. A percepção de competência positiva associa-se com o sucesso obtido na realização de habilidades e no cumprimento de metas. Por outro lado, o fracasso está quase sempre presente naqueles indivíduos com baixa percepção de competência (percepção de competência negativa) (WEINBERG; GOULD, 2008). Experimentar fracassos quando a tarefa não é considerada difícil pode resultar em baixa percepção de competência. Por outro lado, todo o bom rendimento apresentado pela criança na realização de uma tarefa poderá ser percebido de forma positiva, melhorando sua percepção de competência pessoal (DECI; RYAN, 1985; ECCLES; *et al.*, 1983; HARTER, 1978, 1999, 1982).

O segundo fator (os desafios associados com o resultado das tarefas) explica porque as crianças que se percebem competentes persistem por mais tempo na atividade e aceitam desafios maiores. Crianças com altos níveis de percepção de competência em determinado domínio demonstram maior interesse em tarefas mais desafiadoras, com grau mais elevado de dificuldade e não demonstram grande preocupação sobre o julgamento dos companheiros acerca do seu desempenho. Contrariamente, aquelas que se percebem pouco competentes tendem a evitar desafios para não demonstrarem níveis inferiores de desempenho (HARTER, 1978, 1992; ULRICH, 1987; VALENTINI, 2002).

O terceiro fator (suporte e interação social) está associado a ambientes que valorizam o controle e o reconhecimento externo exclusivo, principalmente de adultos. As crianças podem adotar atitudes extrinsecamente motivadoras, não se

percebendo suficientemente capazes e competentes para comprometerem-se com as demandas das próprias necessidades (HARTER, 1978, 1992; VALENTINI, 2002). Um estudo investigando a origem das informações usadas para a formação da percepção da competência atlética em crianças de ambos os sexos com idade entre 11 e 14 anos, Horn e Hasbrook (1986, apud PÍFFERO, 2007) constataram que até os 11 anos de idade a percepção atlética é influenciada pela opinião dos adultos. Os autores também destacaram que o reforço dado pelo treinador colegas e pais atua diferentemente na construção da competência atlética. Os pais influenciam as crianças nos aspectos relacionados à ajuda financeira e apoio emocional durante as competições, que se for exagerado, pode causar efeitos negativos como a pressão por sucesso e a cobrança de rendimento (SABOROWSKI; *et. Al.*, 1999; SAMULSKI, 2002). O relacionamento técnico-atleta determina a satisfação, autoestima e as realizações de desempenho do atleta (AMOROSE; SMITH, 2003; JOWETT; TIMSON-KATCHIS, 2005). As relações entre os atletas estão relacionadas com o senso de aceitação, autoestima e a motivação (WEISS; *et al.*, 1996).

O quarto fator (motivação intrínseca) se relaciona com os objetivos orientados pelas tarefas e metas (WEINBERG; GOULD, 2008). As crianças que demonstram motivação intrínseca tendem a superar seus próprios limites e a envolverem-se efetivamente na resolução de problemas com maior autonomia. Inversamente, crianças com motivação extrínseca, necessitam da aprovação de seus colegas e professores, preferem tarefas mais fáceis para evitarem frustrações e baixos desempenhos e tendem a desistir da atividade (HARTER, 1992; WEISS; BREDEMEIER; SHEWCHUK, 1986; VALENTINI, 2002).

As reações afetivas decorrentes do padrão motivacional adotado pela criança têm importante influência no envolvimento, na persistência e no controle sobre os resultados de suas ações. A criança entende o sucesso e o fracasso como fatores que resultam de suas atitudes e tomadas de decisões, percebendo-se como um agente promotor dos resultados por ela desejados (HARTER, 1987; WEISS; BREDEMEIER; SHEWCHUK, 1986). Assim, todo o bom rendimento na realização de uma tarefa será percebido de forma positiva, melhorando sua percepção de competência pessoal e reforçará suas motivações intrínsecas e extrínsecas para aquela tarefa (DECI; RYAN, 1985; ECCLES *et al.*, 1983; HARTER, 1978, 1999). Por outro lado, crianças com motivação extrínseca, que atuam sob a expectativa de pessoas afetivamente significantes ou de resultados obtidos, não se percebem

capazes de controlar o produto de suas ações, atribuindo o controle a outros ou a fatores extrínsecos (HARTER, 1987; WEISS; BREDEMEIER; SHEWCHUK, 1986). Percebendo-se pouco habilidosas, orientam seus objetivos por resultados e recompensas externas e desmotivam-se mais facilmente, tendendo a abandonar precocemente o esporte ou mesmo interromper definitivamente qualquer atividade física (SAMULSKI, 2002).

Em síntese, a percepção de competência positiva se relaciona com atletas bem sucedidos que possuem, entre outras características, melhor estabelecimento de metas e objetivos (SAMULSKI, 2002). Atletas com alta percepção de competência são orientados por objetivos de realização de metas e tarefas, enquanto que os atletas orientados pelo ego são sujeitos a maior vulnerabilidade, apresentando baixo valor próprio, predispondo-os a reagir com aumento de ansiedade na avaliação de situações e reduzir a motivação facilitando o abandono do esporte (OMMUNDSEN; PEDERSEN, 1999).

### 2.3.2 Percepção de Competência Pessoal, Autoconceito, Aparência Física e Autoestima

A competência motora desempenha papel importante no desenvolvimento do autoconceito porque as crianças geralmente valorizam o bom desempenho em jogos, esportes e em atividades físicas (GALLAHUE; OZMUN, 2005). A percepção que o atleta tem de si mesmo (o seu autoconceito) se forma a partir das situações de sucessos e fracassos percebidas ao longo do tempo (WEINBERG; GOULD, 2008; SAMULSKI, 2002).

A figura 2 mostra de forma esquemática os domínios que compõem as percepções do indivíduo tem a seu próprio respeito.

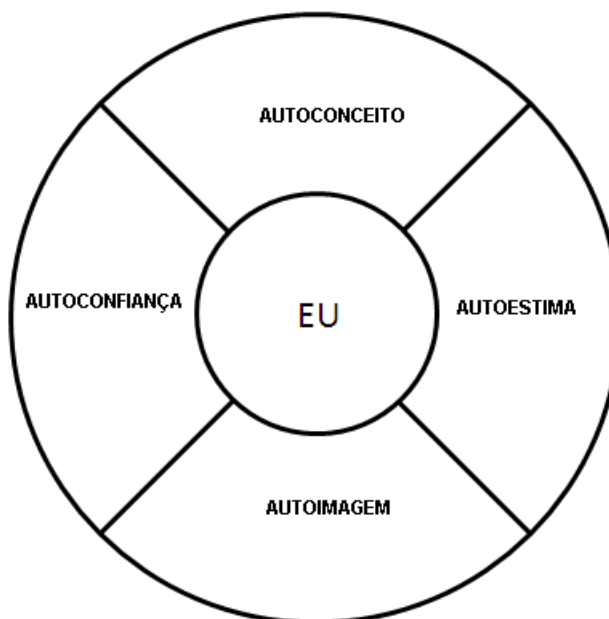


FIGURA 2. TERMOS COMUMENTE USADOS PARA DESCREVER A PERCEPÇÃO DO INDIVÍDUO SOBRE SEU PRÓPRIO EU (GALLAHUE; OZMUN, 2005).

Um autoconceito positivo é fundamental para o desenvolvimento e ajuste psicológico das crianças. Basicamente, o autoconceito é multidimensional e certos aspectos podem ser mais afetados por um exercício do que outro. O autoconceito físico, por exemplo, inclui vários fatores, como a competência no esporte, a condição física, a atratividade física e a força (WEINBERG; GOULD, 2008; SAMULSKI, 2002).

A aparência física reflete a primeira impressão que temos de uma pessoa. Ao pensar em alguém como gordo, magro, feio, bonito, etc., essa percepção pode conter mensagens que influenciam nossa confiança. Atletas de tênis de mesa relataram menor autoconfiança quando o adversário estava usando roupas próprias do esporte em oposição ao vestuário geral (GREENLEES, *et al.*, 2005). Por outro lado, estudos de controle da obesidade relatam que uma baixa percepção de competência pessoal e uma baixa autoestima estão relacionadas a altos valores de IMC (índice de massa corporal). De tal modo, a autoimagem e a maior percepção de competência pessoal relacionam-se com um valor adequado de IMC, ou seja, valores do IMC abaixo de 25 e acima de 30 estariam relacionados à baixa percepção de competência pessoal. Isso sugere que os dois extremos de IMC estão associados com maior chance dos indivíduos apresentarem uma baixa percepção de competência pessoal (COLE, 2000; VIEIRA *et al.*, 2006; COLE *et al.*, 2007; MONTEIRO *et al.*, 2000; CONDE; MONTEIRO, 2006; FONSECA *et al.*, 2004; SILVEIRA *et al.*, 2005).



A avaliação que o sujeito faz acerca do seu autoconceito (a sua autoestima) influencia a sua percepção de competência. Quanto mais positiva a autoestima do atleta, maior o despertar de emoções positivas, maior a facilidade para a concentração, maior a influência sobre a meta proposta e maior o esforço despendido, podendo afetar a estratégia de jogo e conseqüentemente o desempenho do atleta (WEINBERG; GOULD, 2008).

A percepção de competência positiva também aumenta a autoconfiança, ou seja, a crença do indivíduo em sua habilidade de desempenhar bem uma tarefa mental, física ou emocional. É a habilidade prevista do indivíduo em dominar desafios particulares e superar dificuldades ou obstáculos (GALLAHUE; OZMUN, 2005). Entretanto, atletas com baixa autoestima apresentam menor autoconfiança e, por sua vez, pior rendimento. Steffi Graff e Pete Sampras, astros do tênis, nunca demonstravam uma postura de perdedor, pois conheciam a importância da postura e assim não deixavam que o adversário visse suas fraquezas emocionais (WEINBERG; GOULD, 2008).

A relação entre autoconceito, autoestima, autoconfiança, competência e competência percebida é representada na Figura 3.

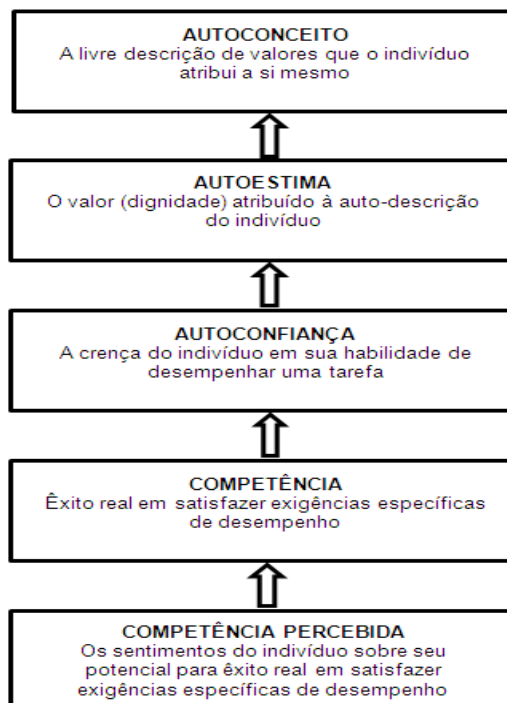


FIGURA 3. ANÁLISE HIERÁRQUICA DO DESENVOLVIMENTO DO AUTOCONCEITO (GALLAHUE; OZMUN, 2005).

## 2.4 RANKING

Entende-se por ranking de tenistas o sistema de classificação de jogadores, no qual os participantes são classificados em ordem decrescente de acordo com o número de pontos adquiridos em torneios. O jogador que tiver o maior número de pontos, ou a melhor média, ocupará a primeira posição e, a partir deste, seguem em ordem decrescente os que possuem pontuações menores. Os critérios e as regras para a confecção do ranking nacional de tênis são de responsabilidade da Confederação Brasileira de Tênis (CBT) ([www.cbtenis.com.br](http://www.cbtenis.com.br)). A formatação final do *ranking* segue o modelo apresentado na Figura 4.

Pos.	Tenista	UF	Pontos Nac.	Pontos Int.	Rank. Comb.	Torneios Disput.	Total
1	23959 - Gabriel Roveri Sidney	PR	1,984.00	0.00	353.75	12.00	2,337.75
2	24035 - Renato Francisco B. Rosa Junior	SC	2,042.00	0.00	208.75	12.00	2,250.75
3	37692 - Pietro Oliveira Gonçalves da Silva	RS	1,589.50	0.00	378.75	12.00	1,968.25
4	24008 - Andre Costa Corral Ponce	SP	1,353.00	0.00	340.25	12.00	1,693.25
5	37732 - Victor Severo Castro	RS	1,182.00	0.00	125.25	12.00	1,307.25
6	30861 - Thiago Iglesias Pereira Coelho	RJ	1,031.30	0.00	163.00	11.00	1,194.30
7	24024 - Luiz Fernando Bara Faria	MG	598.50	0.00	356.25	12.00	954.75
8	40250 - Ruy Costa Guarita Neto	SC	671.50	0.00	203.75	12.00	875.25
9	24014 - Lucas Costa Raphael	RJ	704.00	0.00	123.00	10.00	827.00
10	24059 - Bernardo Rocha de m Moraes	DF	594.50	0.00	216.25	12.00	810.75

FIGURA 4 - EXEMPLO DE RANKING DA CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE TÊNIS ([www.cbtenis.com.br](http://www.cbtenis.com.br)).

Para as provas de simples e duplas, a pontuação para o *Ranking* Nacional é homologada de 1º de janeiro a 31 de dezembro, e obedece a divisão de grupos e pontos. O tenista somente marcará pontos na categoria em que disputou o torneio; os perdedores em 1ª rodada em qualquer torneio nacional marcam apenas 01 ponto; caso o jogador tenha saído avançado na chave (*Bye*) e perder o seu primeiro jogo, também marcará pontos como perdedor de 1ª rodada (1 ponto).

A elaboração do *ranking* contempla os resultados nacionais em torneios Infante-Juvenis de simples. Leva em consideração os 12 melhores resultados no ano e 25% da pontuação de duplas, sendo os 7 (sete) melhores até 30 de junho e os

5 (cinco) melhores até 31 de dezembro, independente de serem torneios nacionais ou internacionais.

Na categoria 12 anos masculino, quando disputada em duas fases (*Round Robin* e eliminatória), os tenistas que não se classificam para a segunda fase, tendo vencido alguma partida na fase *Round Robin*, marcarão pontos como se tivessem perdido em rodadas anteriores em relação à chave eliminatória.

A partir de 1º de janeiro de 2008, os torneios nacionais têm seus grupos definidos através de um novo critério. Os torneios são distribuídos em 5 (cinco) níveis distintos (Quadro 1). Com base nessa pontuação é que o ranking é elaborado. O regulamento do ranking infanto-juvenil da CBT encontra-se nos anexos (ANEXO 1).

QUADRO 1 - PONTUAÇÃO DOS GRUPOS EM SUAS RESPECTIVAS RODADAS (CBT, 2008)

GRUPOS	A	I	II	III	IV
Campeão	250	160	100	60	45
Vice campeão	200	110	75	40	30
Semifinalista	150	80	50	30	20
¼ Finais	100	45	30	20	10
1/8 finais	45	20	15	10	5
1/16 finais	20	15	10		
1/32 finais	15	10	5		

### 2.4.1 *Ranking* e Sucesso Esportivo

Nos esportes em geral, o sucesso está atribuído a vencer e o fracasso a perder (MC AULEY, 1985). O sucesso e o fracasso, no entanto, estão baseados na percepção pessoal acerca de como os atletas venceram ou perderam (MAEHR; NICHOLS, 1980).

Muitos esportes têm a questão de sucesso e fracasso bem definida. Por exemplo, se um jogador de tênis joga contra um adversário muito superior e perde a maioria dos pontos, o resultado será provavelmente uma percepção de fracasso. Porém, se joga contra um jogador superior e consegue vencer ao menos um set, esse resultado poderá levá-lo a perceber a derrota como uma experiência de sucesso (SPINK; ROBERTS, 1980).

Essa percepção pode depender de quanto prestígio foi atribuído a um jogador, em decorrência da posição por ele ocupada no *Ranking*. Assim, o prestígio do adversário poderá gerar no atleta uma alta ou uma baixa autoestima, mais ou menos ansiedade, mais ou menos motivação e autoconfiança, de forma que ele se envolva mais na atividade ou abandone o esporte. Atletas de elite relatam que na ausência de autoconfiança, a intensidade da ansiedade competitiva aumenta e é percebida estando fora de controle, prejudicando o seu rendimento. Por outro lado, atletas autoconfiantes apresentam sintomas positivos de controle, facilitando a interpretação das situações (HANTON; MELLALIEU; HALL, 2004).

O êxito é o sentimento do “eu consigo”, é o sentimento de realização que acompanha o domínio de novas habilidades. O fracasso por sua vez, é o sentimento de “eu não consigo fazer”, é o sentimento de frustração que acompanha o fracasso no domínio de uma habilidade. Assim, é importante auxiliar as crianças a desenvolver perspectivas apropriadas de êxito e fracasso em suas vidas diárias, especialmente nos estágios iniciais do aprendizado (GALAHUE; OZMUN, 2005).

Entretanto, os critérios de elaboração do *Ranking* Brasileiro de tênis infanto-juvenil, não contemplam os aspectos intrínsecos da motivação. O regulamento da CBT para o *Ranking* estabelece à eliminatória simples na maioria dos torneios (CBT, 2009), enfatizando sempre o resultado da partida e a comparação com os melhores, oferecendo poucas oportunidades de sucesso aos jovens atletas.

Essa falta de oportunidade de sucesso pode afetar a autoestima e o autoconceito (GALAHUE; OZMUN, 2005) e alterar o comportamento dos atletas.

Hanegby e Tenenbaum (2001) investigaram as reações de agressões a si mesmo e a violação das normas de conduta de tenistas masculinos entre 11 e 13 anos. Nesse estudo, os autores constataram comportamentos mais controlados e melhores resultados de vitórias para os jogadores mais bem situados no *Ranking* quando estavam em confronto com adversários em posições inferiores. Concluíram ainda que quanto maior a diferença do *ranking*, maior a quantidade de comportamento negativo por parte do jogador menos ranqueado.

### 3 METODOLOGIA

#### 3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

O presente estudo caracteriza-se por um delineamento descritivo correlacional. As pesquisas descritivas exploram as relações que existem entre as variáveis investigadas sem manipulá-las e sem a administração de tratamentos experimentais. Nos estudos correlacionais são investigadas as relações entre duas ou mais variáveis coletadas nas mesmas pessoas (THOMAS; NELSON; SILVERMANN, 2005).

#### 3.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA

A população do presente estudo compreendeu atletas da categoria até 12 anos masculino (12M), participantes de torneios infanto-juvenis de âmbito nacional promovidos pela Confederação Brasileira de Tênis (CBT). Até dezembro de 2009, a população referente à categoria até 12M contemplava 311 jogadores no ranking nacional, representando as 25 federações estaduais filiadas à CBT (disponível em [www.cbtenis.com.br](http://www.cbtenis.com.br)).

Os participantes foram selecionados do ranking correspondente à categoria até 12M disponível no site oficial da CBT no ano de 2009 ([www.cbtenis.com.br](http://www.cbtenis.com.br)).

A partir desse critério, procurou-se contemplar o maior número de atletas que compunham o *Ranking* Brasileiro e que voluntariamente aceitaram participar do estudo. Desse modo, o processo de seleção dos participantes correspondeu a uma amostragem não probabilística (por voluntários) sendo avaliados 29 atletas, com massa corporal média de 44,81kg  $\pm$ 8,55 e estatura média de 1,53m  $\pm$ 0,08.

Na Tabela 1 são apresentados alguns dados referentes às características dos atletas, obtidos por meio do Questionário de Anamnese (APÊNDICE 4), nomeadamente: massa corporal, estatura, frequência semanal e horas diárias de treinamento, tempo de prática na modalidade, há quantos anos o atleta participa de torneios e a quantidade de torneios que o atleta participa por ano.

TABELA 1. DADOS OBTIDOS A PARTIR DO QUESTIONÁRIO DE ANAMNSE

	MASSA CORPORAL (Kg)	ESTATURA (m)	FREQUÊNCIA SEMANAL (dias)	HORAS DIÁRIAS (horas)	TEMPO DE PRÁTICA (anos)	ANOS DE TORNEIO (anos)	TORNEIOS POR ANO (torneios)
M	44,81	1,53	3,93	2,84	4,53	3,41	3,55
DP	8,55	0,08	1,10	0,94	1,92	1,15	0,95

A média de massa corporal dos atletas que participaram do presente estudo foi de 44,81kg  $\pm$ 8,55 e a de estatura de 1,53 metros  $\pm$ 0,08. A frequência média semanal de treinamentos relatada pelos atletas foi de 3,93 semanais  $\pm$ 1,10. O volume médio diário de treino foi de 2,84 horas  $\pm$ 0,94). O tempo médio de prática de tênis foi de 4,53 anos  $\pm$ 1,92. A média de anos que os atletas participam de torneios foi de 3,41 anos  $\pm$ 1,15. A estimativa média de torneios disputados pelos atletas por ano foi de 3,55  $\pm$ 0,95, a qual corresponde ao intervalo entre 16 a 20 torneios ao ano disputado pelos atletas (conforme cálculo descrito no item 3.3.3).

Na Tabela 2 são apresentados os dados extraídos ou calculados a partir da Ficha Técnica (ANEXO 3), incluindo o total de jogos registrados na CBT, o número de vitórias e derrotas, o Aproveitamento Esportivo e o número de torneios registrados na CBT, além dos itens correspondentes à Experiência Geral dos atletas na modalidade conforme cálculo descrito no item 3.3.3.

TABELA 2. DADOS OBTIDOS PELA FICHA TÉCNICA DA CBT

N	TOTAL DE JOGOS NA CBT (2009) (jogos)	Nº VITÓRIAS (vitórias)	Nº DERROTAS (derrotas)	APROVEITAMENTO (%)	TORNEIOS CBT EM 12/12/2009 (torneios)	EXPERIÊNCIA MÉDIA (média)
M	28,41	15,69	12,72	35,44	11,62	14,06
DP	31,39	23,88	8,88	23,59	6,91	11,82

A média do total de jogos registrados na CBT foi de 28,41 jogos por ano  $\pm$ 31,39. A média de vitória anual foi de 15,69 jogos  $\pm$ 23,88 e a de derrotas, de 12,72 jogos  $\pm$ 8,88. O Aproveitamento Esportivo apresentou resultado médio de 35,44%  $\pm$  23,59. A quantidade média de torneios registrados na CBT em 2009 foi de 11,62 torneios  $\pm$  6,91. A Experiência Geral apresentou um valor médio de 14,06 pontos  $\pm$ 1,82.

### 3.3 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS

Antes de iniciar a coleta de dados, obteve-se autorização da Confederação Brasileira de Tênis (APÊNDICE 1), do clube onde se realizavam os torneios (APÊNDICE 2) e dos responsáveis pelos atletas, que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE 3). Em todos os instrumentos foi mantido o anonimato dos participantes.

A coleta de dados foi realizada durante seis torneios, no período de agosto a dezembro de 2009, totalizando 5 meses. Procurou-se realizar as coletas após as partidas, respeitando-se um intervalo mínimo de 2 horas entre o final do jogo e o início da coleta, a fim de minimizar os efeitos que os resultados dos jogos (vitória ou derrota) poderiam ter sobre as respostas dos atletas nos instrumentos utilizados para a pesquisa. Esse procedimento se fez necessário porque a categoria 12M é sempre a primeira a jogar (9 horas da manhã), não permitindo que os atletas chegassem ao local dos jogos a tempo de preencherem os instrumentos solicitados pelo pesquisador antes das partidas.

Para a coleta dados, os participantes foram acomodados (individualmente ou em grupo de no máximo 3 atletas) em uma sala reservada com mesa e cadeira no local onde o torneio era realizado. O pesquisador orientava as questões pertinentes a cada instrumento e dava início às avaliações, enfatizando que não existiam questões certas ou erradas e que ele estaria à disposição para quaisquer dúvidas e esclarecimentos por parte dos atletas.

#### 3.3.1 Avaliação da Percepção de Competência Pessoal

A percepção de competência pessoal foi avaliada utilizando-se a versão traduzida para o português do protocolo de HARTER (PCS - *Perceived Competence Scale*). A PCS foi originalmente desenvolvida e validada pela autora em 1985. A tradução para o português (Escala de Percepção de Competência, EPC) feita por Fiorese (1993) (ANEXO 2) foi utilizada em diversos estudos, visando avaliar a percepção de competência pessoal em crianças na faixa etária entre 8 e 10 anos da rede pública de ensino (VILLWOCK; VALENTINI, 2007; SILVA, 2009), atletas adolescentes (FIORESE, 1993), escolares de 11 e 12 anos no Paraná (GRISA,



2008) e crianças de 6 a 12 anos submetidas a treinamento de tênis (PIFFERO, 2007).

A EPC é constituída por 36 questões, que contemplam os aspectos de competência escolar, competência afetiva, competência atlética, aparência física, conduta comportamental e autoconceito geral. As 36 questões que compõem o instrumento são divididas em duas colunas, cada qual com uma afirmação que direciona a resposta para um dos dois tipos de percepção (positiva ou negativa). O atleta deve ler as duas afirmações e escolher qual delas reflete melhor a forma como ele se percebe. Depois de escolhida a coluna (percepção positiva ou negativa), o atleta opta por uma das duas situações possíveis correspondentes à afirmação (“totalmente verdade para mim” ou “um pouco verdade para mim”), assinalando com um “x” a alternativa escolhida. Para cada uma das afirmações é apresentada uma escala classificatória numérica (THOMAS, NELSON; SILVERMANN, 2005) de 1 a 4. Se o atleta opta pela afirmação com característica negativa e assinala “totalmente verdade para mim”, a resposta corresponde ao valor 1 e caracteriza uma percepção negativa, mas se optar pela afirmação positiva e assinalar “totalmente verdade para mim”, a resposta será classificada com o valor 4 e corresponderá à uma percepção positiva. Os valores acima de 3 são considerados positivos ou que apresentam alta percepção de competência (HARTER, 1982).

### 3.3.2 Avaliação do Aproveitamento Esportivo do atleta

O aproveitamento esportivo do atleta se refere à relação entre o número total de jogos realizados e o número de vitórias obtido, representando uma medida objetiva do sucesso esportivo do atleta, de tal forma que os valores mais próximos de 100% representam melhor aproveitamento e os valores mais próximos de 0% representam pior aproveitamento. Esses dados foram extraídos da ficha técnica dos atletas (ANEXO 3) disponível no site da CBT (<http://www.cbtenis.com.br>).

### 3.3.3 Avaliação da Experiência Geral do atleta

A experiência geral do atleta foi estabelecida através da média da somatória de 5 itens do questionário de anamnese (APÊNDICE 4) e dois itens contidos na ficha técnica do jogador (ANEXO 3) disponível em arquivo PDF no site da CBT. Assim, os maiores valores resultantes dessa média correspondem a uma maior experiência e os menores valores a uma menor experiência.

As questões do questionário de anamnese contemplados na experiência geral do atleta correspondem à frequência semanal de treino (questão 6), horas de treino por sessão (questão 7), tempo total da prática de tênis (questão 8), ano que iniciou a jogar torneio (questão 9) e a estimativa de todos torneios que o atleta joga por ano (questão 10). As informações disponíveis na ficha técnica incluíram a quantidade de jogos registrados pela CBT (excluídos todos os jogos que foram decididos por WO, além dos jogos de simples e duplas) e a quantidade de torneios registrados pela CBT (considerou-se cada modalidade disputada como um torneio separado, ou seja, em um único evento o jogador disputa duas modalidades, a de simples e a de duplas, neste caso são considerados como dois torneios).

O Questionário de Anamnese foi elaborado pelo próprio pesquisador, contendo 10 questões fechadas com opções de múltipla escolha e, em alguns casos, com respostas breves (quantidade de anos de prática de tênis, por exemplo). As questões que compuseram o Questionário de Anamnese contemplaram a frequência semanal dos treinamentos, o total de horas de treino por sessão, o tempo de treinamento na modalidade, o início da participação do atleta em torneios (data da participação na primeira competição oficial em nível estadual) e a estimativa de quantidade total de torneios que o atleta joga no ano (incluindo torneios internos e internacionais), além de questões gerais como massa corporal, estatura, gênero e *ranking*. A estimativa média de quantos torneios os atletas jogam por ano foi determinada atribuindo valores aos intervalos de números de torneios jogados em um ano (intervalo de 5 em 5 torneios), referidos pelos atletas no questionário de anamnese. O valor 1, corresponde ao intervalo 0 a 5 torneios ao ano; o valor 2, ao intervalo de 6 a 10; o valor 3, ao intervalo de 11 a 15; o valor 4, ao intervalo de 16 a 20 e o valor 5 para o intervalo acima de 20 torneios ao ano.

### 3.3.4 Avaliação do *Ranking*

A posição dos atletas no *Ranking* nacional foi extraída do site da CBT (ANEXO 4) em 13 de dezembro de 2009, data na qual os resultados de todos os torneios já estavam contemplados no *Ranking* e nenhum outro torneio estava anunciado para a temporada de 2009.

### 3.3.5 Medidas de Massa Corporal e Estatura

A massa corporal foi aferida em uma balança digital portátil marca *Shöenle*, fabricada na Alemanha com capacidade máxima para 130 kg e precisão de 0,5 kg. Os atletas foram avaliados com calção, camiseta e meias. A estatura foi medida utilizando-se um estadiômetro de madeira com fita métrica plástica marca 3M. Os dados de massa corporal e estatura foram anotados no questionário de anamnese.

## 3.4 VARIÁVEIS DO ESTUDO E PROCEDIMENTOS ESTATÍSTICOS

Inicialmente, todas as variáveis foram submetidas ao teste de normalidade Kolmogorov-Smirnov (KS). A normalidade dos dados foi confirmada para todas as variáveis analisadas, com exceção da variável experiência geral. A Experiência Geral, quando testada separadamente através do teste de normalidade bivariada com as demais variáveis estudadas (PC Escolar, PC Afetiva, PC Atlética, PC Aparência Física, PC Comportamental, *Ranking*, Aproveitamento Esportivo) apresentou normalidade.

Após a realização dos testes de normalidade, as relações entre o *Ranking*, os domínios da Percepção de Competência Pessoal, o Aproveitamento Esportivo e a Experiência Geral foram avaliadas pelo teste de regressão linear múltipla e, em função da especificidade das variáveis analisadas no presente estudo, também pelo teste de regressão linear simples (THOMAS, NELSON; SILVERMANN, 2005; DANCEY, REIDY; 2006). Para tal, o *Ranking* e os seis domínios da Percepção de Competência Pessoal (PCP) foram testados ora como variáveis dependentes, ora como variáveis independentes (Quadros 2 e 3). Esse procedimento fez-se necessário por considerar-se que a percepção de competência pessoal pode influenciar a posição ocupada pelos tenistas no Ranking Brasileiro, ao mesmo tempo

em que pode ser influenciada por essa classificação. O fato de avaliar-se separadamente cada domínio da PCP (regressão linear simples) teve a finalidade de avaliar o efeito de cada uma dessas variáveis individualmente. Em todos os testes foi adotado um nível de significância de  $p \leq 0,05$ .

Para melhor compreensão dos resultados obtidos, são explicadas as medidas das forças de associação na regressão  $r$  e  $r^2$  adotadas no presente estudo. O coeficiente de correlação linear ( $r$ ) avalia o grau de relacionamento entre a variável independente com a variável dependente. Seu valor está entre -1 e 1. Quanto mais próximo de -1 ou 1 mais força de associação as variáveis apresentam. Quando o coeficiente angular da reta é positivo o  $r$  é positivo, se o coeficiente é negativo, o  $r$  também é negativo. Quando o coeficiente é igual a zero a correlação é também zero (DEVORE, 2006; WEBSTER, 2006).

Resumidamente, o valor de  $r$  representa a forma em que os pontos se concentram. Desse modo, um  $r$  pequeno indica que os pontos encontram-se mais espalhados do que uma correlação com  $r$  grande. A interpretação do valor  $r$  foi feita segundo Munro (2001), onde os valores de  $r$  são assim distribuídos: de 0 a 0,25 (pouca correlação); de 0,26 a 0,49 (baixa correlação); de 0,5 a 0,69 (correlação moderada); de 0,70 a 0,89 (alta ou forte correlação) e de 0,9 a 1,0 (correlação muito forte e muito alta). Estes valores, porém, referem-se às variáveis físicas. Quando se trabalha com variáveis subjetivas, como é o caso da Percepção de Competência Pessoal analisada no presente estudo, os valores de  $r$  podem corresponder a valores menores. Segundo Devore (2006), os coeficientes de determinação  $r^2$  para variáveis subjetivas não atingem valores tão altos como para variáveis físicas. Um exemplo disso é o estudo de Pereira (2005), que realizou uma análise de regressão em idosos em domínios sociais, psicológicos, ambientais e físicos, encontrando resultados de 0,33; 0,44; 0,49 e 0,53, respectivamente. Coeficientes acima de 0,5 e 0,6 para as variáveis subjetivas tais como a Percepção de Competência, a Motivação e o Autoconceito, representariam uma correlação significativa e forte (PEREIRA, 2005). Estes parâmetros se baseiam em estudos que correlacionam variáveis subjetivas e opiniões, os quais, devido às inúmeras possibilidades de influências, dificilmente atingem valores tão altos quanto aos das variáveis físicas (XAVIER, 2000). Esse autor ainda afirma que  $r^2$  igual a 0,6 indica que o mesmo é uma boa ferramenta de avaliação e predição.

O Quadro 2 apresenta as variáveis do estudo considerando como variável dependente o *Ranking* Brasileiro. Os domínios da PCP, a Experiência Geral e o Aproveitamento Esportivo são tratados como variáveis independentes.

QUADRO 2 – RANKING COMO VARIÁVEL DEPENDENTE

Variáveis estudadas		Medidas utilizadas	Escala de medida
Variável Dependente	<i>Ranking</i> Brasileiro	Classificação CBT	Numérica
Variáveis Independentes	Domínios da Percepção de Competência Pessoal (PCP)	Classificação de HARTER (1985), adaptada por Fiorese (1993)	Numérica e Ordinal
	Experiência Geral (EG)	Questionário por autorresposta e Ficha Técnica – CBT (2009)	Numérica e Nominal
	Aproveitamento Esportivo (AE)	Ficha Técnica – CBT (2009)	Numérica

O Quadro 3, por sua vez, apresenta as variáveis do estudo considerando os domínios da PCP como variáveis dependentes. As variáveis: *Ranking* Brasileiro, Experiência Geral e Aproveitamento Esportivo são tratadas como variáveis independentes.

QUADRO 3 – DOMÍNIOS DA PCP COMO VARIÁVEIS DEPENDENTES

Variáveis estudadas		Medidas utilizadas	Escala de medida
Variável Dependente	Domínios da Percepção de Competência Pessoal (PCP)	Classificação de HARTER (1985), adaptada por Fiorese (1993)	Numérica e Ordinal
Variáveis Independentes	<i>Ranking</i> Brasileiro	Classificação CBT	Numérica
	Experiência Geral (EG)	Questionário por autorresposta e Ficha Técnica – CBT (2009)	Numérica e Nominal
	Aproveitamento Esportivo (AE)	Ficha Técnica – CBT (2009)	Numérica

### 3.5 LIMITAÇÕES DO ESTUDO

A aplicação dos questionários de avaliação após as partidas pode ter interferido nas respostas dos atletas, em função do seu desempenho e/ou resultados nos jogos que poderiam estar vívidos na memória dos atletas.

Outro fator que pode ter influenciado os resultados encontrados no presente estudo foi o tamanho da amostra. Apesar de ter-se procurado contemplar o maior número de participantes para a realização da pesquisa, o acesso a um número maior de atletas foi prejudicado, uma vez que os atletas, ao longo do ano, jogam em diferentes regiões do País.

A exigência por parte da CBT de taxas anuais para a publicação no ranking da pontuação obtida pelos atletas nos torneios também pode ser considerada uma limitação do estudo, pois diminui o número de atletas que conseguem classificação no *Ranking* Nacional (um dos critérios de seleção dos participantes do presente estudo). Além disso, os critérios para pontuação no ranking nem sempre correspondem ao aproveitamento esportivo dos atletas. É comum encontrar no *Ranking* Nacional atletas que perderam nas primeiras rodadas das competições, mas que conseguiram um ponto para o ranking, simplesmente, por participarem do torneio. Ou seja, atletas com melhores condições financeiras que podem viajar e participar de um maior número de torneios pode somar pontos mesmo sem vencer.

## 4 RESULTADOS

Neste capítulo, os resultados são apresentados em três tópicos. O primeiro tópico se refere aos testes de normalidade empregados às variáveis estudadas. O segundo tópico contempla os resultados referentes aos domínios que compõem a Percepção de Competência Pessoal dos atletas. O terceiro tópico contém os resultados da análise de regressão linear aplicada entre as variáveis do estudo, considerando o *Ranking* Brasileiro e os seis domínios da Percepção de Competência Pessoal como variáveis dependentes e independentes (conforme descrito no item 3.4 do capítulo de metodologia).

### 4.1 TESTES DE NORMALIDADE

#### 4.1.1 Normalidade Univariada e Bivariada

Todas as variáveis do estudo foram submetidas ao teste de normalidade de Kolmogorov-Smirnov. Exceto a variável Experiência Geral, todas as demais tiveram a normalidade confirmada.

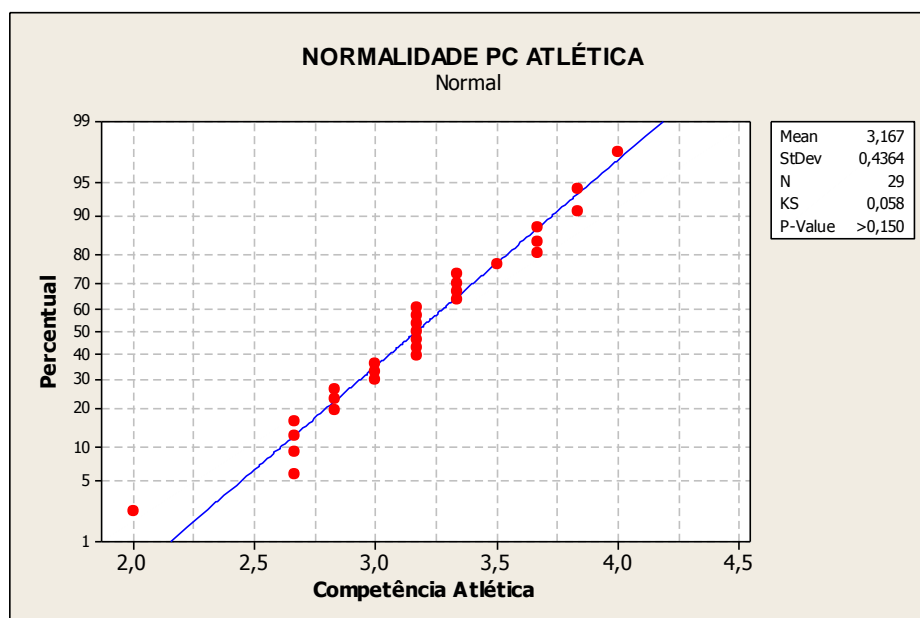


FIGURA 5. NORMALIDADE PARA PC ATLÉTICA.

A Figura 5 mostra a linha de tendência para o domínio PC Atlética e os respectivos valores de média (3,17), desvio padrão (0,44), número de sujeitos (29),

coeficiente K-S (0,06) e valor de  $p$  ( $p > 0,150$ ). Observa-se que os pontos de distribuição estão uniformemente dispersos ao longo da linha de tendência central, indicando que essa variável apresenta uma distribuição normal dos dados. Os resultados e as figuras correspondentes às demais variáveis estudadas encontram-se no Apêndice 5.

A variável Experiência Geral apresentou valor de  $p < 0,01$  (distribuição de normalidade não aceitável) e, portanto, foi submetida ao teste de normalidade bivariada, correlacionando-a com todas as demais variáveis.

A Figura 6 mostra a linha de tendência para a variável Experiência Geral e os respectivos valores de média (8,33), desvio padrão (5,57), coeficiente K-S (0,23), número de sujeitos (29) e valor de  $p$  ( $p < 0,01$ ) obtidos pelo teste de normalidade univariada. Percebe-se que os pontos se distribuem de forma irregular e com distâncias variadas em relação à linha de tendência central, indicando uma normalidade não aceitável para essa variável.

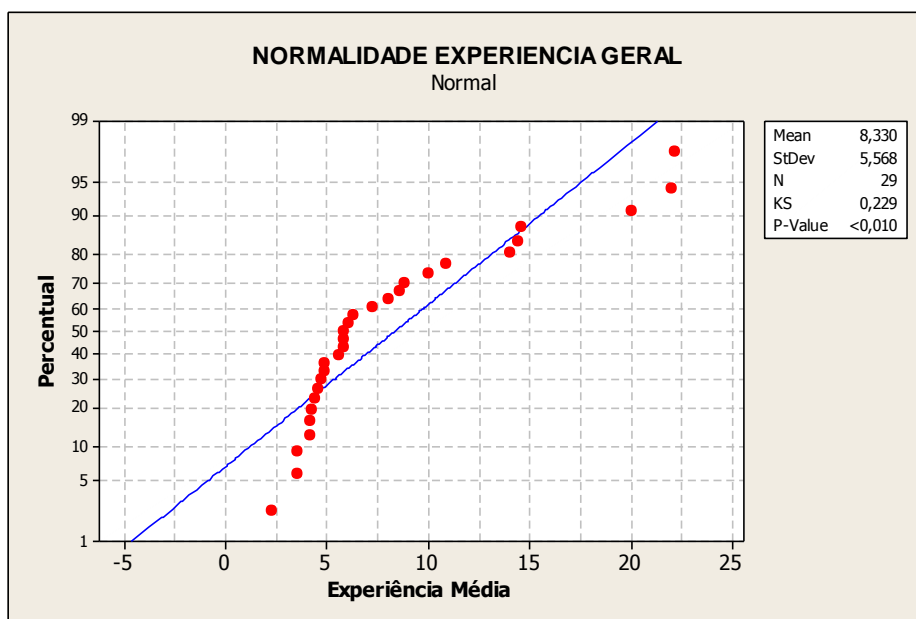


FIGURA 6. NORMALIDADE PARA A EXPERIÊNCIA GERAL.

Por outro lado, o teste de normalidade bivariada aplicado para a variável Experiência Geral confirmou a normalidade desta variável em relação às demais analisadas no presente estudo.

A Figura 7 apresenta a linha de tendência para a normalidade bivariada entre a Experiência Geral e a Percepção de Competência Atlética.



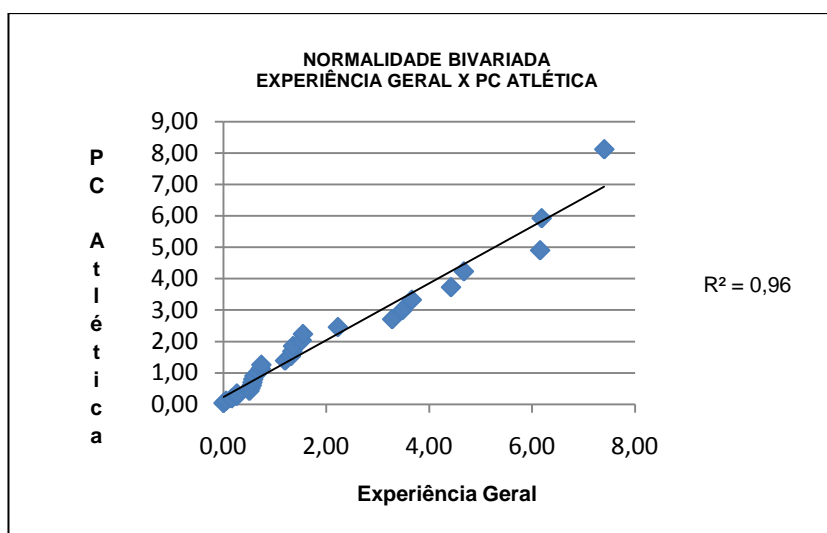


FIGURA 7. NORMALIDADE BIVARIADA ENTRE A EXPERIÊNCIA GERAL E PC ATLÉTICA.

A variável Experiência Geral ao ser correlacionada com a PC Atlética através do teste de normalidade bivariada apresentou valor de  $r^2=0,96$  ( $r=0,98$ ) que é uma elevada correlação. Percebe-se na Figura 7 que os pontos se distribuem de forma regular e com distâncias homogêneas em relação à linha de tendência central, indicando uma normalidade aceitável. Os resultados e as figuras referentes aos demais testes de normalidade bivariada encontram-se no Apêndice 6.

#### 4.2 ESCALA DE PERCEPÇÃO DE COMPETÊNCIA

A Tabela 3 apresenta os resultados (médias individuais e médias gerais) referentes aos domínios que constituem a Escala de Percepção de Competência (EPC). Os valores em cada domínio variam de 1 a 4. Os valores acima de 3 são considerados positivos ou que apresentam alta percepção de competência (HARTER, 1982).

TABELA 3. ESCALA DE PERCEPÇÃO DE COMPETÊNCIA DOS TENISTAS

N	ESCOLAR	AFETIVA	ATLÉTICA	APARÊNCIA FÍSICA	COMPORTA-MENTAL	AUTOCON-CEITO GERAL	MÉDIA GERAL
MÉDIA	2,89	2,93	3,17	3,13	2,87	3,43	3,07
MEDIANA	2,83	3,00	3,17	3,00	2,83	3,50	3,08
DP	0,55	0,43	0,44	0,59	0,52	0,39	0,32

Os valores das médias referentes aos domínios PC Escolar ( $2,89 \pm 0,55$ ), PC Afetiva ( $2,93 \pm 0,55$ ) e PC Comportamental ( $2,87 \pm 0,52$ ) foram abaixo do limite de

corde para uma PCP positiva (3,0). Os demais domínios apresentaram valores médios que correspondem a uma PCP positiva, respectivamente, PC Atlética (3,17  $\pm$ 0,44), PC Aparência Física (3,13  $\pm$ 0,59) e Autoconceito Geral (3,43  $\pm$ 0,39). A média geral, considerando os domínios conjuntamente, foi positiva (3,07  $\pm$ 0,32). Os valores referentes às medianas se comportam similarmente aos valores das médias confirmando que os dados coletados são representativos (THOMAS; NELSON; SILVERMANN, 2007),

### 4.3 REGRESSÃO LINEAR

#### 4.3.1 Regressão Linear Múltipla entre o *Ranking* e os domínios da PCP

A Tabela 4 apresenta os resultados dos dados testados através do teste de regressão linear múltipla entre o *Ranking* Brasileiro e os domínios da PCP. Observa-se que quando os dados são testados agrupadamente, nenhum valor de  $p$  foi significativo para as variáveis estudadas ( $p > 0,05$ ).

TABELA 4. REGRESSÃO LINEAR MÚLTIPLA PARA *RANKING* E PCP

VARIÁVEL	$P$
PC ESCOLAR	0,82
PC AFETIVA	0,81
PC ATLÉTICA	0,18
PC APARÊNCIA FÍSICA	0,12
PC COMPORTAMENTAL	0,53
PC AUTOCONCEITO GERAL	0,11
$r$	0,57
$r^2$	0,32
$p$	0,16

Observa-se ainda que os valores obtidos explicam muito pouco a correlação entre as variáveis analisadas ( $r^2=0,32$ ). Assim, com a finalidade de verificar a representatividade dos resultados encontrados através da regressão múltipla, realizou-se um teste de regressão linear simples entre o *Ranking* Brasileiro e a média geral de todos os domínios da PCP.

Essa análise (Figura 8) confirma os resultados apresentados na Tabela 4, cujos resultados não foram significativos ( $p= 0,88$ ). Verifica-se também que a correlação encontrada apresentou leve tendência positiva, onde a PCP se eleva na medida em que a posição do *Ranking* melhora, e revelou fraca correlação ( $r^2=0,17$ ).

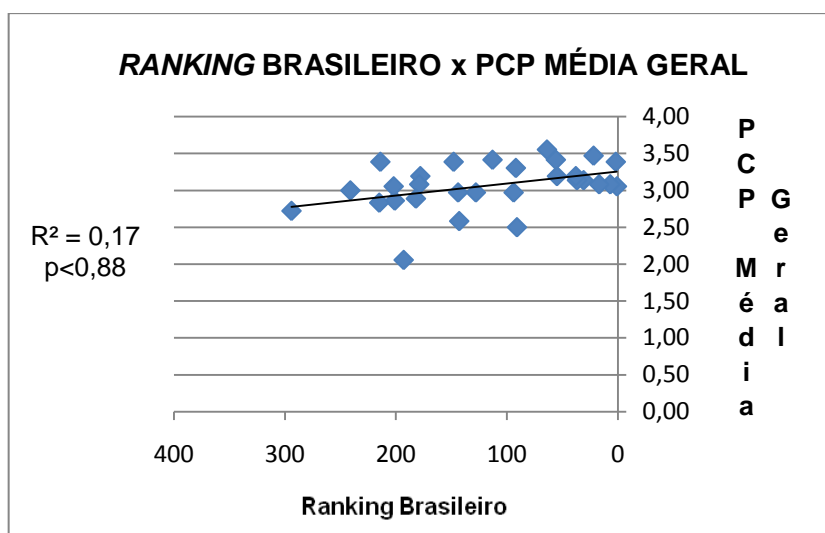


FIGURA 8. REGRESSÃO LINEAR SIMPLES ENTRE O RANKING BRASILEIRO E A MÉDIA GERAL DA PCP

#### 4.3.2 Regressão Linear Múltipla entre o Aproveitamento Esportivo e os domínios da PCP

A Tabela 5 apresenta os resultados obtidos através do teste de regressão linear múltipla entre o Aproveitamento Esportivo e os domínios da PCP. Observa-se que quando os dados são testados agrupadamente, nenhum valor de  $p$  foi significativo para as variáveis ( $p > 0,05$ ). Verificou-se, ainda, uma fraca correlação, explicando pouco da influência encontrada ( $r^2=0,29$ ).

TABELA 5. REGRESSÃO LINEAR MÚLTIPLA PARA AE E PCP

VARIÁVEL	$p$
PC ESCOLAR	0,66
PC AFETIVA	0,55
PC ATLÉTICA	0,12
PC APARÊNCIA FÍSICA	0,29
PC COMPORTAMENTAL	0,58
PC AUTOCONCEITO GERAL	0,16
$r$	0,53
$r^2$	0,29
$p$	0,23

Com a finalidade de verificar a representatividade dos resultados encontrados através da regressão múltipla, realizou-se também um teste de regressão linear simples entre o Aproveitamento Esportivo e a média geral de todos os domínios da PCP (Figura 9). A partir dessa análise, confirmaram-se os dados apresentados na Tabela 4, os quais não foram significativos ( $p= 0,23$ ). Verifica-se também que a

correlação encontrada apresentou leve tendência positiva, onde a PCP se eleva na medida em que o Aproveitamento Esportivo aumenta, e revelou fraca correlação ( $r^2=0,12$ ).

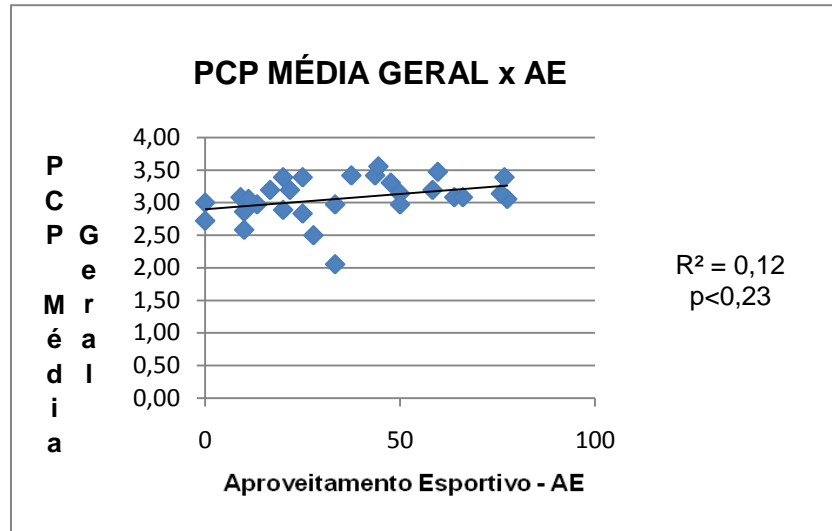


FIGURA 9. REGRESSÃO LINEAR SIMPLES ENTRE O APROVEITAMENTO ESPORTIVO E A MÉDIA GERAL DA PCP

#### 4.3.3 Regressão Linear múltipla entre a Experiência Geral e os domínios da PCP

A Tabela 6 apresenta os resultados obtidos através do teste de regressão linear múltipla entre a Experiência Geral e os domínios da PCP. A análise realizada demonstrou que quando os dados foram testados agrupadamente, apenas a PC Atlética apresentou correlação significativa com a experiência geral ( $p=0,03$ ). Verificou-se, ainda, uma fraca correlação entre essas variáveis, explicando muito pouco a influência encontrada ( $r^2=0,31$ ).

TABELA 6. REGRESSÃO LINEAR MÚLTIPLA PARA EG E PCP

VARIÁVEL	$p$
PC ESCOLAR	0,56
PC AFETIVA	0,88
<b>PC ATLÉTICA</b>	<b>0,03*</b>
PC APARÊNCIA FÍSICA	0,47
PC COMPORTAMENTAL	0,32
PC AUTOCONCEITO GERAL	0,23
$R$	0,56
$R^2$	0,31
$P$	0,18

\*  $p < 0,05$

Com a finalidade de confirmar a representatividade dos resultados encontrados na regressão múltipla entre a EG e os domínios da PCP, realizou-se também um teste de regressão linear simples entre a Experiência Geral e a média geral de todos os domínios da PCP (Figura 10). Os resultados encontrados nessa análise confirmam os dados apresentados na Tabela 6, ou seja, que, exceto para a PC Atlética, as demais variáveis não demonstraram correlação significativa ( $p=0,90$ ). Verificou-se também que a correlação encontrada apresentou leve tendência positiva, onde a PCP se eleva na medida em que a Experiência Geral é maior, porém com fraca correlação ( $r^2=0,11$ ).

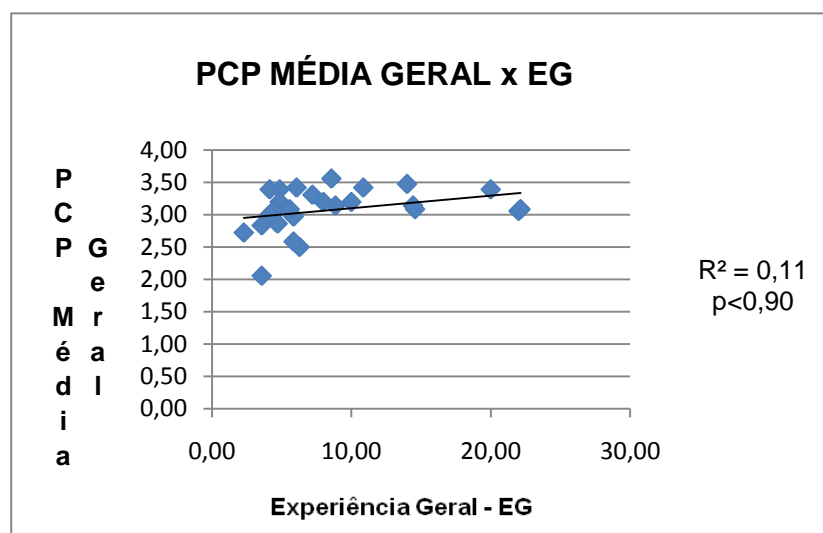


FIGURA 10. REGRESSÃO LINEAR SIMPLES ENTRE A EXPERIÊNCIA GERAL E A MÉDIA GERAL DA PCP

O resultado significativo encontrado entre a PC Atlética e a Experiência Geral na regressão linear múltipla sugeriu a necessidade de os dados serem testados individualmente através da regressão linear simples, apresentados no item 4.4.4.

#### 4.3.4 Regressão Linear Simples entre o *Ranking*, os domínios da PCP, a Experiência Geral e o Aproveitamento Esportivo

A Tabela 7 apresenta os resultados da regressão linear simples entre o *Ranking* (variável dependente) e as variáveis independentes: domínios da PCP, Experiência Geral e Aproveitamento Esportivo.

TABELA 7. REGRESSÃO LINEAR PARA RANKING

VARIÁVEL	<i>p</i>	<i>r</i>	<i>r</i> <sup>2</sup>
PC ESCOLAR	0,13	0,29	0,08
PC AFETIVA	0,08	0,33	0,11
<b>PC ATLÉTICA</b>	<b>0,04*</b>	<b>0,38</b>	<b>0,14</b>
PC APARÊNCIA FÍSICA	0,07	0,34	0,12
PC COMPORTAMENTAL	0,12	0,29	0,09
PC AUTOCONCEITO GERAL	0,88	0,1	0,01
<b>EXPERIÊNCIA GERAL</b>	<b>0,00**</b>	<b>0,82</b>	<b>0,68</b>
<b>APROVEITAMENTO ESPORTIVO</b>	<b>0,00**</b>	<b>0,88</b>	<b>0,77</b>

\*  $p < 0,05$  \*\*  $p < 0,01$

A Tabela 7 mostra que, dentre as variáveis analisadas, a PC Atlética, a EG e o AE demonstraram relação significativa com o *Ranking*. Apesar de o *Ranking* ter apresentado correlação significativa com a PC Atlética ( $p = 0,04$ ), essa correlação foi considerada baixa ( $r^2 = 0,14$ ). Contrariamente, a EG e o AE se relacionaram fortemente com o *Ranking* ( $p = 0,00$ ), apresentando forte correlação, respectivamente  $r^2 = 0,68$  e  $r^2 = 0,77$ .

A Figura 11 apresenta o resultado da correlação positiva entre o *Ranking* Brasileiro e a PC Atlética, mostrando que quanto melhor a PC Atlética, melhor a posição ocupada no *Ranking* Brasileiro.

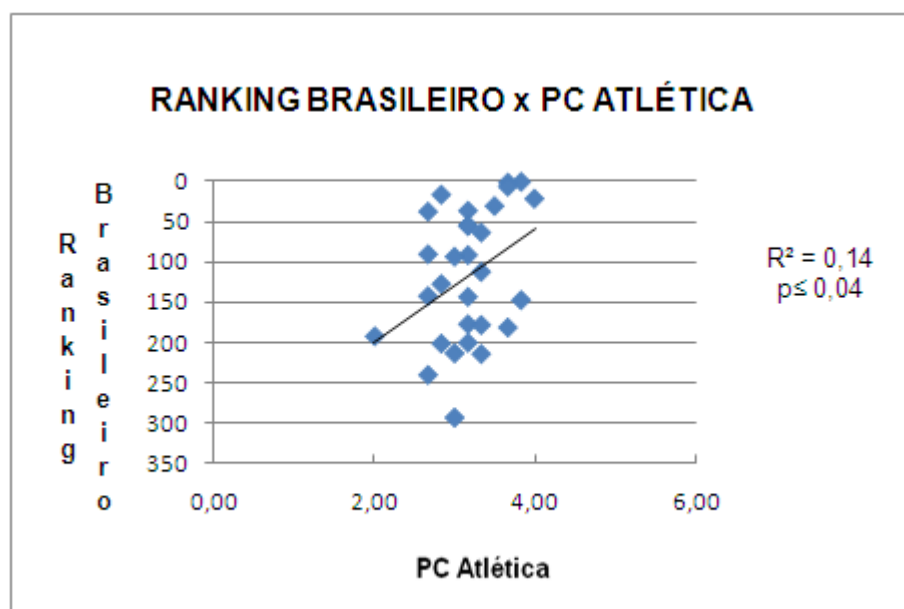


FIGURA 11. REGRESSÃO LINEAR SIMPLES ENTRE RANKING BRASILEIRO E PC ATLÉTICA

A Figura 12 demonstra que a correlação encontrada entre as variáveis foi positiva, mostrando que quanto maior a Experiência Geral, melhor a posição no *Ranking Brasileiro*.



FIGURA 12. REGRESSÃO LINEAR SIMPLS ENTRE RANKING BRASILEIRO E EG

A Figura 13 ilustra a correlação positiva encontrada entre o *Ranking Brasileiro* e o AE, confirmando que quanto maior o AE do atleta melhor a posição por ele ocupada no *ranking*.

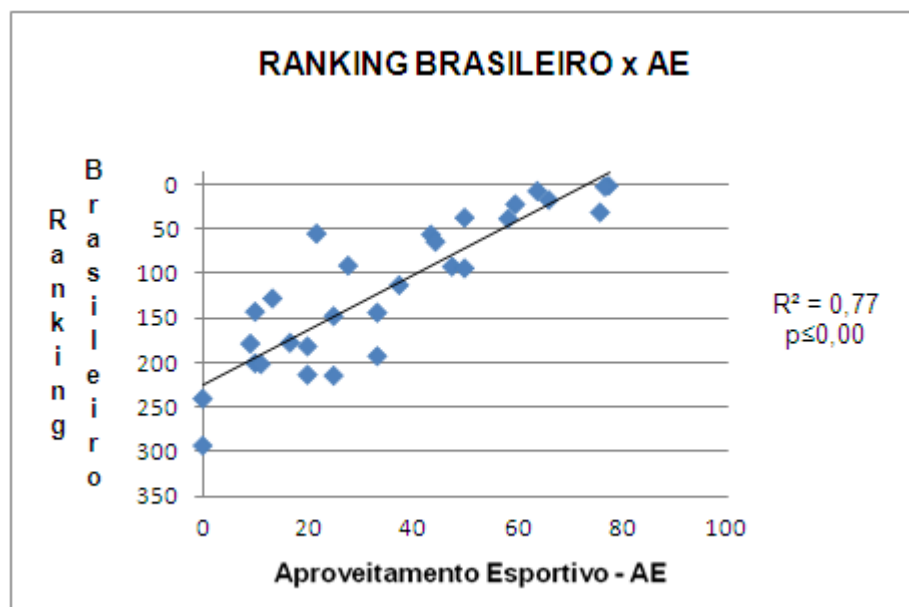


FIGURA 13. REGRESSÃO LINEAR SIMPLS ENTRE RANKING BRASILEIRO E AE



#### 4.3.5 Regressão Linear simples entre os domínios da Percepção de Competência Pessoal

A análise de regressão linear apresentada a seguir considerou a relação de cada domínio da PCP entre si (PC Escolar, Afetiva, Atlética, Aparência Física, Comportamental, Autoconceito Geral) e destes com as variáveis Experiência Geral e Aproveitamento Esportivo.

##### 4.3.5.1 Regressão Linear entre a PC Escolar e os demais domínios da PCP

A Tabela 8 apresenta os resultados da regressão linear entre a variável PC Escolar e os demais domínios da PCP.

TABELA 8. REGRESSÃO LINEAR PARA PC ESCOLAR

VARIÁVEL	<i>p</i>	<i>r</i>	<i>r</i> <sup>2</sup>
PC AFETIVA	0,26	0,21	0,05
<b>PC ATLÉTICA</b>	<b>0,03*</b>	<b>0,41</b>	<b>0,17</b>
PC APARÊNCIA FÍSICA	0,07	0,35	0,12
PC COMPORTAMENTAL	0,12	0,30	0,09
PC AUTOCONCEITO GERAL	0,13	0,08	0,29

\*  $p < 0,05$  \*\*  $p < 0,01$

Observa-se na Tabela 8 que, dentre todas as variáveis analisadas, apenas a PC Atlética apresentou correlação significativa com a PC Escolar ( $p = 0,03$ ), embora essa correlação seja considerada baixa ( $r^2 = 0,17$ ). As demais variáveis (PC Afetiva, PC Aparência Física, PC Comportamental, PC Autoconceito Geral), não demonstraram correlação significativa (considerando  $p < 0,05$ ).

A Figura 14 mostra a tendência positiva encontrada entre as variáveis PC Escolar e PC Atlética, indicando que uma PC Escolar positiva está relacionada com uma PC Atlética positiva.

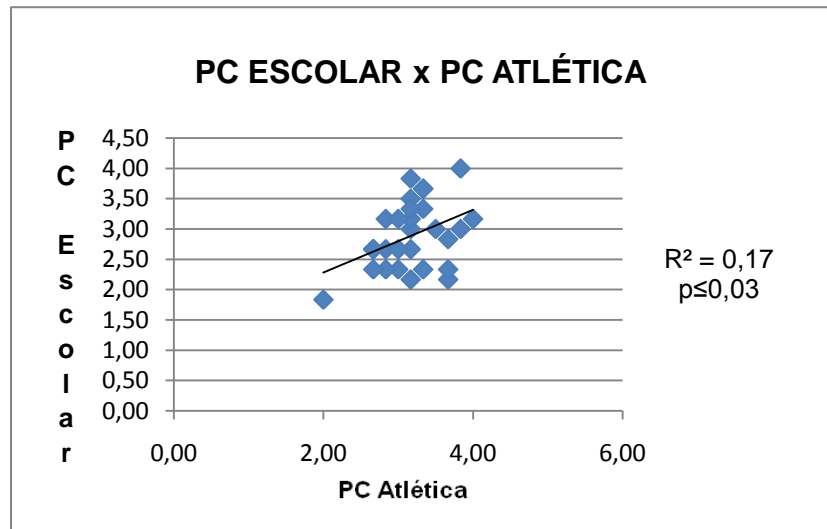


FIGURA 14. REGRESSÃO LINEAR SIMPLES ENTRE PC ESCOLAR E PC ATLÉTICA

#### 4.3.5.2 Regressão Linear entre a PC Afetiva e demais domínios da PCP

Os resultados encontrados na regressão linear entre a variável PC Afetiva e os demais domínios da PCP estão apresentados na Tabela 9

TABELA 9. REGRESSÃO LINEAR PARA PC AFETIVA

VARIÁVEL	$p$	$r$	$r^2$
PC ATLÉTICA	0,01*	0,46	0,21
PC APARÊNCIA FÍSICA	0,02*	0,43	0,18
PC COMPORTAMENTAL	0,02*	0,42	0,17
PC AUTOCONCEITO GERAL	0,22	0,23	0,06

\*  $p < 0,05$  \*\*  $p < 0,01$

Pode-se verificar na Tabela 9 que a PC Afetiva relacionou-se significativamente com PC Atlética ( $p = 0,01$ ), PC Aparência Física ( $p = 0,02$ ) e PC Comportamental ( $p = 0,02$ ), apesar de apresentarem baixa correlação ( $r^2 = 0,21$ ;  $r^2 = 0,18$  e  $r^2 = 0,17$ , respectivamente).

A Figura 15 mostra a correlação positiva entre as variáveis PC Afetiva e PC Atlética, indicando que existe um aumento linear discreto entre as variáveis, além disso percebe-se que os pontos estão dispersos de forma agrupada com uma baixa amplitude entre eles.

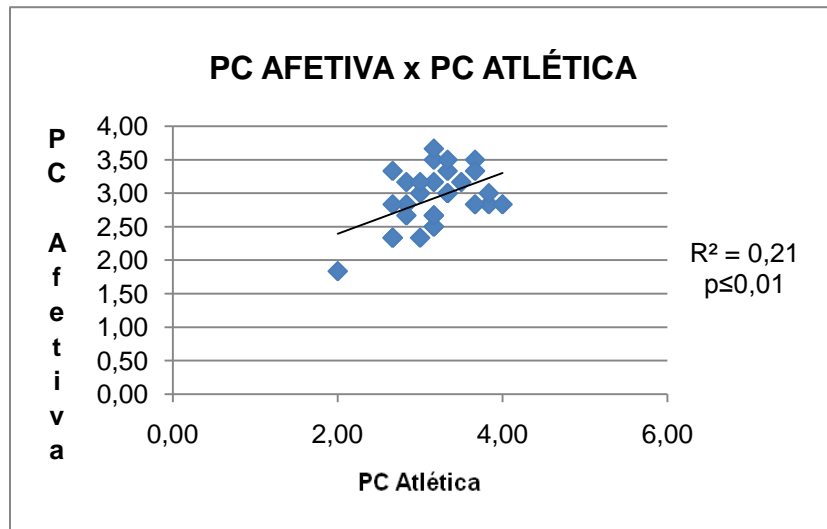


FIGURA 15. REGRESSÃO LINEAR SIMPLES ENTRE PC AFETIVA E PC ATLÉTICA

A Figura 16 apresenta a dispersão dos valores de uma correlação positiva entre a Aparência Física e PC Afetiva, indicando que quanto melhor a Aparência Física, melhor a PC Afetiva.

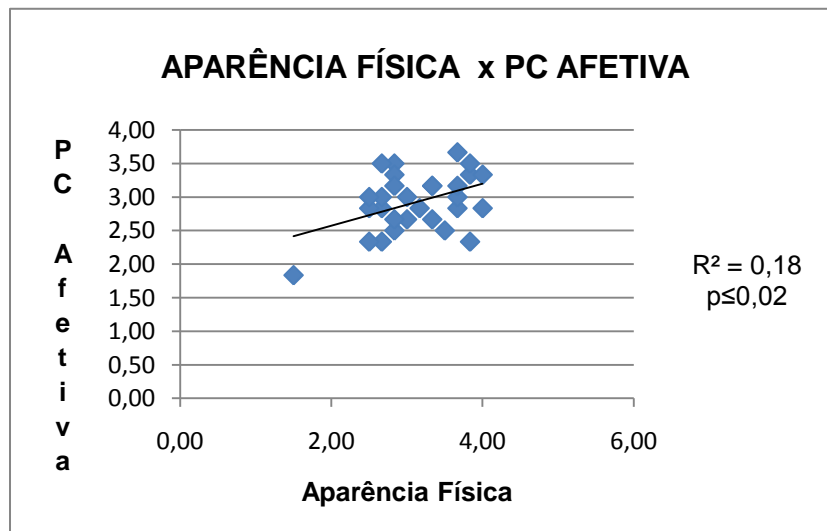


FIGURA 16. REGRESSÃO LINEAR SIMPLES ENTRE APARÊNCIA FÍSICA E PC AFETIVA

#### 4.3.5.3 Regressão Linear entre a PC Atlética e os demais domínios da PCP

A Tabela 10 apresenta os resultados da regressão linear entre a variável PC Atlética e os domínios PC Aparência Física, PC Comportamental e PC Autoconceito Geral.

TABELA 10. REGRESSÃO LINEAR PARA PERCEPÇÃO DE COMPETÊNCIA ATLÉTICA

VARIÁVEL	<i>p</i>	<i>r</i>	<i>r</i> <sup>2</sup>
PC APARÊNCIA FÍSICA	0,26	0,22	0,05
PC COMPORTAMENTAL	0,16	0,27	0,07
PC AUTOCONCEITO GERAL	0,23	0,23	0,05

\*  $p < 0,05$  \*\*  $p < 0,01$

A PC Atlética não demonstrou correlação significativa com os domínios da PC Aparência Física ( $p = 0,26$ ), PC Comportamental ( $p = 0,16$ ) e a PC Autoconceito Geral ( $p = 0,23$ ).

#### 4.3.5.4 Regressão Linear entre a PC Aparência Física, a PC Comportamental e a PC Autoconceito Geral

A Tabela 11 apresenta os resultados das análises de regressão linear realizadas entre a PC Aparência Física, a PC Comportamental e a PC Autoconceito Geral.

TABELA 11. REGRESSÃO LINEAR PARA PC APARÊNCIA FÍSICA

VARIÁVEL	<i>p</i>	<i>r</i>	<i>r</i> <sup>2</sup>
<b>PC COMPORTAMENTAL</b>	<b>0,04*</b>	<b>0,38</b>	<b>0,15</b>
<b>PC AUTOCONCEITO GERAL</b>	<b>0,00**</b>	<b>0,53</b>	<b>0,28</b>

\*  $p < 0,05$  \*\*  $p < 0,01$

A PC Aparência Física se relacionou significativamente com a PC Comportamental ( $p = 0,04$ ) e com a PC Autoconceito Geral ( $p = 0,00$ ), apresentando correlações baixa ( $r^2 = 0,15$ ) e moderada ( $r^2 = 0,28$ ), respectivamente.

A Figura 17 apresenta a linha de tendência entre a Aparência Física e a PC Comportamental, indicando uma fraca correlação positiva significativa entre as variáveis. Esse resultado mostra que uma Aparência Física positiva se correlaciona com uma boa PC Comportamental.

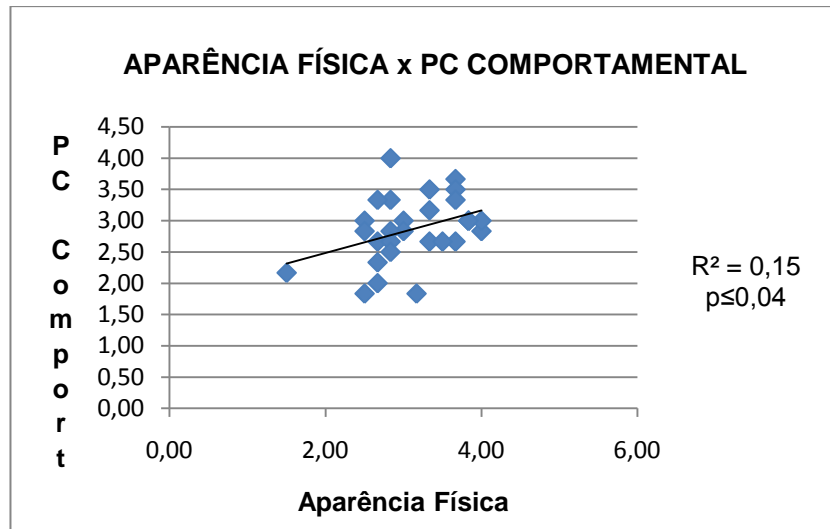


FIGURA 17. REGRESSÃO LINEAR SIMPLES ENTRE APARÊNCIA FÍSICA E PC COMPORTAMENTAL

Na Figura 18 está representada a correlação entre a variável Aparência Física e o Autoconceito Geral, mostrando uma discreta tendência positiva entre elas.

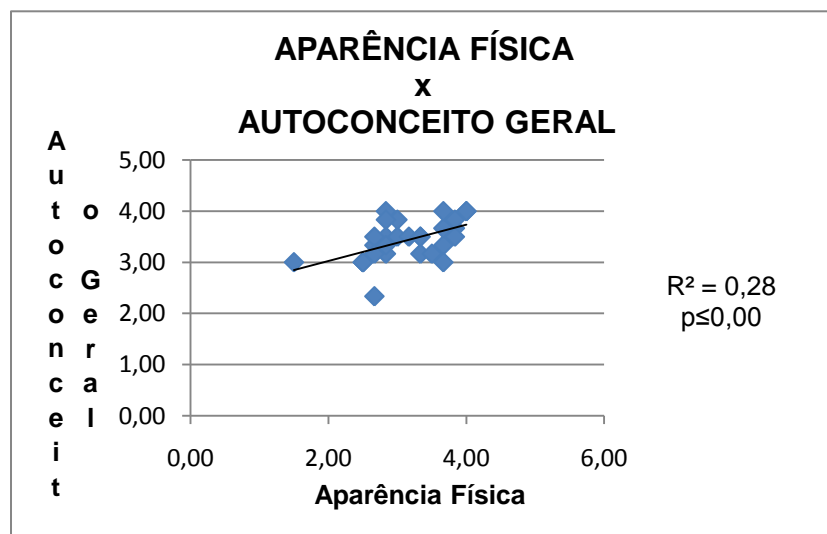


FIGURA 18. REGRESSÃO LINEAR SIMPLES ENTRE APARÊNCIA FÍSICA E AUTOCONCEITO GERAL

#### 4.3.5.5 Regressão Linear entre a PC Comportamental e a PC Autoconceito Geral

Na Tabela 12 encontram-se os resultados da PC Comportamental relacionada com a PC Autoconceito Geral.

TABELA 12. REGRESSÃO LINEAR PARA PC COMPORTAMENTAL

VARIÁVEL	$p$	$r$	$r^2$
PC AUTOCONCEITO GERAL	0,14	0,28	0,08

\*  $p < 0,05$  \*\*  $p < 0,01$

A PC Comportamental não apresentou correlação significativa com a PC Autoconceito Geral ( $p= 0,14$  e  $r^2=0,08$ ).

#### 4.3.5.6 Regressão Linear entre os domínios da PCP e a Experiência Geral

A Tabela 13 apresenta os resultados da regressão linear entre os domínios da PCP e a Experiência Geral.

TABELA 13. REGRESSÃO LINEAR ENTRE EXPERIÊNCIA GERAL E PCP

VARIÁVEL	$p$	$r$	$r^2$
PC ESCOLAR	0,44	0,16	0,02
PC AFETIVA	0,15	0,27	0,07
<b>PC ATLÉTICA</b>	<b>0,00**</b>	<b>0,48</b>	<b>0,23</b>
PC APARÊNCIA FÍSICA	0,39	0,17	0,03
PC COMPORTAMENTAL	0,14	0,29	0,08
PC AUTOCONCEITO GERAL	0,90	0,10	0,01

\*  $p < 0,05$  \*\*  $p < 0,01$

Os resultados apresentados na Tabela 13 evidenciam relação significativa entre a Experiência Geral e a PC Atlética ( $p= 0,00$ ), porém, com baixa correlação ( $r^2=0,23$ ). Nenhum outro domínio da PCP apresentou resultado significativo em relação à Experiência Geral.

A Figura 19 mostra uma correlação positiva entre a Experiência Geral e a PC Atlética, sugerindo de forma discreta que quanto maior a experiência do atleta melhor sua PC Atlética.

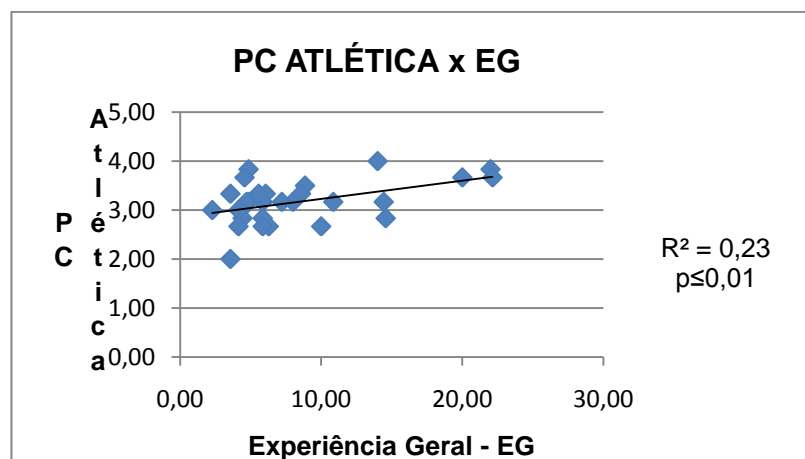


FIGURA 19. REGRESSÃO LINEAR SIMPLES ENTRE PC ATLÉTICA E EG

#### 4.3.5.7 Regressão Linear entre os domínios da PCP e o Aproveitamento Esportivo

A Tabela 14 apresenta os resultados da regressão linear entre os domínios da PCP e o Aproveitamento Esportivo.

TABELA 14. REGRESSÃO LINEAR PARA APROVEITAMENTO ESPORTIVO E PCP

VARIÁVEL	<i>p</i>	<i>r</i>	<i>r</i> <sup>2</sup>
PC ESCOLAR	0,44	0,15	0,02
<b>PC AFETIVA</b>	<b>0,05*</b>	<b>0,37</b>	<b>0,14</b>
<b>PC ATLÉTICA</b>	<b>0,03*</b>	<b>0,40</b>	<b>0,16</b>
PC APARÊNCIA FÍSICA	0,21	0,24	0,06
PC COMPORTAMENTAL	0,18	0,26	0,07
PC AUTOCONCEITO GERAL	0,80	0,14	0,02

\*  $p < 0,05$  \*\*  $p < 0,01$

Os resultados apresentados na Tabela 14 revelam que a regressão linear entre a PC Afetiva e o Aproveitamento Esportivo mostrou significância ( $p = 0,05$ ), apesar de a correlação ser considerada baixa ( $r^2 = 0,14$ ).

Pode-se também verificar que a PC Atlética se relacionou significativamente com o AE ( $p = 0,03$ ), com baixa correlação ( $r^2 = 0,16$ ). Os demais domínios da PCP (PC Escolar, PC Aparência Física, PC Comportamental e PC Autoconceito Geral), não mostraram resultados significativos com o AE.

A Figura 20 demonstra a correlação positiva entre o AE e a PC Afetiva, indicando uma satisfação afetiva do atleta que apresenta um bom AE.

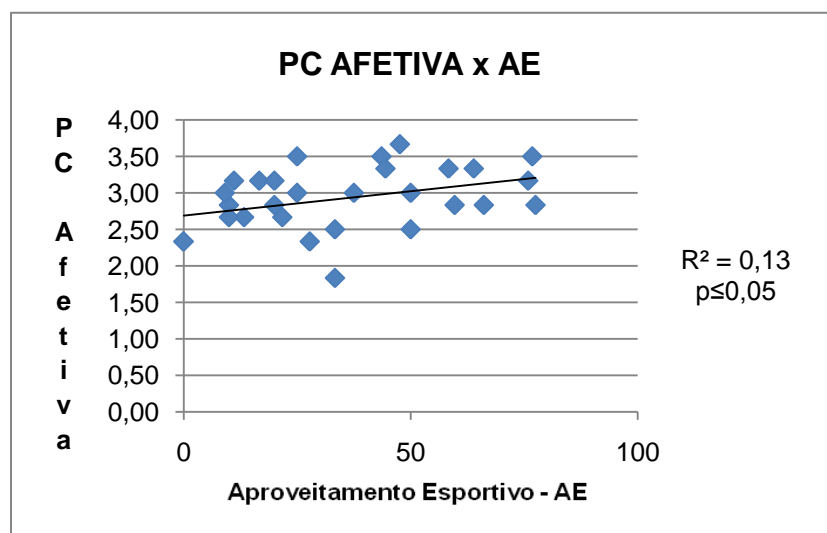


FIGURA 20. REGRESSÃO LINEAR SIMPLES ENTRE PC AFETIVA E AE

A Figura 21 apresenta a correlação positiva, embora discreta, entre a PC Atlética e o AE, que sugere uma melhor PC Atlética à medida que se apresenta um melhor AE.

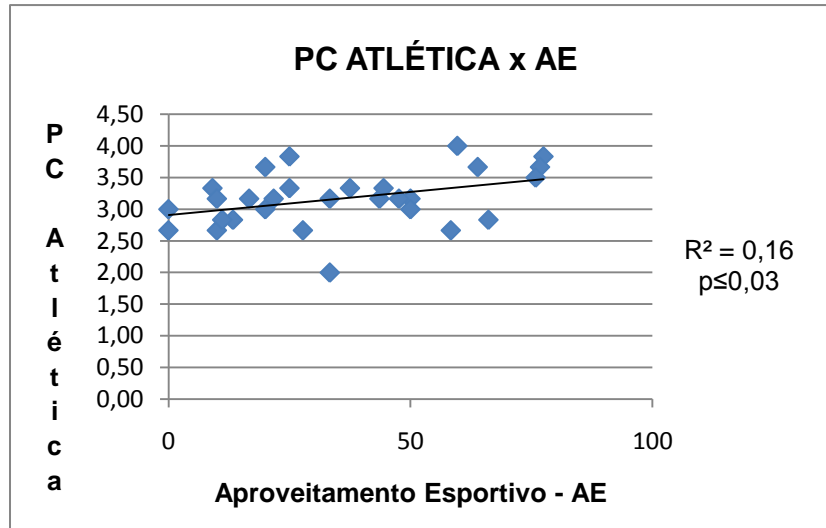


FIGURA 21. REGRESSÃO LINEAR SIMPLES ENTRE PC ATLÉTICA E AE



## 5. DISCUSSÃO

O principal objetivo do presente estudo foi avaliar o grau de associação entre a PCP de atletas de tênis da Categoria 12M, as posições por eles ocupadas no *Ranking* Brasileiro, o Aproveitamento Esportivo e a Experiência Geral do atleta.

Antes de iniciar a discussão, é preciso ressaltar que as pesquisas revisadas no presente estudo evidenciaram que, no contexto esportivo, poucas investigações preocuparam-se em analisar as relações entre as variáveis estudadas. Além disso, não são conhecidos dados com atletas da modalidade de tênis, especificamente, com a faixa etária proposta na presente investigação. Assim, a confrontação dos dados obtidos no presente estudo com outras pesquisas realizadas em situações similares deve ser feita com cautela.

Os resultados encontrados através da análise de regressão linear múltipla explicam uma parcela muito pequena dos dados, apenas 31% dos resultados encontrados, confirmando a necessidade dos dados serem testados individualmente através da regressão linear simples. Portanto, neste capítulo está apresentada apenas a discussão referente aos resultados obtidos através da regressão linear simples.

### 5.1 PERCEPÇÃO DE COMPETÊNCIA PESSOAL E *RANKING* BRASILEIRO

A relação do *Ranking* Brasileiro com os domínios que compõem a Escala da Percepção de Competência Pessoal (PC Escolar, PC Afetiva, PC Atlética, PC Aparência Física, PC Comportamental e PC Autoconceito Geral) foi analisada separadamente no intuito de verificar o comportamento individual de cada um desses domínios. De acordo com Harter (1982), o senso de competência das crianças não é um constructo unitário e sim dividido em diferentes domínios, de modo que cada escala referente a cada domínio define um fator separado, indicando que as crianças distinguem claramente esses diferentes domínios.

Na análise entre a PCP e o *Ranking* Brasileiro, os resultados encontrados permitiram aceitar parcialmente a hipótese  $H_1$ , pois demonstraram haver correlação significativa apenas entre o *Ranking* e a PC Atlética e não entre o *Ranking* e os demais domínios da PCP (PC Escolar, PC Afetiva, PC Aparência Física, PC Comportamental e PC Autoconceito Geral).

A média ( $3,17 \pm 0,44$ ) encontrada para a PC Atlética dos tenistas avaliados na presente investigação, assim como sua mediana ( $3,17 \pm 0,44$ ), demonstram uma amostra homogênea, com alta percepção de competência para a variável PC Atlética. Os resultados encontrados por Silva (2009) para a PC Atlética de garotos de 10 anos da rede pública (mediana= 3,0), também corresponderam a uma alta percepção de competência, corroborando os resultados encontrados no presente estudo. Grisa (2008), avaliando a PC Atlética e o desempenho motor de crianças entre 11 e 12 anos da rede escolar, também constatou que os alunos que participavam de treinamentos esportivos apresentavam PC Atlética significativamente melhor do que aqueles que não participavam de programas esportivos. O estudo de Grisa (2008) sugere, ainda, que a PC Atlética pode auxiliar na formação de uma melhor autoestima e de uma maior autoconfiança motora, favorecendo um autoconceito positivo.

O sentimento de ser capaz ou não, está relacionado ao tempo de prática e às experiências passadas do indivíduo, condições essenciais para que ele elabore critérios para avaliar sucessos e insucessos aumentando a sua competência percebida (HARTER, 1978). No caso dos tenistas, o tempo médio de prática dos atletas ( $4,53 \text{ anos} \pm 1,92$ ) demonstra uma base de treinamento bem desenvolvida, o que pode ter contribuído para que os tenistas tenham demonstrado uma PC Atlética positiva, independentemente do desempenho esportivo.

Apesar de ter-se encontrado resultados significativos entre o Ranking e a PC Atlética ( $p= 0,04$ ) dos tenistas, a correlação entre essas variáveis foi considerada baixa ( $r = 0,38$ ), não permitindo identificar melhor percepção de competência entre os atletas que ocupavam as primeiras colocações do *Ranking* e suas contrapartes posicionadas nas posições inferiores do Ranking Brasileiro. Um dos argumentos para essa baixa correlação pode estar associado ao fato das regras de pontuação do *Ranking* determinadas pela CBT estabelecerem pontos pela simples participação do atleta no torneio com derrota na rodada inicial. Assim, atletas de tênis da Categoria 12M que fazem parte do *Ranking*, independentemente da sua posição, podem apresentar PC Atlética positiva, quando comparados com seus colegas não atletas. Essa condição, contudo, pode fazer com que o atleta superestime sua percepção de competência pessoal e levar a criança a constantes fracassos frente a tarefas que lhe parecem fáceis, mas, que na realidade, estão acima de suas possibilidades,

influenciando negativamente a motivação para atividades físicas e esportivas futuras (VALENTINI, 2002).

Os resultados encontrados no presente estudo contrariam os achados por Mc Auley (1985) em um estudo sobre sucesso esportivo e suas causas, realizado com ginastas de alto rendimento. Nesse estudo, as atletas de sucesso apresentaram uma PC positiva, enquanto as que não conseguiram bons resultados apresentaram PC negativa. Esses resultados, segundo o autor, parecem depender da especificidade do esporte, podendo-se não encontrar resultados similares em esportes de habilidades abertas como o golfe e o tênis. Além disso, a percepção de sucesso que as ginastas tiveram acerca de suas performances pode ter sido influenciada pelos meios de avaliação dos juízes e pela colocação final que as atletas recebem (se não ficarem entre as seis primeiras posições ficam fora da área de pontuação), induzindo a um julgamento negativo sobre seu desempenho, mesmo que não tenham cometido erros na execução dos exercícios (Mc AULEY, 1985).

Sheldon (2003) estudou as fontes de informações que formam a percepção de competência de tenistas adultos e concluiu que tanto os jogadores com baixo nível de habilidade como aqueles com altos níveis de habilidades, apresentaram uma autoavaliação semelhante, atribuindo o mesmo grau de importância às fontes de informações que formam a percepção de competência, respectivamente o tempo em que demonstram progressos técnicos individuais e a comparação com os outros jogadores. Sob este ponto de vista, o *ranking* se apresenta como uma ferramenta importante no fornecimento de informações que formam a percepção de competência do jogador.

Weiss e Amorose (2005) observaram as relações entre a PC de crianças e as fontes que alimentam a PC e confirmam que os resultados positivos são importantes na formação da PC, porém relata que outros fatores como o nível técnico e a atual capacidade do atleta, devem estar presentes simultaneamente para que a criança tenha uma percepção mais precisa de sua competência.

Contudo, o sistema brasileiro de classificação de resultados de tenistas contraria um dos sistemas de classificação de resultados de tênis mais desenvolvido do mundo, elaborado e adotado pela Confederação Alemã de Tênis (*Deutscher Tennis Bund e.V. DTB*), que atribui pontos aos jogadores somente para os resultados positivos, além de haver uma pontuação diferenciada para vitórias sobre jogadores

dos diversos níveis de torneios no mundo, desde jogos regionais até profissionais (DTB, 2010).

Similar ao sistema nacional, os critérios adotados pela Associação de Tenistas Profissionais (*Association of Tennis Professional*, ATP) atribui pontos aos jogadores de acordo com a rodada do confronto, independentemente do resultado. Porém, atribui-se bonificação para vitórias sobre jogadores classificados em posições superiores, valorizando o desejo de vencer e o empenho para enfrentar jogadores melhores ranqueados (ATP, 2010). É importante destacar que a ATP rege o tênis profissional, assim, para o tenista poder participar de torneios, ele deve primeiramente participar de um torneio classificatório, que, na maioria das vezes, não premia as vitórias até que o jogador se classifique para o torneio principal, além de ser necessária uma experiência acima de dez anos de carreira para poder atingir nível técnico suficiente para alcançar vitórias que permitirão ao jogador ser aceito nesse âmbito. Diferente do sistema brasileiro que automaticamente atribui pontos ao jogador inscrito e se trata de jogadores no início da carreira.

Uma vez que o *Ranking* classifica o nível técnico dos jogadores e acompanha seu desenvolvimento, o sistema de classificação vigente no qual o presente estudo se baseia, pode propiciar uma falsa sensação de competência ao atleta, pois se o jogador tiver condições de participar de muitos torneios, receberá muitos pontos e subirá no *Ranking*, independentemente do resultado da sua atuação. Nesse caso, a PC Atlética poderá estar baseada apenas no *status* atingido pela posição ocupada pelo atleta no *Ranking* e no reconhecimento externo (pais e amigos), e não na sua capacidade técnica, reforçando aspectos extrínsecos da motivação e induzindo o esportista a uma percepção de competência irreal (VALENTINI, 2002; SILVA, 2009).

Robinson e Carron (1982) analisaram fatores que influenciariam o abandono ou a permanência no esporte competitivo e mostraram que a desistência ou a permanência do atleta no esporte pode ser em parte atribuída aos resultados atléticos, reforçando a importância de se ter um sistema adequado de classificação de tenistas, que favoreça sua PC Atlética e a motivação intrínseca do atleta.

Estudando as relações entre a percepção de competência, a motivação intrínseca e o rendimento, Li *et al.* (2005) apontou para a importância de atleta acreditar no esforço próprio para obter sucesso e manter-se engajado na atividade, confirmando a necessidade de aprimorar os mecanismos de avaliação de rendimento dos jovens tenistas. Sheldon e Eccles (2005) reforçam a ideia de que o esforço

prediz uma alta percepção de competência e sugerem acrescentar avaliações de capacidades psicológicas nas medidas de PC especificamente para atletas. Apontam, ainda, que a PC positiva facilita o aprendizado, ajuda estabilizar de forma mais fácil e natural as novas habilidades adquiridas.

Outro ponto a destacar referente aos resultados encontrados com os tenistas que participaram do presente estudo foi a ausência de correlação do *Ranking* com a PC Escolar ( $p= 0,13$ ), a PC Afetiva ( $p= 0,07$ ), a PC Aparência física ( $p= 0,06$ ), a PC Comportamental ( $p= 0,12$ ) e a PC Autoconceito Geral ( $p= 0,08$ ). Esse fato pode estar associado às características do *Ranking* Brasileiro, que é elaborado a partir da participação dos atletas em torneios e dos resultados por eles alcançados. Esse critério de classificação do *Ranking* difere das características dos demais domínios da PCP avaliados no presente estudo. Isto é, as questões referentes ao domínio PC Escolar envolvem situações como “fazer tarefas” e “o aprendizado acadêmico” (HARTER, 1985), que diferem das competências esportivas necessárias para o desempenho atlético. As questões referentes à PC Afetiva enfatizam “sentimentos de os indivíduos serem acolhidos ou aceitos por outros” e não emoções decorrentes do desempenho esportivo das crianças. As características referentes à PC Aparência Física incluem aspectos da aparência física geral, como, por exemplo, “desejar que algumas coisas de seu rosto ou cabelo fossem diferentes”, não estando relacionados com a aparência física de um esportista de alto rendimento que poderia impressionar o adversário (HARTER, 1985).

As características da PC Comportamental também diferem das características do *Ranking* Brasileiro. O *Ranking* é elaborado pela CBT e se refere a uma classificação que tenta avaliar o desempenho dos participantes (CBT, 2009), enquanto a PC Comportamental se refere às questões sobre a satisfação com o comportamento social do indivíduo e não esportivo, como, por exemplo, “os problemas que algumas pessoas enfrentam por causa das coisas que fazem” (HARTER, 1985). Por fim, a PC Autoconceito Geral parece refletir a opinião geral do indivíduo sobre si mesmo (em relação a aspectos gerais da sua vida), enquanto a posição ocupada pelo atleta no *Ranking* é, nessa dimensão, considerada um fator menos importante.

## 5.2 RANKING BRASILEIRO E APROVEITAMENTO ESPORTIVO

Os resultados encontrados no presente estudo possibilitaram confirmar a hipótese H<sub>2</sub>, que afirma haver relação entre o *Ranking* e o Aproveitamento Esportivo. A alta correlação encontrada entre o Aproveitamento Esportivo (AE) e o *Ranking* Brasileiro ( $p= 0,01$  e  $r^2=0,77$ ) pode, primeiramente, ser explicada pelos critérios adotados no presente estudo (relação entre o número de jogos realizados e o número de vitórias obtidas pelos atletas). O regulamento do *Ranking* da CBT estabelece uma escala crescente de pontuação, segundo a qual a rodada inicial atribui um ponto ao perdedor e, na medida em que o jogador vence as partidas seguintes e se aproxima da final (ou se torna o campeão), os pontos atribuídos a esses resultados aumentam, contribuindo para melhorar a posição do atleta no *Ranking*. Assim, parece aceitável a forte correlação do Aproveitamento Esportivo com o *Ranking*, uma vez que a quantidade total de jogos realizados e o número de vitórias determinam as posições dos atletas no *Ranking* Brasileiro.

A variável AE reflete, de forma simples, o lado positivo dos resultados, pois está baseado na relação entre o número de jogos e as vitórias (e não as derrotas) (CBT, 2009), o que por sua vez, se relaciona exclusivamente do esforço do atleta em vencer.

## 5.3 RANKING BRASILEIRO E EXPERIÊNCIA GERAL

A correlação encontrada no presente estudo entre o *Ranking* Brasileiro e a Experiência Geral (EG) do atleta permitiu confirmar a hipótese H<sub>3</sub>. A forte correlação entre a Experiência Geral e o *Ranking* ( $p=0,01$  e  $r^2=0,68$ ) pode, primeiramente, ser explicada com base nos componentes da variável EG utilizados no presente estudo. Os critérios utilizados para o atleta pontuar no *Ranking* também podem influenciar os resultados (pontos ganhos com o avanço nas rodadas dos torneios e os pontos ganhos com a pontuação mínima, 1 ponto, mesmo que o atleta perca na primeira rodada). Esse sistema de somatória dos pontos favorece os atletas com maiores possibilidades de participar em maior quantidade de torneios em detrimento de um melhor indicador de desempenho, pois estes poderão somar uma quantidade de pontos maior do que aqueles que não têm condições de participar de muitos

torneios, alcançando melhores posições na classificação, mesmo apresentando um Aproveitamento Esportivo inferior.

Os resultados encontrados na relação entre o *Ranking* Brasileiro e a Experiência Geral dos tenistas participantes do presente estudo apresentaram alta PCP e também larga experiência esportiva, apóiam os resultados de Sheldon e Eccles (2005). Ao estudar a PC de tenistas adultos, Sheldon e Eccles (2005) ressaltaram vários componentes que predizem uma PC positiva, alguns deles relacionados com o desempenho esportivo, a confiança, a motivação e a experiência.

O estudo de Li *et al.* (2005), com estudantes americanas adultas, relacionou motivação intrínseca, percepção de competência, experiência, perseverança e performance, demonstrando que um ambiente no qual os alunos se sintam competentes, acreditem no esforço e experimentem o sucesso favorece a aderência em atividades. Dessa forma, tomando por base a correlação encontrada no presente estudo entre *Ranking* e Experiência Geral, assim como os argumentos apresentados por Li *et al.* (2005), destaca-se a necessidade de se incluir nos torneios de tênis sistemas de jogos um contra todos e, nos ambientes de treinamento, atividades de formação geral, incluindo avaliações de percepções de competência específicas da modalidade.

#### 5.4 RELAÇÃO ENTRE OS DOMÍNIOS DA PERCEPÇÃO DE COMPETÊNCIA PESSOAL

Os resultados encontrados no presente estudo permitiram aceitar parcialmente a hipótese H<sub>4</sub>, pois se verificou correlação significativa apenas entre alguns domínios da PCP (PC Escolar e PC Atlética; PC Afetiva e PC Atlética; PC Afetiva e PC Comportamental; PC Afetiva e PC Aparência Física; PC Aparência Física e PC Comportamental; PC Aparência Física e PC Autoconceito Geral).

O fato da PC Escolar e a PC Atlética terem se relacionado significativamente ( $p=0,02$ ), confirma a correlação encontrada por Harter (1982) em seu estudo de validação da PCS (*Perceived Competence Scale*), embora essa correlação tenha sido baixa ( $p<0,01$  e  $r^2=0,12$ ). Balaguer *et al.* (1999), em um estudo sobre o ambiente motivacional e a orientação de objetivos de tenistas, encontraram que os atletas com PC Atlética positiva possuem seus objetivos orientados por metas e tarefas, aceitam

desafios e se motivam intrinsecamente. Características consideradas pelos autores como similares às da vida escolar, onde a criança tem que cumprir metas estabelecidas e tarefas diversas para atingirem suas notas. Bons alunos cumprem suas responsabilidades escolares, da mesma forma que os atletas de tênis cumprem suas responsabilidades para com o esporte competitivo.

Os resultados significativos encontrados no presente estudo entre a PC Atlética e a PC Afetiva ( $p= 0,01$ ) podem ser explicados pelo fato de uma pessoa com habilidade esportiva naturalmente destacar-se no meio em que vive e ter mais facilidade de fazer amigos e de ser reconhecida, fazendo-a sentir-se mais aceita na sociedade. Um estudo realizado por Cassidy e Conroy (2004), acerca das percepções que as crianças fazem de si mesma e dos outros a respeito do suporte recebido pelos pais e treinadores, indicou que uma PC Atlética positiva parece influenciar a sensibilidade afetiva do atleta, de tal forma que ele demonstra sentimentos de alegria e motivação. Por outro lado, aqueles que apresentam uma PC Atlética negativa, podem demonstrar sentimentos de desânimo e tristeza.

A correlação entre a PC Aparência Física e a PC Afetiva ( $p= 0,02$ ) encontrada para os tenistas que participaram do presente estudo indica que a satisfação do atleta com a sua aparência física pode afetar a sua PC Afetiva. No entanto, isso parece não estar relacionado diretamente com o rendimento esportivo e sim com aspectos de satisfação sobre a aparência do seu próprio corpo. Harter (1982, 1985), em seu trabalho de validação da EPC, descreve o domínio Aparência Física com afirmações relativas aos valores estéticos, como por exemplo, “algumas pessoas são felizes com seu peso e altura”. Anastácio e Carvalho (2006), por sua vez, em trabalho realizado com adolescentes sobre a satisfação com a sua imagem corporal e autoestima, relatam que a satisfação com a imagem corporal aumenta a autoestima do indivíduo e aumenta a sua capacidade de controlar emoções, contribuindo para um desenvolvimento saudável do adolescente. Marsh *et al.* (1997), estudaram adolescentes estudantes e atletas de elite, apontam que no campo do desenvolvimento pessoal e da saúde, deve-se ficar atento às ameaças ao bem estar psicológico que está associado com a pobre condição física, obesidade e baixa PC Aparência física.

A correlação positiva observada entre a PC Aparência Física e a PC Comportamental dos tenistas avaliados no presente estudo ( $p= 0,04$ ) sugere que os atletas mais satisfeitos com sua aparência física apresentam comportamento mais



dinâmico e autoconfiante, enquanto que atletas menos satisfeitos com sua aparência física podem se comportar de forma mais reservada e acanhada. De forma semelhante, Germain e Hausenblas (2006), desenvolveram um estudo de meta-análise sobre a condição física (*fitness*) percebida e a real, destacando que uma baixa ou falsa percepção de seu estado de *fitness*, contribui para a redução da atividade física e aumento do sedentarismo. Essas percepções poderiam influenciar distintos comportamentos durante a participação de atletas em torneios e conseqüentemente alterarem os resultados alcançados. Anastácio e Carvalho (2006) sugerem que uma autoestima positiva pode aumentar a capacidade dos adolescentes em resistir às pressões de grupos para comportamentos de risco à saúde, ou seja, a construção de uma autoestima positiva proporciona aos jovens a oportunidade de desenvolverem autoconceito positivo e confiança na capacidade de controlar vários aspectos da sua vida.

De forma semelhante, a correlação positiva encontrada entre a PC Aparência Física e a PC Autoconceito Geral ( $p= 0,00$ ) encontrada nos tenistas que participaram do presente estudo pode ser explicada a partir de boas atitudes como, por exemplo, jogar com alegria e confiança, ter determinação e disposição para enfrentar desafios, motivar-se intrinsecamente e ter um autoconceito positivo, aspectos que refletem comportamentos associados à satisfação com sua PC Aparência Física, enquanto que atitudes acanhadas e envergonhadas se apresentam quando a avaliação de si mesmo (seu autoconceito), é negativa (WEINBERG; GOULD, 2008; SAMULSKI, 2002). Em estudo com atletas de tênis de mesa, Greenlees *et al.* (2005) verificaram que os atletas demonstraram menor autoconfiança quando o adversário estava usando roupas próprias do esporte em oposição ao vestuário geral. Segundo esses autores, a aparência física reflete a primeira impressão que uma pessoa tem de si mesma, podendo influenciar sua confiança.

Para Weinberg e Gould (2008), o autoconceito e a autoestima influenciam a percepção de competência. Quanto mais positiva a autoestima do atleta, maior o despertar de emoções positivas, maior a facilidade para a concentração, maior a influência sobre a meta proposta e maior o esforço despendido, podendo afetar a estratégia de jogo e conseqüentemente o desempenho do atleta.

Por outro lado, a falta de correlação encontrada entre os demais domínios da PCP dos atletas de tênis que fizeram parte do presente estudo reforça o entendimento de que as crianças diferenciam a sua percepção de competência

pessoal em cada domínio e que estes atuam independentemente na formação de competência pessoal das crianças e jovens (HARTER, 1982).

### 5.5 PERCEPÇÃO DE COMPETÊNCIA PESSOAL E EXPERIÊNCIA GERAL

Os resultados encontrados no presente estudo permitiram aceitar parcialmente a hipótese H<sub>5</sub>, e demonstram haver relação apenas entre o domínio PC Atlética com a Experiência Geral (EG). A EG mostrou alta correlação com a PC Atlética ( $p= 0,01$ ), e sugere que os tenistas que possuem experiência na modalidade (permanência prolongada no tênis, grande quantidade de jogos e torneios disputados, participando de competições há bastante tempo, etc.) podem apresentar uma PC Atlética positiva. Os atletas de tênis de nível nacional possuem um grande volume de treinamento e competição, o que lhes confere uma condição atlética superior aos seus colegas não atletas. Grisa (2008) encontrou resultados similares com escolares de 11 e 12 anos, onde os participantes de treinamento esportivo obtiveram maior número de resultados superiores e melhores desempenhos em testes motores quando comparados com aqueles que não participaram de treinamento esportivo. Li, Lee e Solmon (2005), observaram a PC, a motivação intrínseca e a experiência de estudantes femininos e concluíram que as experiências de sucesso passadas predizem uma percepção de competência mais positiva e uma melhor motivação intrínseca, que contribui para um engajamento esportivo mais duradouro.

Os resultados encontrados neste estudo também corroboram com os achados por Grisa e Gaion (2007) ao constatar que o desempenho de praticantes de atividades esportivas foi melhor que o desempenho dos não praticantes. Para Harter (1982), os julgamentos que as crianças formam sobre suas capacidades influenciam sua motivação e seu desempenho no contexto vivenciado. Assim, é possível que os tenistas que participaram do presente estudo tenham obtido PC Atlética alta por terem apresentado em uma média alta em Experiência Geral, variável que engloba, entre outras, a participação dos atletas em treinamento esportivo.

A falta de correlação significativa entre a Experiência Geral e os domínios PC Escolar ( $p= 0,43$ ), PC Afetiva ( $p= 0,16$ ), PC Aparência Física ( $p= 0,39$ ), PC Comportamental ( $p= 0,13$ ) e a PC Autoconceito Geral ( $p= 0,90$ ) parece ter sido influenciada pelo fato dessas variáveis possuírem características bem distintas. Ou seja, a EG avaliada no presente estudo se refere às experiências dos atletas no

tênis, especificamente, enquanto os domínios avaliados pela EPC referem-se a aspectos gerais, o que dificulta avaliar a real influência que a EG poderia exercer sobre esses domínios.

## 5.6 PERCEPÇÃO DE COMPETÊNCIA PESSOAL E APROVEITAMENTO ESPORTIVO

Os resultados encontrados para os tenistas do presente estudo permitiram aceitar parcialmente a hipótese H<sub>6</sub>, pois evidenciaram existir correlação apenas entre o AE e as percepções de Competência Atlética e Afetiva ( $p < 0,05$ ).

A correlação do AE e PC Atlética podem ser explicadas pelo fato de o AE contabilizar a quantidade total de jogos realizados e o respectivo número de vitórias obtidas pelos atletas, indicando que um grande número de jogos em competições nacionais (mesmo incluindo derrotas) poderia contribuir para uma alta PC Atlética dos atletas da categoria 12M. Em outras palavras, os atletas podem se sentir competentes apenas pela participação nos torneios de nível nacional, uma vez que existem muitos outros tenistas que sequer conseguem participar desses eventos.

A relação do AE e a PC Afetiva, por sua vez, pode estar associada ao fato dos atletas se sentirem acolhidos pelos parentes, treinadores e amigos, uma vez que existe uma cultura de apoio ao jovem atleta, independentemente dos seus resultados. No instrumento utilizado no presente estudo (EPC), as afirmações que compõem o domínio PC Afetiva fazem referência à percepção que a criança tem em conseguir se relacionar com outras pessoas, assim como aos aspectos de aceitação social, como, por exemplo, quando referem que “algumas pessoas gostariam de ter muito mais amigos”. Outros autores (WEINBERG; GOULD, 2008; MARTENS, 1978; SAMULSKI 2002; EWING; SEEFELDT, 1996) também afirmam que as crianças participam de esportes por diversos motivos, entre eles a diversão, a excitação da competição, para estarem com amigos e estabelecerem novas amizades.

A média anual do número de vitórias dos tenistas avaliados na presente investigação (15,69 vitórias  $\pm 23,88$ ) mostra que existem muitas vitórias alcançadas por poucos jogadores e muitos jogadores com muitas derrotas. Por outro lado, a média anual de derrotas (12,72 derrotas  $\pm 8,88$ ) confirma haver mais derrotas que vitórias para a maioria dos atletas, contribuindo para um baixo Aproveitamento Esportivo. Esses dados, entretanto, não representam um fato desconhecido, uma vez que os jogos dos torneios de tênis baseiam-se no sistema de eliminatória

simples, o que significa haver apenas um jogador entre os inscritos que não experimentará derrota. Em outras palavras, dos 32 jogadores que normalmente compõem uma das chaves de um torneio, 31 deles irão perder ao menos uma partida e 50% não vencerão, uma vez que perdem na primeira rodada.

A falta de correlação significativa entre o Aproveitamento Esportivo e os domínios PC Escolar ( $p= 0,44$ ), PC Aparência Física ( $p= 0,21$ ), PC Comportamental ( $p= 0,18$ ) e PC Autoconceito Geral ( $p= 0,80$ ), pode ter sido influenciada pelo fato dessas variáveis possuírem características distintas. Ou seja, o AE se refere ao número de jogos realizados e aos resultados positivos obtidos pelos atletas (vitórias), enquanto os domínios de PC Escolar, PC Aparência Física, PC Comportamental e PC Autoconceito Geral referem-se a aspectos gerais e não a aspectos específicos do tênis.

Em síntese, o Aproveitamento Esportivo demonstrou ser uma importante variável de mensuração do desempenho do atleta, uma vez que não pareceu ser influenciado pelos critérios que afetam o Ranking Brasileiro (sistemas de pontos, influências políticas, etc.), tal como constatado no presente estudo, e que podem não refletir de forma real o verdadeiro rendimento do esportista. Sugere-se, assim, que futuros estudos possam investigar com maior ênfase a relação do Aproveitamento Esportivo com a percepção de competência dos tenistas.

## 6. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

O objetivo principal do presente estudo foi avaliar o grau de associação entre a Percepção de Competência Pessoal (PCP) de atletas de tênis do sexo masculino da categoria até 12 Anos (12M), as posições por eles ocupadas no *Ranking* Brasileiro, o Aproveitamento Esportivo (AE) e a Experiência Geral (EG) do atleta.

As relações entre o *Ranking* Brasileiro e os domínios da PCP revelaram uma correlação positiva entre o *Ranking* e a PC Atlética, o que permitiu aceitar apenas parcialmente a hipótese  $H_1$ . Destaca-se, entretanto, que a baixa correlação entre essas variáveis não permite afirmar que os atletas que ocupam as melhores posições do *Ranking* Brasileiro são os que possuem melhor PC Atlética. Porém, pode-se concluir que os tenistas apresentam uma alta PC Atlética, independentemente das posições ocupadas no *Ranking* Brasileiro.

As altas correlações encontradas entre o *Ranking*, o Aproveitamento Esportivo e a Experiência Geral permitiram aceitar as hipóteses  $H_2$  e  $H_3$ . Esses resultados parecem estar associados às regras estabelecidas pela CBT, que atribui pontos proporcionais às rodadas alcançadas pelos atletas, além de premiar com pontos os jogadores que participam de torneios oficiais, mas que não obtém êxito na primeira rodada.

Os resultados encontrados entre os domínios da PCP permitiram aceitar parcialmente a hipótese  $H_4$  e demonstraram que os domínios PC Escolar e PC Atlética parecem ter uma relação positiva entre si. Esse fato pode ser atribuído às características semelhantes entre esses domínios, tais como, disciplina, orientação dos objetivos, motivação e estabelecimento de metas, contribuindo para os resultados encontrados no presente estudo. Outra constatação importante acerca das relações entre os domínios da PCP foi a correlação positiva encontrada entre a PC Aparência Física e a PC Comportamental. Isso sugere que há alteração nas atitudes das crianças quando estas participam de atividades esportivas e sociais. As crianças com PC Aparência Física positiva parecem perceberem-se mais aceitas nos meios sociais e conseqüentemente mais confiantes para participar de atividades sociais e esportivas.

Os resultados encontrados no presente estudo também permitiram confirmar parcialmente as hipóteses  $H_5$  e  $H_6$ . Dentre os domínios da PCP, apenas a PC Atlética mostrou correlação significativa com a Experiência Geral ( $H_5$ ) e com o

Aproveitamento Esportivo (H<sub>6</sub>). A relação entre PC Atlética e EG talvez tenha ocorrido devido às características de volume de treinamento, tempo de prática e participação em competições. A relação entre a PC Atlética e o AE pode estar relacionada à participação dos atletas em torneios e aos resultados por eles obtidos.

Em síntese, considerando os resultados encontrados no presente estudo, pode-se dizer que a PCP exerce um papel básico na orientação da motivação, confiança e formação do autoconceito de crianças e jovens. Sendo assim, torna-se de fundamental importância proporcionar aos atletas situações que promovam o êxito e aumentem as experiências positivas de forma controlada e adequada às necessidades dos jovens atletas.

Diante das limitações do presente estudo, sugere-se que outros instrumentos de avaliação de PCP, mais específicos à modalidade de tênis, sejam utilizados, a fim de ter-se uma avaliação mais apropriada dos aspectos relacionados à PCP desses atletas, contribuindo de forma mais efetiva na formação dos tenistas. Sugere-se também que estudos similares sejam realizados com uma amostra maior, com diferentes categorias e com atletas de ambos os gêneros.

Além disso, aponta-se a necessidade de se aprimorar o regulamento do *Ranking* da CBT, de forma a estimular as crianças a participarem de competições orientadas a alcançarem objetivos de rendimento e a buscarem resultados positivos, baseados no seu esforço próprio. Acredita-se que, assim, os atletas possam desenvolver uma PCP mais realista, comparando-se com seu próprio rendimento e motivando-se mais intrinsecamente para a prática esportiva, evitando o abandono precoce da modalidade.

Espera-se, por fim, que os resultados do presente estudo possam orientar as atividades práticas desenvolvidas em aulas e treinamentos destinados às crianças e jovens, visando o desenvolvimento de uma PC positiva. Ou seja, que as atividades voltadas para a iniciação esportiva contemplem conteúdos que fortaleçam o êxito (jogos cooperativos e competitivos com diversos sistemas de pontuação) e que apresentem desafios progressivos e adequados à capacidade dos participantes. Também importante é que os jovens atletas sejam estimulados a agirem com independência e autonomia, a focalizarem metas e objetivos que estejam de acordo com o seu nível de desenvolvimento e a fortalecerem um senso de autocrítica que lhes permita construir uma PC Pessoal realista.

## REFERÊNCIAS

ANASTÁCIO, Z. C.; CARVALHO, G. S. Saúde na adolescência: satisfação com a imagem corporal e a auto-estima. *In* Actas do III Encontro Nacional de Promoção e Educação para a Saúde. **Beja: Instituto Politécnico de Beja e Núcleo de Saúde Pública do Campo Branco (no prelo)**, 2003.

AMOROSE, A. J. SMITH, P. J. K. Feedback as a Source of Physical Competence Information: Effects of Age, Experience and Type of Feedback. **Journal of Sport & Exercise Psychology**, v. 25, p. 341-359, 2003.

BALAGUER. I.; DUDA, J. L.; CRESPO, M. Motivational climate and goal orientations as predictors of perceptions of improvement, satisfaction and coaching ratings among tennis players. **Scandinavian Journal of Medicine & Science in Sports**, v. 9, p. 381-388, 1999.

CASSIDY C. M.; CONROY D. E. Children's Self-Esteem Related to School- and Sport-Specific Perceptions of Self and Others. **Journal of Sport Behavior**, v. 29, n. 1, p. 3-26, 2004.

COLE, T J.; FLEGAL, K. M.; NICHOLLS, D.; JACKSON, A. Body mass index cut offs to define thinness in children and adolescents: international survey. **British Medical Journal**, v. 335, p. 194-202, 2007.

COLE, T. J.; BELLIZZI, M. C.; FLEGAL, K. M.; DIETZ, W. H. Establishing a standard definition for child overweight and obesity worldwide: international survey. **British Medical Journal**, v. 320 n. 6 may, 2000.

COMMITTEE ON SPORTS MEDICINE AND FITNESS. Intensive training and sports specialization in Young athletes. **Pediatrics**, v. 106, p. 154-157, July 2000.

CONDE, W. L.; MONTEIRO, C. A. Body mass index cut-off points for evaluation of nutritional status in Brazilian children and adolescents. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 82, p. 266-72, 2006.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE TÊNIS (CBT). **Regulamento infanto-juvenil 2008**. Versão internet. Disponível em: <http://www.cbtenis.com.br>. Acesso em 10/10/2008.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE TÊNIS (CBT). **Institucional/A origem do tênis**. Versão internet. Disponível em: <http://www.cbtenis.com.br>. Acesso em 10/05/2009.

DEUTSCHER TENNIS BUND e. V. – DTB. **Tennis-Lehrplan Band 2, Unterricht & Training**, BLV, p. 93 - 101. München, 1995.

DANCEY, C. P. REIDY, J. **Estatística sem matemática para psicologia: Usando SPSS para Windows**. 3ª ed. Artmed, Porto Alegre. 2006.

DECI, E. L.; RYAN, R. M. **Intrinsic motivation and self-determination in human behavior**. New York: Plenum Press, 1985.

DEVORE, J. L. **Probabilidade e estatística: para engenharia e ciências**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2006.

FIORESE, L. **A relação entre a percepção de competência de atletas adolescentes e seus motivos para a prática esportiva**. 1993. 87 f. Dissertação (Mestrado em Ciência do Movimento Humano) – Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1993.

FONSECA, M. J. M.; FAERSTEIN, E.; CHOR, D.; LOPES, C. S. Validade de peso e estatura informados e índice de massa corporal: estudo pró-saúde. **Revista Saúde Pública**, v. 38, n. 3, p. 392-398, 2004.

FRY, M. D. NEWTON, M. Application of Achievement Goal Theory in an Urban Youth Tennis Setting. **Journal of Applied Sport Psychology**, n. 15, p. 50-66, 2003.

GABLER, H.; NITSCH, J.; SINGER, R. **Einführung in die Sportpsychologie – Grundthemen**. Schondorf: Hofmann Verlag, 1986.

GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. E. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. 3ª ed., São Paulo: Phorte, 2005.

GAO, Z. College Student's Motivation Toward Weight Training: A Combined Perspective. **Journal of Sport Behavior**, v. 31, n. 1, p. 22-43, 2008.

GERMAIN J. L. HAUSENBLAS H. L. The relationship between perceived and actual physical fitness: A Meta-Analysis. **Journal of Applied Sport Psychology**, n. 18, p. 283–296, 2006.

GILLMEISTER, H. Tennis History. **ITF coaching and Sport Science Review**, n.15, v. 46, p. 16-18, 2008.



GREENLEES, I.; BRADLEY, A.; HOLDER, T.; THELWELL, R. The impact of opponents' non-verbal behavior on the first impressions and outcome expectations of table-tennis players. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 6, p. 103-115, 2005.

GOULD, D. EKLUND, R. PETLICHKOFF, L. PETERSON, K. BUMP, L. Psychological predictors of state anxiety and performance in age-group wrestles. **Pediatric Exercise Science**, v. 3, p. 198-208, 1991.

GOULD, D.; FELTZ, D.; HORN, T.; WEISS, M. Reasons for attrition in competitive youth swimming. **Journal of Sports Behavior**, v. 5, p. 155-165, 1982.

GRISA, R. A. **Percepção de competência e desempenho motor: um estudo correlacional com escolares**. 2008. 111 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física - Universidade Estadual de Maringá), Maringá, 2008.

GRISA, R. A.; GAION, P. A. Percepção de competência motora e desempenho motor: quem pratica esporte é mais competente? **Revista da Educação Física/UEM**. Maringá, v. 18, sup., p.37-39, 2007.

HANEGBY, R. TENENBAUM, G. Blame it on the racket: norm-breaking behaviours among junior tennis players. **Psychology of Sport and Exercise**, n. 2 p. 117-134, 2001.

HANTON, S.; MELLALIEU, S. D.; HALL R. Self-confidence and anxiety interpretation: A qualitative investigation. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 5, p. 477-495, 2004.

HARTER, S. Effectance motivation reconsidered: toward a developmental model. **Human Development**, v. 21, p. 34-64, 1978.

HARTER, S. The Perceived Competence Scale for Children. **Child Development**, v. 53, p. 87-97, 1982.

HARTER, S; CONNELL, J P. A model of a children's achievement and related self-perceptions of competence, control, and motivational orientation. **Advances in Motivation and Achievement**, v. 3, p. 219-250, 1984.

HARTER, S. Manual for the Self-perception Profile for Children. Colorado: **University of Denver**, 1985.

HARTER, S. Symbolic interactionism revisited: Potential liabilities for the self constructed in the crucible of interpersonal relationships. **Merrill-Palmer Quarterly**, v. 45, p. 677-703, 1999.

HORN, T. S. HASBROOK, C. Informational components influencing children's perceptions of their physical competence. In WEISS, M. R.; GOULD, D. Sport for children and youths. **Human Kinetics**, p. 81-88, 1986.

INTERNATIONAL TENNIS FEDERATION (ITF). **Rules of tennis 2008**. Versão internet. Disponível em: <http://www.itftennis.com>. Acesso em 20/10/2008.

JOWETT, S. TIMSON-KATCHIS, M. Social networks in sport: Parental influence on the coach-athlete relationship. **Sport Psychologist**, v. 19, p. 267-287, 2005.

KAMINSKI, G.; RUOFF, B. Auswirkungen des hochleistungssport. In Gabler, H. et al (ed), **Praxis der Psychologie im Leistungssport**. Berlin: Bartels und Wernitz, 1979.

KAKESHITA, I. S.; ALMEIDA, S. S. Relação entre índice de massa corporal e a percepção da autoimagem em universitários. **Revista Saúde Pública**, v. 40, n. 3, p. 497-504, 2006.

LI, W.; LEE A. M.; SOLMON, M. A. Relationships Among Dispositional Ability Conceptions, Intrinsic Motivation, Perceived Competence, Experience, Persistence, and Performance. **Journal of Teaching in Physical Education**, v. 24, p. 51-65, 2005.

MAEHR, M.; NICHOLLS, J. Culture and achievement motivation: A second look. In N. Warren (ed), studies in cross-cultural psychology, v. 2, p. 53-75. New York: **Academic Press**, 1980.

MARTENS, R. **joy and sadness in children's sports**. Champaign, IL. Human kinetics. 1978.

Mc AULEY, E. Success and Causality in Sport: The Influence of Perception. **Journal of Sport Psychology**, v. 7, p. 13-22, 1985.

MEINEL, K. SCHNABEL, G. **Bewegungslehre – sportmotorik**. Berlin: Volk und Wissen, 1987.

MONTEIRO, P. O. A.; VICTORA, C. G.; BARROS, F. C.; TOMASI, E. Diagnóstico de sobrepeso em adolescentes: estudo do desempenho de diferentes critérios para o Índice de Massa Corporal. **Revista Saúde Pública**, v. 34 n. 5, p. 506 -513, 2000.

MUNRO, B. H. **Statisticals methods for health care research**. 4. ed. Philadelphia, Lippincott, 2001.

NASCIMENTO, J. V. **A formação inicial universitária em educação física e desportos: uma abordagem sobre o ambiente percebido e a autopercepção de competência profissional de formandos brasileiros e portugueses**. Tese de doutorado, Universidade do Porto. Maio, 1998.

OMMUNDSEN, Y. PEDERSEN B. H. The role of achievement goal orientations and perceived ability upon somatic and cognitive indices of sport competition trait anxiety. **Scaninavian Journal of Medicine Science and Sports** v. 9, p. 333-343, 1999.

PEREIRA R. J.; et al. Contribuição dos domínios físico, social, psicológico e ambiental para a qualidade de vida global de idosos. **Revista de Psiquiatria RS**, v. 28, n. 1, p. 27-38, 2006.

PÍFFERO, C. M. **Habilidades motoras fundamentais e especializadas, aplicação de habilidades no jogo e percepção de competência de crianças em situação de risco: a influência de um programa de iniciação ao tênis**. Dissertação de mestrado, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do sul. Escola de educação Física, 2007.

RAYAN R. M.; FREDERICK, C. M.; LEPES, D.; RUBIO, N.; SHELDON, K. M. Intrinsic Motivation and Exercise Adherence. **International Journal of Sport Psychology**, v. 28, p. 335-354, 1997.

ROBINSON, T. T.; CARRON, A. V. Personal and Situational Factors Associated with Dropping Out versus Maintaining Participation in Competitive Sport. **Journal of Sport Psychology**, n. 4, p. 364-378, 1982.

SABOROWSKI, G. ALFERMANN, D. WÜRTH, S. Mädchen und frauem im Leistungssport. **Zeitschrift der Trainerakademie**. Köln, n. 3, p. 6-11, 1999.

SAMULSKI, D. M. **Psicologia do esporte: teoria e aplicação prática**. 1a edição, Barueri, SP. Manole, 2005.

SEEFELDT, V. EWING, M. Youth Sports in America: An Overview. **Michigan State University**. 1996.

SEIDAH, A.; BOUFFARD, T. Being Proud of Oneself as a Person or Being Proud of one's Physical Appearance: What matters for feeling well in adolescence? **Social Behavior and Personality**, v. 2, n. 35, p. 255-268, 2007.

SHELDON, J. P. Self-Evaluation of Competence by Adult Athletes: Its Relation to Skill Level and Personal Importance. **The Sport Psychologist**, n. 17, p. 426-443, 2003.

SHELDON, J. P. ECCLES, J. S. Physical and Psychological Predictors of Perceived Ability in Adult Male and Female Tennis Players. **Journal of Applied Sport Psychology**, n. 17, p. 48-63, 2005.

SILVA, S. R. **Desenvolvimento motor e percepção de competência atlética: um estudo com crianças entre 8 e 10 anos da rede pública de ensino**. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2009.

SILVEIRA, E. A.; ARAÚJO, C. L.; GIGANTE, D. P.; BARROS, A. J. D.; LIMA, M. S. Validação do peso e altura referidos para o diagnóstico do estado nutricional em uma população de adultos no Sul do Brasil. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 21, n.1, p. 235-245, jan - fev, 2005.

SMOLL, F. Introduction to coaching: communication with parents. **Coaching Association of Canada**, Ottawa, 1986.

SOBRAL, F. J. **Desporto infanto-juvenil: prontidão e talento**. Lisboa: Livros Belo Horizonte, 1994.

SPINK, K. S.; ROBERTS, G. C. Ambiguity of outcome and causal attributions. **Journal of Sport Psychology**, v. 2, p. 237-244, 1980.

STEFANELLO, J. M. F. Psicologia do desporto: **aplicações e contribuições para o treinamento desportivo de crianças e jovens**. In: SILVA, F.M. (org.). **Treinamento Desportivo: aplicações e implicações**. João Pessoa: Editora Universitária, p. 173-201, 2002.

TENENBAUM, G.; LIDOR, R.; LAVYAN, N.; MORROW, K.; TONNEL, S.; GERSHGOREN, A. Dispositional and Task-Specific Social-Cognitive Determinants of Physical Effort Perseverance. **The Journal of Psychology**, v. 2, p. 139-157, 2005.

THOMAS J. R.; NELSON J. K.; SILVERMAN S. J. **Metodologia de Pesquisa em atividade física**. 5ª Ed. Artmed, 2007.

TRIOLA, M. F. **Introdução à estatística**. 9ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2005.

ULRICH, B. D. Perceptions of physical competence, motor competence, and participation in organized Sport: their interrelationship in Young children. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, v. 58, n. 1 p. 57-67, 1987.

VALENTINI, Nadia C. A influência de uma intervenção no desempenho motor e na percepção de competência de crianças com atrasos motores. **Revista Paulista de Educação Física**, v. 16, p. 61-75, 2002.

VIEIRA, R. A. C.; ALVAREZ, M. M.; MARINS, V. M. R.; SICHIERI, R.; VEIGA, G. V. Desempenho de pontos de corte do índice de massa corporal de diferentes referências na predição de gordura corporal em adolescentes. **Caderno de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 22, n. 8, p.1681-1690, ago, 2006.

VILLWOCK, G.; VALENTINI, N. C. Percepção de competência atlética, orientação motivacional e competência motora em crianças de escolas públicas: estudo desenvolvimentista e correlacional. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.** São Paulo, v. 21, n. 4, p. 245-57, out./dez. 2007.

WEBSTER, A. L. **Estatística aplicada à administração e economia**. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

WEINBERG, R. S.; GOULD, D. **Fundamentos da Psicologia do Esporte e do Exercício**. 4a. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

WEISS, M. R.; AMOROSE A. J. Children's Self-Perceptions in the Physical Domain: Between- and Within-Age Variability in Level, Accuracy, and Sources of Perceived Competence. **Journal of Sport & Exercise Psychology**, n. 27, p. 226-244, 2005.

WEISS, M. R.; BREDDEMEIER, J.; SHEWSHUK, R. M. The dynamics of perceived competence, perceived control, and motivational orientation in youth sport. **Human Kinetics Publishers, Inc.**, p. 89-101, 1986.

WEISS, M. R.; CHAUMETON, N. **Motivational orientations in sport**. In T.S. Horn (ed), *Advances in sport psychology*, Champaign, IL: Human Kinetics, p. 61-99, 1992.

WEISS, M. R.; FERRER-CAJA, E. **Motivational orientations and sport behavior**. In T. Horn (ed.), *Advances in Sport Psychology*, p. 101-184. Champaign, IL: Human Kinetics, 2002

WEISS, M. R. PETLICHKOFF, L. M. Children's Motivation for Participation in and Withdrawal From Sport: identifying the missing Links. **Pediatric exercise science** v. 1, p. 195-211, 1989.

WEISS, M. R. SMITH, A. L. THEEBOOM, M. "That's what friends are for": Children's and teenagers perceptions of peer relationships in sport domain. **Journal of Sport and Exercise Psychology**, v. 18, p. 347-379, 1996.

WOODS, A. M.; BOLTON, K. N.; GRABER K. C.; CRULL, G. S. Chapter 5: Influences of Perceived Motor Competence and Motives on Children's Physical Activity. **Journal of Teaching in Physical Education**, Human Kinetics, v. 26, p. 390-403, 2007.

XAVIER, A. A. P. **Predição de conforto térmico em ambientes internos com atividades sedentárias** - teoria física aliada a estudos de campo. Florianópolis, 2000. 254 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina.

## APÊNDICES

## APÊNDICE 1 – AUTORIZAÇÃO DO CLUBE

\_\_\_\_\_, de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Ilmo Sr. Diretor do Departamento de tênis do

Clube: \_\_\_\_\_

Venho por meio desta, solicitar sua autorização para a coleta de dados da pesquisa **“PERCEPÇÃO DE COMPETÊNCIA PESSOAL DE TENISTAS”**, do Mestrando Eduardo C. G. Figueiredo, sob orientação da Professora Dra. Joice M. F. Stefanello do Programa de Mestrado em Educação Física do Departamento de Educação Física da UFPR.

O presente estudo tem por finalidade investigar a relação entre a percepção de competência pessoal no tênis, através de preenchimento de questionário com dados pessoais seguido da aplicação, medida de peso e altura, maturação sexual através de desenhos, auto-avaliação da autoimagem através de protocolo baseado em silhuetas desenhadas da figura humana e por fim avaliação da percepção de competência pessoal por meio de questionário próprio. As avaliações gastarão cerca de 50 minutos para serem aplicadas.

Os benefícios esperados são:

- Determinar a correlação entre a percepção de competência pessoal e a posição ocupada no *ranking* brasileiro pelos atletas de tênis da categoria até 12 anos masculina.
- Determinar a correlação entre percepção de competência pessoal e autoimagem de atletas de tênis da categoria até 12 anos masculino.
- Determinar a correlação entre auto-imagem e a posição ocupada no *ranking* brasileiro pelos atletas de tênis da categoria até 12 anos masculino.
- Dar subsídios aos treinadores, pais e dirigentes para reduzirem os aspectos negativos da competição nesta faixa etária.
- Diminuir o abandono e aumentar a quantidade de crianças com percepção positiva de competência no esporte e conseqüentemente a manutenção delas no tênis por longo período.



A pesquisadora Professora. Dra. Joice M. F. Stefanello e o Mestrando e professor de Educação Física (CREF 001599-G/PR) Eduardo C. G. Figueiredo serão os responsáveis em acompanhar a coleta de dados assim como a interpretação dos mesmos.

A participação do atleta nesta pesquisa é voluntária e não será remunerada. Assim como é dada liberdade para o atleta recusar a participar do estudo ou desistir a qualquer momento. Todas as despesas da coleta ficarão a encargo dos pesquisadores. Esta pesquisa não oferece riscos ou desconforto físico ou mental aos participantes.

Eduardo C. G. Figueiredo (CREF 001599-G/PR)

Telefone: (41) 8807-4002

---

***Nome do representante do clube***

---

***Assinatura***

## APÊNDICE 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Senhores pais e/ou responsáveis,

O atleta \_\_\_\_\_ está sendo convidado a participar do estudo “PERCEPÇÃO DE COMPETÊNCIA PESSOAL DE TENISTAS”.

É por meio das pesquisas que ocorrem avanços importantes em todas as áreas, e para tanto a participação do atleta é fundamental.

A preocupação deste estudo é o custo pessoal para o atleta e o esporte em si, diante da interrupção temporária ou definitiva da prática de tênis, dos seus sonhos e dos seus objetivos ocasionados pela desmotivação causada pelas relações negativas da percepção de competência pessoal dos atletas presentes no tênis, principalmente para os que estão iniciando em competição. Pretende-se ainda estudar como é a relação destes fatores entre os atletas de sucesso e por fim fornecer conhecimentos aos treinadores, pais e dirigentes para que desenvolvam estratégias que permitam a todos praticarem tênis de forma contínua, duradoura e prazerosa.

Para que o atleta participe da pesquisa, é necessário o preenchimento de um questionário com dados pessoais (idade, peso, altura, tempo de treinamento, etc.), com 15 questões que demoram cerca de 5 minutos para o preenchimento. Os participantes deverão responder a um protocolo de maturação sexual, o qual é elaborado com desenhos e o participante assinalará a figura que melhor corresponde ao seu grau de maturação sexual atual. Da mesma forma deverão assinalar no instrumento de avaliação da autoimagem (através de desenhos) a silhueta corporal que corresponde àquela que eles acreditam estar e qual gostariam de ser. Também serão medidos o peso corporal e altura com a finalidade de obter o índice de massa corporal (IMC), e para completar a bateria de avaliações será aplicado o questionário de avaliação da percepção de competência pessoal (PCS), o qual é constituído de 36 questões que melhor refletem as percepções pessoais de competência de cada um dos entrevistados, não há questões certas ou erradas e serão respondidas de acordo com uma escala de 4 opções que melhor refletem a

opinião de cada participante. O tempo estimado para responder este questionário é de 15 minutos.

Os procedimentos utilizados na pesquisa não oferecem riscos ou desconforto físico ou mental para os participantes.

Para tanto, o atleta deverá estar cadastrado na Confederação Brasileira de Tênis e participar do ranking até 12 anos da CBT.

Os benefícios esperados são:

- Determinar a correlação entre a percepção de competência pessoal e a posição ocupada no *ranking* brasileiro pelos atletas de tênis da categoria até 12 anos masculina.
- Determinar a correlação entre percepção de competência pessoal e autoimagem de atletas de tênis da categoria até 12 anos masculino.
- Determinar a correlação entre auto-imagem e a posição ocupada no *ranking* brasileiro pelos atletas de tênis da categoria até 12 anos masculino.
- Dar subsídios aos treinadores, pais e dirigentes para reduzirem os aspectos negativos da competição nesta faixa etária.
- Diminuir o abandono e aumentar a quantidade de crianças com percepção positiva de competência no esporte e conseqüentemente a manutenção delas no tênis por longo período.

Os pesquisadores Eduardo C. G. Figueiredo, professor de Educação Física, Mestrando em Educação Física pela Universidade Federal do Paraná e Joice M. F. Stefanello, Professora Doutora da Universidade Federal do Paraná e orientadora, poderão ser contatados através do telefone (041) 8409-6873, (041) 9911-6581 ou (041) 3360-4333. Os mesmos são responsáveis por esta pesquisa e estão à disposição para esclarecer eventuais dúvidas a respeito.

Os responsáveis pelo atleta têm garantidas todas as informações necessárias sobre esta pesquisa, antes durante e depois do estudo.

A participação neste estudo é voluntária. Todo atleta tem a liberdade de se recusar a participar ou, se aceitar participar, retirar este consentimento a qualquer momento.

As informações relacionadas ao estudo poderão ser inspecionadas pelos professores que executam a pesquisa e pelas autoridades legais. No entanto, se qualquer informação for divulgada em relatório ou publicação, isto será feito sob

forma codificada, para que a confidencialidade dos participantes seja mantida. Quando os resultados forem publicados, não aparecerá o nome, e sim um código.

Todas as despesas necessárias para a realização da pesquisa não são da responsabilidade do atleta e/ou de seu responsável.

Pela participação no estudo, o atleta ou responsável não receberá qualquer valor em dinheiro.

Eu, \_\_\_\_\_ li o texto acima e compreendo a natureza e o objetivo deste estudo e a importância em permitir que o atleta participe. A explicação recebida menciona os riscos e benefícios do estudo. Eu entendo que o atleta é livre para interromper sua participação no estudo a qualquer momento sem justificar esta decisão. Eu concordo na participação voluntária do atleta neste estudo.

\_\_\_\_\_  
(Assinatura dos pais ou responsável)

\_\_\_\_\_  
Local e data

EDUARDO CARLOS GONCALVES FIGUEIREDO – CREF 001599-G/PR  
JOICE MARA FACCO STEFANELLO – Orientadora da Pesquisa

## APÊNDICE 3 – AUTORIZAÇÃO DA CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE TÊNIS

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Ilmo Sr. Diretor do Departamento de Capacitação da Confederação Brasileira de Tênis ,

Venho por meio desta, solicitar sua autorização para realizar a pesquisa **“PERCEPÇÃO DE COMPETÊNCIA PESSOAL DE TENISTAS”**, do Mestrando Eduardo C. G. Figueiredo, sob orientação da Professora Dra. Joice M. F. Stefanello do Programa de Mestrado em Educação Física do Departamento de Educação Física da UFPR. A pesquisa será realizada durante torneios oficiais da CBT, além disso, serão utilizados dados do ranking infanto juvenil da categoria “até 12 anos”, as regras de tênis e os regulamentos disponíveis no site oficial da entidade.

O presente estudo tem por finalidade investigar a relação entre a percepção de competência pessoal no tênis, através de preenchimento de questionário com dados pessoais seguido da aplicação, medida de peso e altura, maturação sexual através de desenhos, auto-avaliação da autoimagem através de protocolo baseado em silhuetas desenhadas da figura humana e por fim avaliação da percepção de competência pessoal por meio de questionário próprio. As avaliações gastarão cerca de 50 minutos para serem aplicadas.

Os benefícios esperados são:

- Determinar a correlação entre a percepção de competência pessoal e a posição ocupada no *ranking* brasileiro pelos atletas de tênis da categoria até 12 anos masculina.
- Determinar a correlação entre percepção de competência pessoal e autoimagem de atletas de tênis da categoria até 12 anos masculino.
- Determinar a correlação entre auto-imagem e a posição ocupada no *ranking* brasileiro pelos atletas de tênis da categoria até 12 anos masculino.
- Dar subsídios aos treinadores, pais e dirigentes para reduzirem os aspectos negativos da competição nesta faixa etária.

- Diminuir o abandono e aumentar a quantidade de crianças com percepção positiva de competência no esporte e conseqüentemente a manutenção delas no tênis por longo período.

A pesquisadora Professora. Dra. Joice M. F. Stefanello e o Mestrando e professor de Educação Física (CREF 001599-G/PR) Eduardo C. G. Figueiredo serão os responsáveis em acompanhar a coleta de dados assim como a interpretação dos mesmos.

A participação do atleta nesta pesquisa é voluntária e não será remunerada. Assim como é dada liberdade para o atleta recusar a participar do estudo ou desistir a qualquer momento. Todas as despesas da coleta ficarão a encargo dos pesquisadores. Esta pesquisa não oferece riscos ou desconforto físico ou mental aos participantes.

Eduardo C. G. Figueiredo (CREF 001599-G/PR)

Telefone: (41) 8807-4002

César Kist

---

Nome do representante da CBT

---

Assinatura

## APÊNDICE 4 – QUESTIONÁRIO DE ANAMNESE

QUESTIONÁRIO DE ANAMNESE - Nº \_\_\_\_\_

1. Nome: \_\_\_\_\_ Data Nasc. \_\_\_\_\_
2. Ranking infanto-juvenil CBT categoria até 12 anos: \_\_\_\_\_
3. Sexo: ( ) masculino ( ) feminino.
4. Peso: \_\_\_\_\_ Kg.
5. Altura: \_\_\_\_\_ metros.
6. Quantas vezes por semana normalmente você treina?  
( ) uma ( ) duas ( ) três ( ) quatro ( ) cinco Se mais, quantas vezes? \_\_\_\_
7. Quantas horas por dia normalmente você treina?  
( ) uma ( ) duas ( ) três ( ) quatro Se mais, quantas horas? \_\_\_\_\_
8. Há quanto tempo pratica este esporte? \_\_\_\_\_ anos.
9. Em que ano você jogou o primeiro torneio de classe ou idade da federação? ( )  
2009 ( ) 2008 ( ) 2007 ( ) 2006 ( ) 2005 ( ) 2004  
( ) 2003
10. Em média, quantos torneios você joga por ano, incluindo internos, estaduais e nacionais?  
( ) até 5 ( ) 6 a 10 ( ) 11 a 15 ( ) 16 a 20 ( ) acima de 20.

MUITO OBRIGADO PELA SUA PARTICIPAÇÃO E COLABORAÇÃO

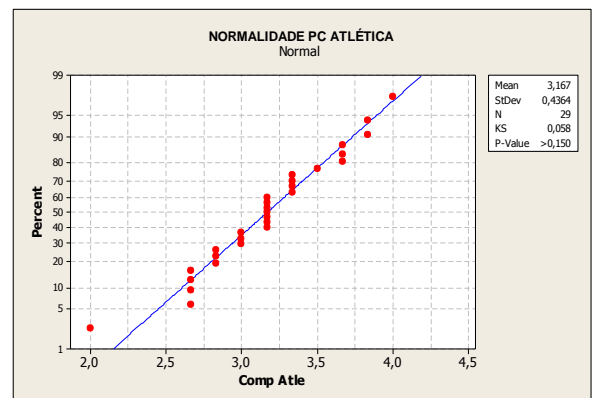
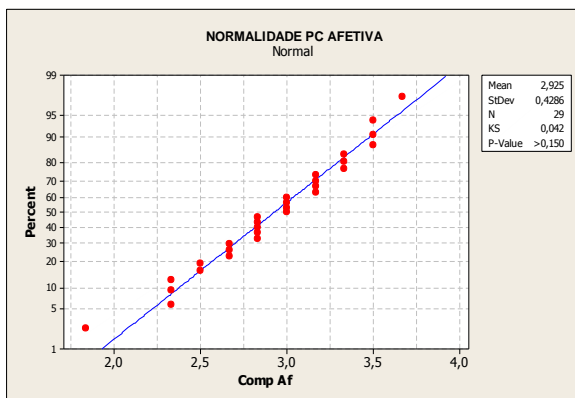
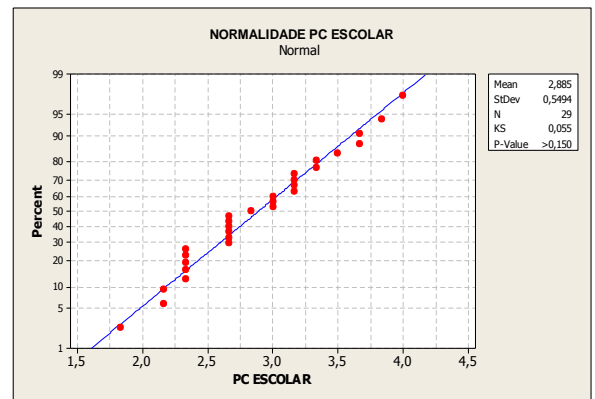
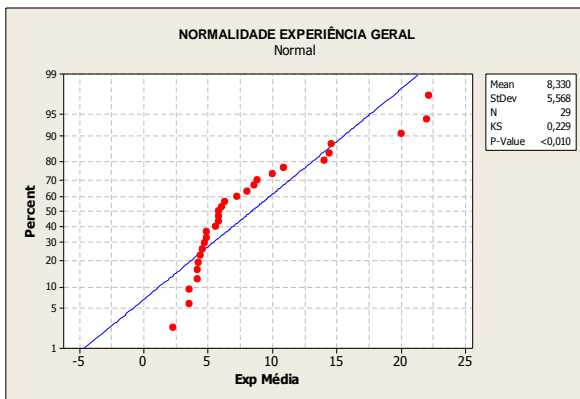
Prof. Dra. Joice M. F. Stefanello e Eduardo C. G. Figueiredo - UFPR

## APÊNDICE 5. NORAMALIDADE UNIVARIADA

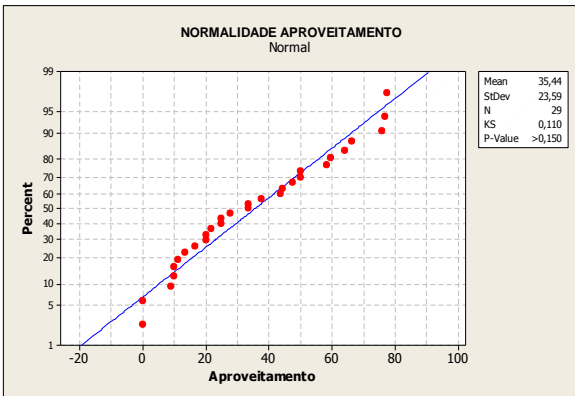
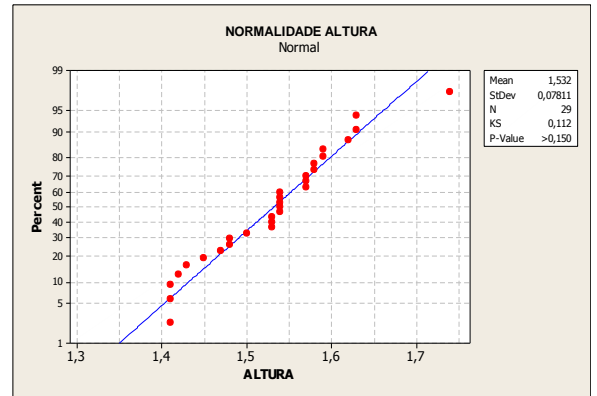
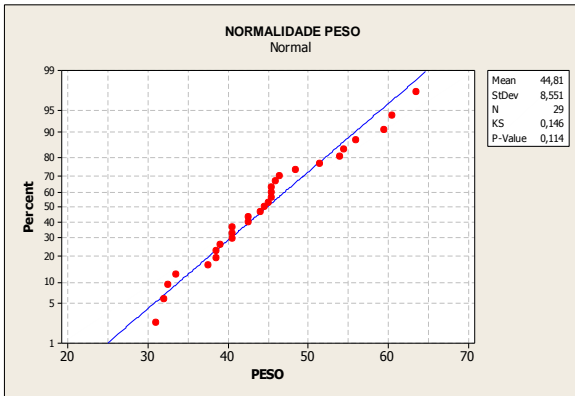
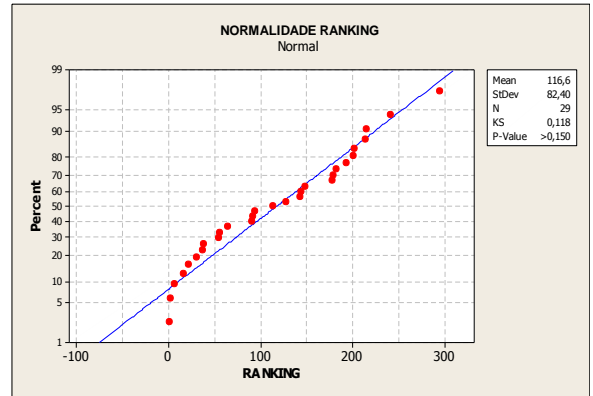
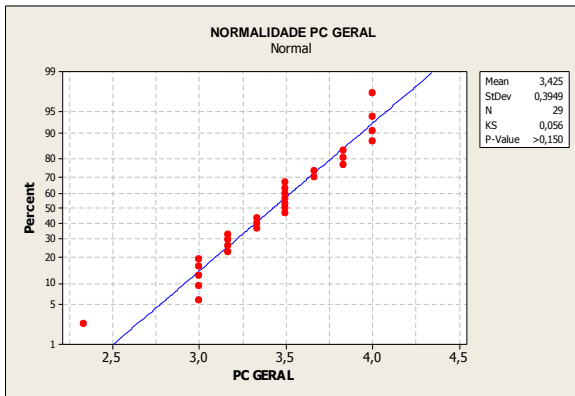
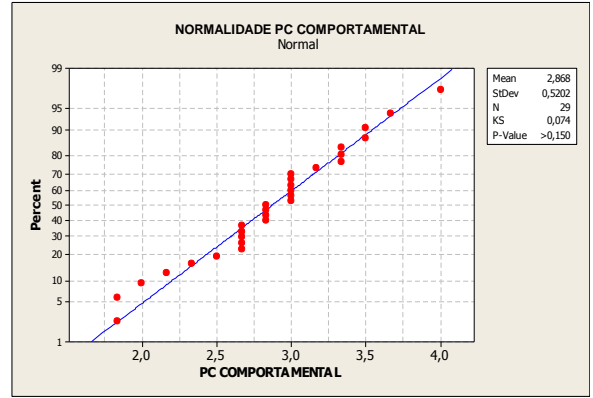
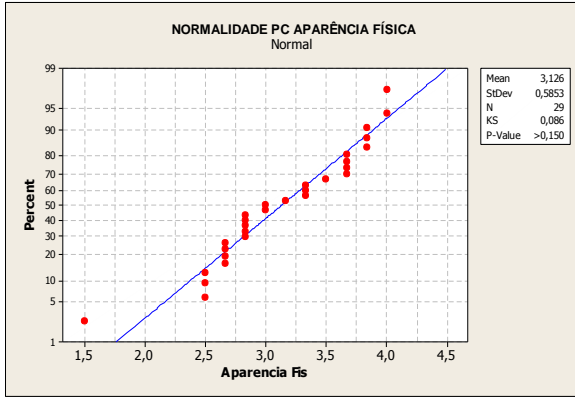
### RESULTADOS DO TESTE DE NORMALIDADE KOLMOGOROV-SMIRNOV (KS)

VARIÁVEL	N	MÉDIA	DESVIO PADRÃO	KS	p
EXPERIÊNCIA GERAL	29	8,33	5,56	0,229	$\leq 0,010^*$
PC ESCOLAR	29	2,88	0,55	0,055	$\geq 0,150$
PC AFETIVA	29	2,95	0,42	0,042	$\geq 0,150$
PC ATLÉTICA	29	3,16	0,43	0,058	$\geq 0,150$
PC APARÊNCIA FÍSICA	29	3,16	0,58	0,86	$\geq 0,150$
PC COMPORTAMENTAL	29	2,87	0,52	0,074	$\geq 0,150$
PC AUTOCONCEITO GERAL	29	3,42	0,39	0,056	$\geq 0,150$
RANKING	29	116,6	82,4	0,118	$\geq 0,150$
PESO	29	44,81	8,55	0,146	$\geq 0,114$
ALTURA	29	1,53	0,08	0,112	$\geq 0,150$
APROVEITAMENTO	29	35,44	23,59	0,11	$\geq 0,150$

\*  $p \leq 0,05$



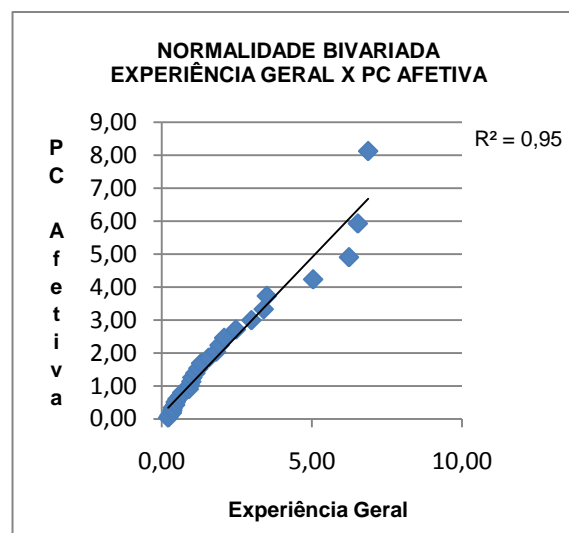
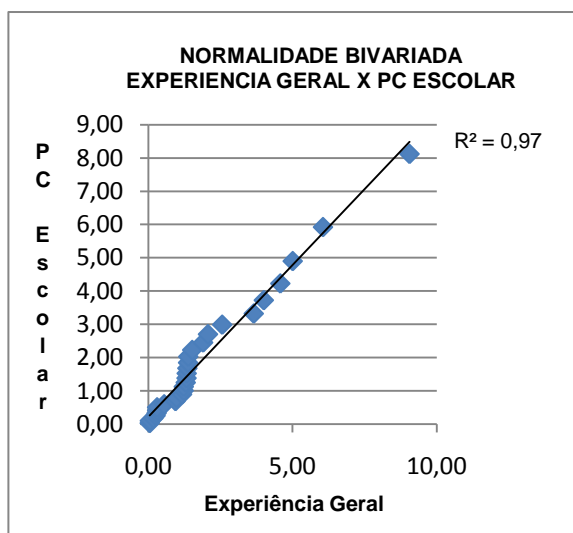


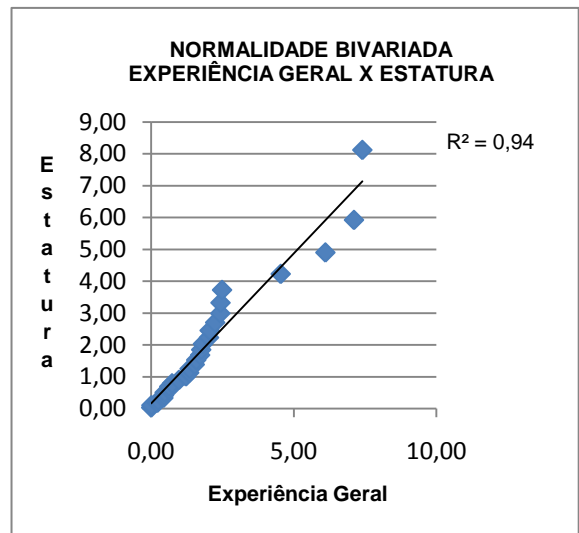
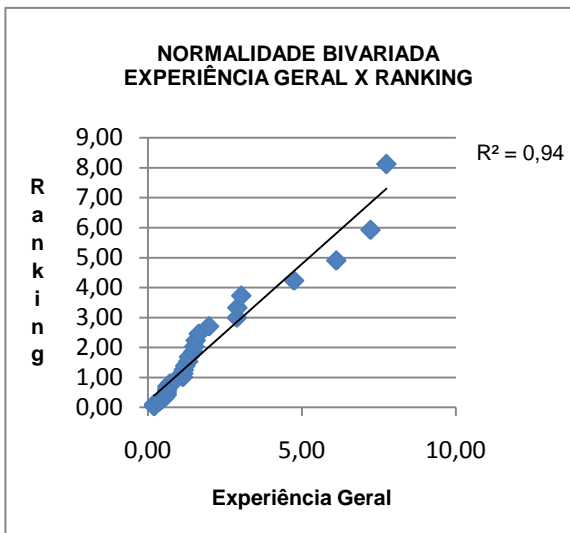
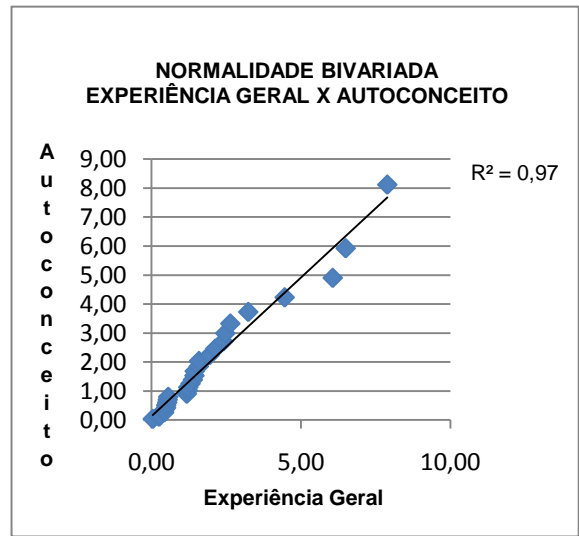
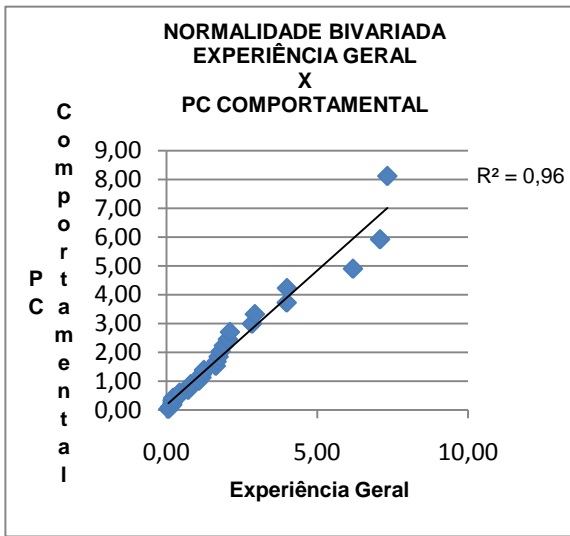
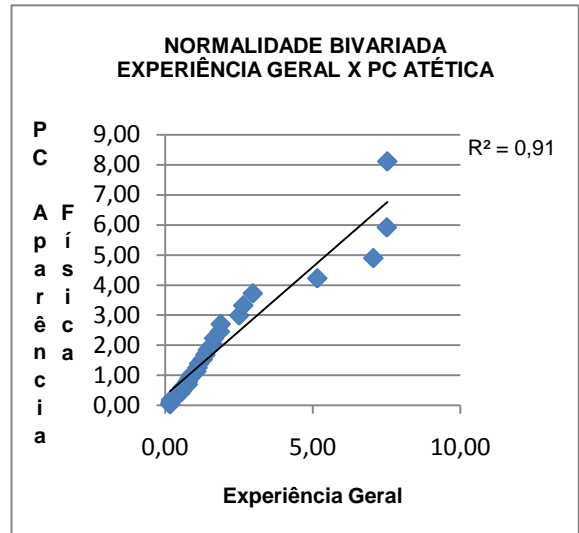
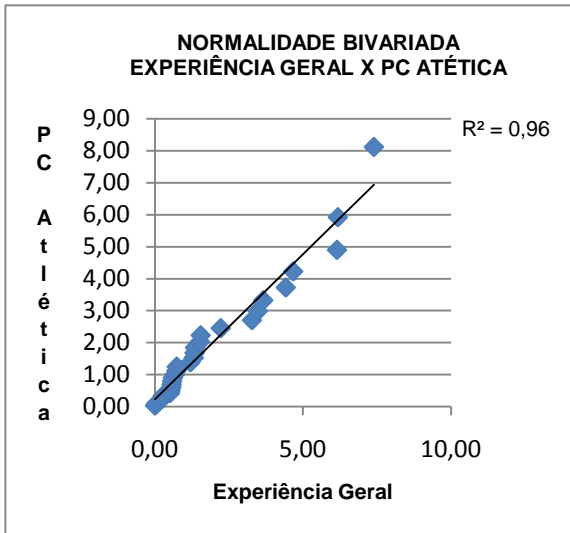


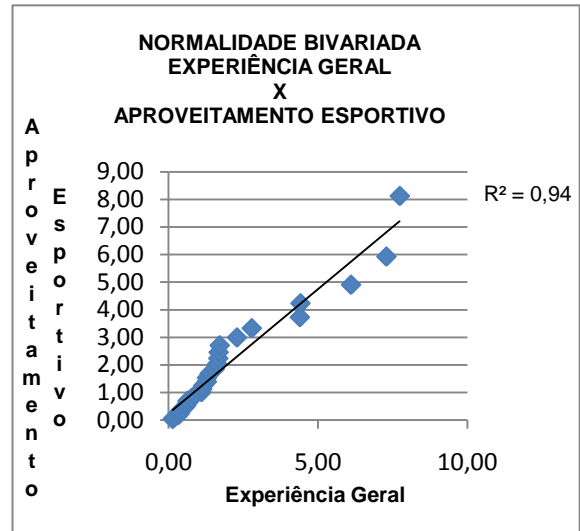
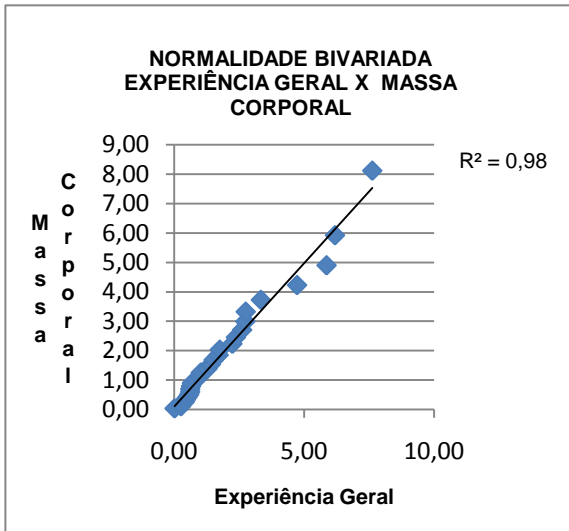
## APÊNDICE 6. NORMALIDADE BIVARIADA

### NORMALIDADE BIVARIADA PARA EXPERIÊNCIA GERAL

VARIÁVEIS	R	R <sup>2</sup>
EXPERIÊNCIA GERAL X PC ESCOLAR	0,97	0,97
EXPERIÊNCIA GERAL X PC AFETIVA	0,97	0,95
EXPERIÊNCIA GERAL X PC ATLÉTICA	0,98	0,96
EXPERIÊNCIA GERAL X PC APARÊNCIA FÍSICA	0,96	0,91
EXPERIÊNCIA GERAL X PC COMPORTAMENTAL	0,98	0,96
EXPERIÊNCIA GERAL X PC GERAL	0,98	0,97
EXPERIÊNCIA GERAL X ESTATURA	0,99	0,94
EXPERIÊNCIA GERAL X MASSA CORPORAL	0,99	0,98
EXPERIÊNCIA GERAL X RANKING	0,97	0,94
EXPERIÊNCIA GERAL X APROVEITAMENTO ESPORTIVO	0,97	0,94







**ANEXOS**

## ANEXO 1- REGULAMENTO DO RANKING CBT

1. *Elaboração do Ranking Combinado:* O Ranking Nacional Infanto-Juvenil de simples deverá levar em consideração os 12 melhores resultados no ano de simples e 25% da pontuação de duplas, sendo os 07 (sete) melhores até 30 de junho e 05 (cinco) melhores até 31 de dezembro de 2008, independente de serem torneios nacionais ou internacionais.
2. Os torneios em formato de circuitos, com exceção do Grupo I, poderão realizar 02 etapas na mesma semana apenas nos meses de janeiro e julho (férias escolares). Esses circuitos não terão bonificação. O jogador que nos meses acima participar de duas competições terão computados 50% (cinquenta por cento) da pontuação de cada um deles. Nos demais meses será permitida somente a participação em um evento por semana. Considerar-se-á também torneios profissionais.
3. **Resultados:** Nos resultados dos torneios internacionais realizados fora do país, os pontos somente serão computados caso estes jogadores estejam devidamente regularizados na CBT, para disputá-los.
4. **Envio de Resultados pelo Jogador (a):** É responsabilidade do tenista, enviar as chaves completas dos torneios internacionais que disputar fora do país para que possam ser pontuadas. A CBT usará todos os meios disponíveis para ter acesso aos resultados dos principais torneios internacionais.
5. **Envio de Resultado pela Federação:** No caso dos torneios organizados pelas federações estaduais, e que contarão pontos para o ranking nacional, será de responsabilidade da federação estadual organizadora o envio de todas as chaves para o Departamento Técnico da CBT (Qualifying, simples e duplas), devidamente preenchidas, no dia seguinte ao término do evento. Caso a CBT não receba as chaves em tempo hábil para homologação, o ranking será calculado sem esses resultados, sendo os mesmos computados na semana seguinte.
6. **Divulgação:** O Ranking Infanto-Juvenil continuará sendo divulgado semanalmente todo sábado, com os resultados dos torneios nacionais e internacionais terminados até a quarta-feira anterior.
7. **Perda de Pontos por W.O:** A partir da terceira ocorrência de W.O o jogador (a) perderá pontos no ranking independentemente do motivo pelo qual cancelou, terá esse resultado como um de seus melhores do ano e pagará uma multa no valor de R\$ 100,00 (cem reais).

**8. Perda de Pontos por W.O em 2º Rodada em diante:** O tenista que perder por W.O em qualquer outra rodada, mesmo que seja a primeira ocorrência no ano, perderá pontos no ranking, terá esse resultado como um de seus melhores do semestre e pagará uma multa de R\$ 100,00 (cem reais). Além do que fica impossibilitado de participar das provas de Duplas.

**9. Conferência:** É facultado a CBT averiguar ou conferir os resultados junto aos órgãos internacionais de tênis (ITF/COSAT), bem como às Federações Estaduais e, constatados resultados irregulares ou informações inexatas nas chaves enviadas por algum tenista, o mesmo poderá ser punido disciplinarmente pela CBT, na forma de:

*1ª Ocorrência:* Advertência e perda de todos os pontos ganhos no último torneio disputado;

*2ª Ocorrência:* Suspensão de 30 (trinta) dias.

**Observação:** Será divulgado separadamente o ranking de simples e de duplas.

#### *RANKING DE TRANSIÇÃO*

O ranking de transição será definido através do “Evento de Transição - 2009” e dos critérios que seguem abaixo. O evento será realizado pela CBT no final do ano de 2008, com pontuação e critérios de “Grupo I”, com a participação dos melhores do ranking de cada categoria definidos pelos critérios do ranking de transição. Exceção à gratuidade que não haverá neste caso. Ressaltando que os jogadores (as) em transição irão competir em suas novas categorias.

Finalizada a competição, o resultado desta irá definir ranking que permanecerá durante o mês de janeiro de 2009, sendo atualizado na primeira semana de fevereiro de acordo com os resultados obtidos no mês anterior.

Seguem abaixo:

Dos tenistas que **permanecem** na categoria, classificam-se os 05 (cinco) primeiros, desde que colocados até o 10º lugar no ranking;

Dos tenistas que **mudam** de categoria, classificam-se os 02 (dois) primeiros, desde que colocados até o 5º lugar no ranking anterior;

Dos que **permanecem** na categoria, classificam-se mais 03 (três), desde que colocados até o 20ª lugar no ranking;

Dos que **mudam** de categoria, classificam-se mais 02 (dois), desde que colocados até o 10º lugar do ranking anterior;

Dos que **permanecem** na categoria, classificam-se mais 05 (cinco), desde que colocados até o 30º lugar no ranking;

Dos que **mudam** de categoria, classificam-se mais 03 (três), desde que colocados até o 20º lugar no ranking anterior;

Dos que **permanecem** na categoria, classificam-se mais 05 (cinco), desde que colocados até o 40º lugar no ranking;

Dos que **mudam** de categoria, classificam-se mais 05 (cinco), desde que colocados até o 30º lugar no ranking anterior;

Dos que **permanecem** na categoria, classificam-se mais 10 (dez), desde que colocados até o 50º lugar no ranking;

Dos que **mudam** de categoria, classificam-se mais 10 (dez), desde que colocados até o 40º lugar no ranking anterior, e assim sucessivamente, classificando-se sempre de dez em dez.

## GRUPOS E PONTUAÇÃO

A pontuação para o "Ranking Nacional" e a Classificação dos Torneios Nacionais e Internacionais em cada temporada, de 1º de janeiro a 31 de dezembro, para as provas de simples e duplas, obedecerá à divisão de grupos e pontos conforme demonstrado a seguir:

- A. O tenista somente marcará pontos na categoria em que disputou o torneio;
- B. Os tenistas que forem desclassificados (Código de Conduta) ou perderem por W.O em simples ou duplas, terão todos os seus resultados anulados na competição. Nas duplas, somente será penalizado o jogador que der origem ao W.O, não sendo penalizado o tenista da dupla que confirmar presença. Se o fato ocorrer a partir da segunda rodada não serão considerados os pontos da rodada anterior.
- C. Nas provas disputadas em grupo, os tenistas que forem desclassificados (Código de Conduta) ou perderem por W.O, em qualquer rodada, terão todos os seus resultados anulados para efeito de pontuação no ranking e critérios de desempate.
- D. Os perdedores em 1ª rodada em qualquer torneio nacional marcarão apenas 01 ponto. Caso o jogador tenha saído avançado na chave (Bye) e perder o seu primeiro jogo, também marcará pontos como perdedor de 1ª rodada (01 ponto).
- E. Os jogadores que entrarem na chave principal através do Qualifying e perderem na primeira rodada receberão os pontos correspondentes a essa fase (ver Tabela de



Pontuação). Não se aplicará este item aos jogadores que participarem da chave principal como Lucky Losers.

F. Nas provas realizadas pelo sistema "Round Robin", os tenistas que não vencerem nenhuma partida receberão pontos de perdedores de 1ª rodada (01 ponto). Na categoria 12 anos, quando disputada em duas fases (Round Robin e eliminatória), os tenistas que não se classificarem para a segunda fase, tendo vencido alguma partida na fase Round Robin, marcarão pontos considerando-se como se tivessem perdido em rodadas anteriores em relação à chave eliminatória. A partir de 1º de janeiro de 2008, os torneios nacionais terão seus grupos definidos através de um novo critério. Os torneios serão distribuídos em 04 (quatro) níveis distintos:

## GRUPOS

### Grupo A

*Torneios ITF 18 anos Grupo "A", I e II*

*Torneios COSAT 14 e 16 anos Grupo I*

*Torneios da Gira Européia 14 e 16 anos*

*Torneio "Eddie Herr" USA 12, 14 e 16 anos*

*Torneio "Orange Bowl" USA 12, 14 e 16 anos*

*Torneio "Banana Bowl" e "Copa Gerdau" 12 anos*

*Torneio "Brasileirão" 12, 14, 16 e 18 anos*

*Máster CBT*

### Grupo I

*Torneios ITF 18 anos Grupo III*

*Torneios COSAT 14 e 16 anos Grupo II*

*Torneios Copa São Paulo – SP e Copa Gedore – RS*

*Torneios Nacionais GI – 10 eventos por ano – mínimo de 100 inscritos*

*Torneio Copa das Federações categorias 12, 14, 16 e 18 anos*

*Torneio de Transição (nome a definir)*

### Grupo II

*Torneios ITF 18 anos Grupo IV e V*

*Torneios COSAT 14 e 16 anos Grupo III*

*Torneios Nacionais GII – Federações – 12 eventos por ano – mínimo de 80 inscritos*

*Máster Circuitos Regionais*

*Bônus Torneio Mundial e Sul-americano por equipes*

## Grupo III

*Etapas Circuito Regional – mínimo de 60 inscritos**Máster Circuitos Estaduais**Torneio Brasileiro – mínimo de 150 inscritos e 03 estados*

## Grupo IV

*Etapas Circuitos Estadual – mínimo de 40 inscritos**Torneio Brasileiro – mínimo de 100 inscritos e 02 estados*

## PONTUAÇÃO

## Bonificação por qualidade das chaves em torneios nacionais

Todas as chaves dos torneios da CBT a partir de 2007 receberão uma bonificação na sua pontuação de acordo com o ranking dos participantes. (ver tabela específica).

Os primeiros 20 jogadores do ranking nacional de simples irão determinar a bonificação da pontuação das

chaves nos torneios nacionais:

8 ou mais jogadores entre os 20 do ranking----- 30% bônus.

5 a 7 jogadores entre os 20 do ranking----- 20% bônus.

3 a 4 jogadores entre os 20 do ranking----- 15% bônus

2 jogadores entre os 20 do ranking----- 5% bônus.

## Importante:

A. Etapas de circuitos regionais realizados na mesma semana não terão direito a bonificação.

B. A pontuação no Campeonato Copa das Federações (Grupo I) é computada para todos os integrantes da equipe, conforme a rodada que sofreu a derrota.

C. Compete única e exclusivamente a CBT a definição da graduação de toda e qualquer competição nacional.

## GRUPOS A I II III IV

Campeão 250 160 100 60 45

Vice-Campeão 200 110 75 40 30

Semifinalista 150 80 50 30 20

1/4 de final 100 45 30 20 10

1/8 de final 45 20 15 10 5

1/16 de final 20 15 10

1/32 de final 15 10 5

## ANEXO 2 - ESCALA DE PERCEPÇÃO DE COMPETÊNCIA

NOME: \_\_\_\_\_ N° \_\_\_\_\_

	Totalmente verdadeira para mim	Um pouco verdade para mim		MAS		Um pouco verdade para mim	Totalmente verdadeira para mim
1.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas pessoas sentem que elas são muito boas em seus trabalhos escolares	MAS	Outras pessoas ficam preocupadas se podem fazer o trabalho escolar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas pessoas sentem dificuldades para fazer amigos	MAS	Outras pessoas sentem facilidades para fazer amigos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas pessoas fazem muito bem todos os tipos de esportes	MAS	Outras pessoas não sentem que são muito boas quando praticam esportes	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas pessoas são felizes com seu jeito de ser	MAS	Outras pessoas são infelizes com seu jeito de ser	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas pessoas não gostam freqüentemente do modo que elas se comportam	MAS	Outras pessoas gostam de seu comportamento usualmente	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas pessoas são freqüentemente infelizes com elas próprias	MAS	Outras pessoas são felizes com elas próprias	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Totalmente verdadeira para mim	Um pouco verdade para mim				Um pouco verdade para mim	Totalmente verdadeira para mim

7.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas pessoas sentem que são tão espertas quanto outras pessoas de sua idade	MAS	Outras pessoas não têm certeza se elas são tão espertas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas pessoas têm muitos amigos	MAS	Outras pessoas não têm muitos amigos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas pessoas desejam ser melhor nos esportes	MAS	Outras pessoas sentem que elas são boas o suficiente nos esportes	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas pessoas são felizes com sua altura e peso	MAS	Outras pessoas gostariam que seu peso e altura fossem diferentes	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas pessoas fazem geralmente as coisas direito	MAS	Outras pessoas freqüentemente não fazem as coisas direito	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas pessoas não gostam do modo que suas vidas são conduzidas	MAS	Outras pessoas gostam do modo que suas vidas são conduzidas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas pessoas são lentas para cumprir seu trabalho escolar	MAS	Outras pessoas podem fazer seu trabalho escolar rapidamente	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas pessoas gostariam de ter muito mais amigos	MAS	Outras pessoas têm tantos amigos quanto desejam	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Totalmente verdade para mim	Um pouco verdade para mim				Um pouco verdade para mim	Totalmente verdade para mim
15.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas pessoas pensam que podem fazer bem alguma nova atividade esportiva que não tenham tentado antes	MAS	Outras pessoas têm medo de não fazer bem esportes que não tenham praticado antes	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

16.	<input type="text"/>	<input type="text"/>	Algumas pessoas desejam ter o corpo diferente	MAS	Outras pessoas gostam de seu corpo como ele é	<input type="text"/>	<input type="text"/>
17.	<input type="text"/>	<input type="text"/>	Algumas pessoas geralmente comportam-se do modo esperado	MAS	Outras pessoas freqüentemente não comportam-se do modo esperado	<input type="text"/>	<input type="text"/>
18.	<input type="text"/>	<input type="text"/>	Algumas pessoas são felizes com elas próprias	MAS	Outras pessoas freqüentemente não são felizes com elas próprias	<input type="text"/>	<input type="text"/>
19.	<input type="text"/>	<input type="text"/>	Algumas pessoas freqüentemente esquecem o que elas aprendem	MAS	Outras pessoas podem lembrar coisas facilmente	<input type="text"/>	<input type="text"/>
20.	<input type="text"/>	<input type="text"/>	Algumas pessoas estão sempre fazendo coisas com outras pessoas	MAS	Outras pessoas freqüentemente fazem as coisas por elas próprias	<input type="text"/>	<input type="text"/>
21.	<input type="text"/>	<input type="text"/>	Algumas pessoas sentem que são melhores do que outros de sua idade nos esportes	MAS	Outras pessoas não sentem que elas podem jogar bem	<input type="text"/>	<input type="text"/>
22.	<input type="text"/>	<input type="text"/>	Algumas pessoas desejam ter aparência física diferente	MAS	Outras pessoas gostam de sua aparência física	<input type="text"/>	<input type="text"/>
23.	<input type="text"/>	<input type="text"/>	Algumas pessoas freqüentemente têm problemas por causa das coisas que fazem	MAS	Outras pessoas freqüentemente não fazem coisas que trazem problemas para ela	<input type="text"/>	<input type="text"/>
	Totalmente verdade para mim	Um pouco verdade para mim				Um pouco verdade para mim	Totalmente verdade para mim
24.	<input type="text"/>	<input type="text"/>	Algumas pessoas gostam do tipo de pessoa que são	MAS	Outras pessoas freqüentemente desejam ser outra pessoa	<input type="text"/>	<input type="text"/>

25.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas pessoas fazem muito bem seu trabalho de classe	MAS	Outras pessoas não fazem muito bem seu trabalho de classe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
26.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas pessoas desejam que mais pessoas de sua idade gostem dela	MAS	Outras pessoas sentem que a maioria das pessoas de sua idade gosta dela	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
27.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas pessoas em jogos e esportes freqüentemente assistem em vez de jogar	MAS	Outras pessoas freqüentemente preferem jogar a somente assistir	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
28.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas pessoas desejam que algumas coisas de seu rosto ou cabelo fossem diferentes	MAS	Outras pessoas gostam do seu rosto e cabelo do jeito que são	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
29.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas pessoas fazem coisas que sabem que não deveriam fazer	MAS	Outras pessoas dificilmente fazem coisas que elas sabem que não devem fazer	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
30.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas pessoas são muito felizes sendo do modo como elas são	MAS	Outras pessoas desejam ser diferentes	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
31.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas pessoas têm problemas para responder as perguntas na escola	MAS	Outras pessoas quase sempre podem responder as perguntas na escola	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Totalmente verdade para mim	Um pouco verdade para mim				Um pouco verdade para mim	Totalmente verdade para mim
32.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas pessoas são populares com outros de sua idade	MAS	Outras pessoas não são muito populares	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
33.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas pessoas não fazem muito bem novos esportes	MAS	Outras pessoas são boas ao iniciar novos esportes	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas pessoas pensam que tem boa aparência		Outras pessoas pensam que não tem boa aparência	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

34.   **MAS**
35.   Algumas pessoas comportam-se muito bem por si próprias **MAS** Outras pessoas freqüentemente acham difícil comportarem-se bem por si próprias
36.   Algumas pessoas não são muito felizes com o modo que elas fazem muitas coisas **MAS** Outras pessoas pensam que o modo que elas fazem as coisas está bom





### ANEXO 3 – EXEMPLO DE FICHA TÉCNICA 2009 – CBT

Emitida em: XXXXX

Registro: XXXXX

Nome: XXXXXXXXXX

Prova: 12M

ATENÇÃO! ESTA FICHA TÉCNICA REFERE-SE A SITUAÇÃO DO(A) TENISTA NO PERÍODO DE 01/01/2009 A 31/12/2009.

-----  
 TORNEIO: 45 - Circuito Unimed de Tênis - Joinville INICIO PROVA: 30/03/2009  
 PROVA: 12M

JG Nº - FASE- TENISTA ADVERSARIO - CLUBE - RESULTADO - CONTAGEM – GRUPO - BONUS

2	016	43376 – Fulano de Tal	SC	Derr. Simples	6 x 2, 6 x 1	1.00	0.20
---	-----	-----------------------	----	---------------	--------------	------	------

#### TORNEIOS PONTUADOS

Prova Codigo Torneio Pontos

12M 1015 Copa Guga Kuerten de Tênis 1.3

12M 47 Credicard Mastercard Junior´s Cup - Paraná 1.3

12M 45 Circuito Unimed de Tênis - Joinville 1.2

12M 171 Copa Santa Catarina - 12 Anos 1

## ANEXO 4 – EXEMPLO DE RANKING CBT

Seleção de Ranking 11/12/2009

Depto.: Infanto-Juvenil Categoria: 12 ANOS MASCULINO SIMPLES (12M)

Pos.	Tenista	UF	Pontos Nac.	Pontos Int.	Rank. Comb.	Torneios Disput.	Total
1	23959 - Gabriel Roveri Sidney	PR	1,984.00	0.00	353.75	12.00	2,337.75
2	24035 - Renato Francisco B. Rosa Junior	SC	2,042.00	0.00	208.75	12.00	2,250.75
3	37692 - Pietro Oliveira Gonçalves da Silva	RS	1,589.50	0.00	378.75	12.00	1,968.25
4	24008 - Andre Costa Corral Ponce	SP	1,353.00	0.00	340.25	12.00	1,693.25
5	37732 - Victor Severo Castro	RS	1,182.00	0.00	125.25	12.00	1,307.25
6	30861 - Thiago Iglesias Pereira Coelho	RJ	1,031.30	0.00	163.00	11.00	1,194.30
7	24024 - Luiz Fernando Bara Faria	MG	598.50	0.00	356.25	12.00	954.75
8	40250 - Ruy Costa Guarita Neto	SC	671.50	0.00	203.75	12.00	875.25
9	24014 - Lucas Costa Raphael	RJ	704.00	0.00	123.00	10.00	827.00
10	24059 - Bernardo Rocha de m Moraes	DF	594.50	0.00	216.25	12.00	810.75